UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PRATICAS DE LETRAMENTO NO CONTEXTO RURAL: VIVÊNCIAS DAS CRIANÇAS EM UM GRUPO DE ESTUDOS BÍBLICOS PENTECOSTAL

AUTORA: ENEUSA MARIZA PINTO XAVIER

ORIENTADORA: PROF.ªDr.ª GABRIELA MEDEIROS NOGUEIRA

ENEUSA MARIZA PINTO XAVIER

PRÁTICAS DE LETRAMENTOS NO CONTEXTO RURAL: VIVÊNCIAS DAS CRIANÇAS EM UM GRUPO DE ESTUDOS BÍBLICOS PENTECOSTAL

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEDU, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Orientadora: Profª. Drª Gabriela Medeiros Nogueira

RIO GRANDE
2019

Ficha catalográfica

X3p Xavier, Eneusa Mariza Pinto.
Práticas de letramentos no contexto rural: vivências das crianças em um grupo de estudos bíblicos pentecostal / Eneusa Mariza Pinto Xavier. – 2019.
102 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio Grande/RS, 2019.
Orientadora: Dra. Gabriela Medeiros Nogueira.

1. Práticas de Letramentos 2. Etnografia 3. Pesquisa com Crianças 4. Grupo de Estudos Bíblicos Pentecostal I. Nogueira, Gabriela Medeiros II. Título.

CDU 028.1:248.57-053.2

Catalogação na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para que eu pudesse realizar essa dissertação de mestrado. Em especial a Universidade Federal de Rio Grande- FURG e ao Programa de pós-graduação em Educação, pois somente com investimentos públicos a continuidade dos estudos para uma grande maioria da população brasileira é possível.

À minha querida orientadora, por acreditar e confiar em mim, até nos momentos em que eu pensava que não seria capaz. Agradeço pelas cobranças, pela preocupação, pelo carinho e principalmente pela amizade que supera os muros da universidade. A ti, em especial, dedico esse momento que só se tornou possível por tua dedicação e incentivo desde os primeiros momentos em que nos conhecemos. Sou muito grata! Para sempre!

Aos queridos amigos do Grupo de pesquisa: Karina Pinto, Eliane Brião, Kelly Arruda, Mariana Ojeda, Daiana dos Anjos e Jonas Messias por compartilhar frustrações e realizações, contribuindo para a construção da pesquisa com imenso sentimento de companheirismo e amizade. Também gostaria de agradecer as professoras Carmen Ferreira e Maria Mertzani por suas preciosas colaborações, sempre atenciosas e carinhosas.

Ao meu esposo, Edisnei Xavier, que dividiu comigo todos os momentos de preocupação, aflição, alegria e sempre acreditou em meu sonho, sendo um grande incentivador e amigo.

Aos meus filhos, Thiago Xavier e Aline Xavier pela compreensão, pelo amor, pelo incentivo e pela paciência que sempre tiveram comigo durante esse período da pesquisa.

Agradeço ainda a coordenadora pedagógica da minha escola, Karla Rosane de Avila Nunes, pela compreensão durante minhas ausências, pela motivação, pela parceria e principalmente pelo imenso carinho e amizade em todos os momentos.

Por fim, um agradecimento mais que especial as lideranças da Igreja Evangélica Pentecostal Casa de Oração, por tornarem essa pesquisa possível: Pastor Alessandro Souza Jesus, Diácono Emanoel dos Santos, Pregadores Sullivan Larroza e Márcio Machado, Evangelizadora Maria Pires de Aguiar e as crianças do Grupo de Estudos Bíblicos Herdeiros do Céu. Muito obrigada de coração pelo acolhimento, pela aceitação e pelo carinho. Serão sempre lembrados com muito respeito e afeto, não há palavras para expressar minha eterna gratidão.

RESUMO

Esta dissertação apresenta resultados de uma pesquisa que teve por objetivo conhecer e entender as práticas de letramentos vivenciadas pelas crianças da Agropecuária Canoa Mirim, interior do município de Santa Vitória do Palmar-RS, que participam de um Grupo de Estudos Bíblicos Pentecostal. Para isso, realizei uma pesquisa com perspectiva qualitativa de cunho etnográfico, (AMEIGEIRAS, 2007; GIALDINO, 2007, GHASARIAN, 2008, OLIVEIRA, 2006), considerando as especificidades de pesquisa com crianças (GRAUE e WALSH).Ao longo do ano de 2018, participei como investigadora do Grupo de estudos Bíblicos "Herdeiros do Céu" da Igreja Evangélica Pentecostal Casa de Oração. Os dados foram produzidos por meio da pesquisa participante, de entrevistas não-diretivas, de observação, registros no caderno de anotações e diário de campo, fotografias, desenhos e filmagens. Entendendo letramento como um processo que está intrínseco à particularidade de cada sujeito e articulado com a cultura, a partir da perspectiva teórica de Soares (2006), Brito (2004), Street (2014) e Castanheira (2010). Na problematização da relação de poder que está subentendida nas práticas letradas, utilizo as ideias de Bourdieu e Passeron (1975). Os resultados da pesquisa indicaram três principais práticas de letramentos no grupo investigado: i) a leitura da bíblia ii) a entoação de louvores iii) a oralidade, uma vez que estão profundamente associadas às atividades vivenciadas pelas crianças no contexto desse grupo de estudos bíblicos. Tendo em vista que a leitura da bíblia ocorria de forma sistemática nos encontros, envolvendo escrita, leitura, gestos e oralidade e desencadeando conversas entre os participantes, destaquei como a principal prática de letramento neste contexto. Na observação do trabalho de evangelização das crianças, enfatizo a contação de histórias bíblicas que envolvem atividades coletivas e tem também uma função social, pois as crianças compartilham estas vivências em outros contextos. Na análise deste evento foi possível perceber que as práticas de letramento vivenciadas pelas crianças são sociais e possuem particularidades, envolvendo interações que caracterizam a cultura deste grupo religioso e assim vão organizando e constituindo os modos de ser, falar e agir aceitáveis na cultura dentro desse contexto. Entretanto, estas práticas de letramento, são permeadas pelo poder simbólico que é percebido com a inculcação de ideias nas crianças, moldando o comportamento e induzindo que aceitem os padrões dominantes, os quais são reproduzidos e considerados como legítimos e incontestáveis.

Palavras chaves: Práticas de letramentos, etnografia, pesquisa com crianças, Grupo de Estudos Bíblicos Pentecostal

ABSTRACT

This Master's thesis reports results of a study that aimed at knowing and comprehending literacy practices experienced by children who take part in the Pentecostal Group of Bible Studies at the Agropecuária CanoaMirim, located in Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul (RS) state, Brazil. The ethnographic approach I gave to this qualitative research (AMEIGEIRAS, 2007; GIALDINO, 2007, GHASARIAN, 2008, OLIVEIRA, 2006) enabled me to consider specificities of researches carried out with children (GRAUE and WALSH).I participated as an investigator in the Group of Bible Studies "Herdeiros do Céu", that belongs to the Igreja Evangélica Pentecostal Casa de Oração, in 2018. I collected data by the participatory research, non-directive interviews, observation, notebook registers, diaries, photographs, drawings and filming. I understand literacy as a process that is intrinsic to every person's characteristics and intertwined with culture, based on the theoretical perspective proposed by Soares (2006), Brito (2004), Street (2014) and Castanheira (2010). I used Bourdieu and Passeron's ideas (1975) to problematize the power relation that underlies literacy practices. Results showed the following three main literacy practices in the group under investigation: i) Bible reading; ii) hymn singing; and iii) orality. They are highly associated with activities children experience in the Group of Bible Studies. Considering that Bible reading is a systematic activity in the meetings that include writing, reading, gestures and orality and trigger conversations among participants, I highlighted it as the main literacy practice in this context. After observing work on children's evangelization, I emphasized storytelling, since it involves collective activities and also has a social role, i. e., children share their experiences in other contexts. The analysis of this event made me perceive that literacy practices experienced by children are social and carry certain characteristics; thus, they involve interaction that characterizes the religious group's culture and constitute ways of being, speaking and acting which are accepted in their context. However, these literacy practices are permeated by the symbolic power that can be perceived when children are inculcated with ideas and their behavior is molded to make them accept dominant patterns, which are reproduced and considered legitimate and unquestionable.

Key words: Literacy practices, Ethnography, research with children, Pentecostal Group of Bible Studies

RESUMEN

Esta disertación de maestría presenta los resultados de una investigación que tiene por objetivo conocer y entender las prácticas *letramento* experimentadas por los alumnos de la zona de influencia de la *Agropecuária Canoa Mirim*, mientras participan del Grupo de Estudios Bíblicos de la Iglesia Pentecostal. La agropecuaria está ubicada en el interior del *municipio* de *Santa Vitória do Palmar*, estado de *Rio Grande do Sul.*Desde el punto de vista metodológico esta investigación fue realizada bajo la perspectiva cualitativa de carácter etnográfico *(AMEIGEIRAS, 2007; GIALDINO, 2007, GHASARIAN, 2008, OLIVEIRA, 2006),*considerando las especificidades de una investigación con niños (GRAUE e WALSH). Durante el año 2018, participé como investigadora del *Grupo de* estudios bíblicos *Herdeiros do Céu* de la *Igreja Evangélica Pentecostal Casa de Oração.* Los datos fueron producidos a través de un proceso de investigación participativa, de entrevistas no direccionadas, de observación, del análisis de los cuadernos de anotaciones y del diario de campo, además de fotografías, dibujos y filmaciones. Entiendo *letramento* como un proceso intrínseco a las particularidades de cada sujeto y articulado con la cultura, a partir de la perspectiva teórica de Soares (2006), Brito (2004), Street (2014) y Castanheira (2010). En la problematización de la relación de poder establecida en las prácticas de *letramento*me base en las ideas Bourdieu e Passeron (1975). Los resultados indicaron tres tipos de prácticas de *letramento* en el grupo investigado: i) lectura de la biblia; ii) entonación de alabanzas; iii) la oralidad, dado que están profundamente asociados a actividades experimentado por los niños en el contexto de ese grupo. Tomando en cuenta que la lectura de la biblia se realiza de forma sistemática en las reuniones, desarrollando escritura, lectura, gestos y oralidad y desencadenando conversaciones entre los participantes, destaco a esta como la principal práctica de *letramento* en este contexto. En la observación del trabajo de evangelización de los niños, enfatizo la narración de historias bíblicas que implican actividades colectivas y tienen también una función social, dado que los niños comparten estas actividades en otros contextos. En el análisis de éste evento fue posible percibir que las prácticas de *letramento* experimentado por los niños son sociales y poseen particularidades, que envuelven interacciones que caracterizan a la cultura de este grupo religioso y así van organizando y constituyendo su modo de ser, la forma de hablar y actuar correctamente dentro de ese contexto. Al mismo tiempo las prácticas de *letramento*, son permeadas por el poder simbólico que se percibe mientras se inculcan ideas a los niños, moldeando el comportamiento e induciéndolos a aceptar los patrones dominantes, los cuales son percibidos como legítimos e incuestionables.

Palabras clave: prácticas de letramento, etnografía, investigación con niños, Grupo de Estudios Bíblicos Pentecostal.

Lista de Quadros

Quadro 1- Teses, Dissertações e Monografias publicadas em eventos científicos

Quadro 2 - Gráfico do tempo de serviço de alguns funcionários na Agropecuária Canoa Mirim

Quadro 3- Gráfico comparativo entre o número de analfabetismo do Brasil, Rio Grande do Sul, Santa Vitória do Palmar e Agropecuária Canoa Mirim.

Quadro 4- Gráfico com a situação dos moradores da Agropecuária Canoa Mirim no mercado de trabalho.

Quadro 5- Estruturação dos momentos do culto

Quadro 6 – Rotina das crianças em um dia no Grupo de Estudos Bíblico

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Registro fotográfico do meio de transporte utilizado pelos fiéis da igreja pentecostal Casa de Oração.

Figura 2-Mapa do Brasil com localização da Granja do Salso.

Figura 3-Registro fotográfico da vista aérea da Agropecuária Canoa Mirim.

Figura4-Registro fotográfico da lavoura de arroz Agropecuária Canoa Mirim

Figura 5-Mercado da Ramada.

Figura 6– Prédio sede da Agropecuária Canoa Mirim

Figura 7 –Hotel

Figura 8- Hospedaria de funcionários temporários

Figura 9 –Escola Municipal de Ensino Fundamental BrasilinoPatella

Figura 10– Campo da Assossiação Atlética Salso

Figura 11- Posto de saúde - Agropecuária Canoa Mirim

Figura 12 - Registro fotográfico de publicação do *Whatsapp* da Igreja Casa de Oração

Figura 13: Registro fotográfico do desenho da Manoela

Figura 14- Momento das orações individuais dos pregadores

Figura 15 - Imagem livro da vida

Figura 16: Pesquisa de versículos da Bíblia

Figura 17 - Fotografia das atividades com a Bíblia

Figura 18 – Dinâmica com plaquinha

Figura 19- Livro da Vida

Figura 20 – Ensaio de louvores

Figura 21 – Registro do desenho do A.S

Figura 22 – Momento de brincadeiras e descontração

Lista de abreviaturas

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES - Banco de Dissertações e Teses

EAD – Educação à Distância

FURG- Universidade Federal de Rio Grande

IBGE - Índice Brasileiro de Geografia e Estatística

IE – Instituto de Educação

PPGEDU - Programa de Pós – Graduação em Educação

NLS – Novos Estudos do Letramento

RS – Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

Introdução.....12

CAPÍTULO I – .OS PENTECOSTAIS 15

1.1 Pentecostalismo no Brasil - Breve contexto histórico.....15

1.2 **–** Os Pentecostais na Agropecuária Canoa Mirim – A igreja Casa de Oração.....19

CAPÍTULO II -.ASPECTOS METODOLÓGICOS.....25

2.1**-**Levantamento de produções discutindo letramentos associado a práticas religiosas.....25

2.2 -A estratégia de investigação qualitativa de cunho etnográfico.....30

2.3 -Pesquisa etnográfica dos letramentos no contexto rural.....35

2.4 - Metodologia etnográfica de pesquisa com crianças.....37

2.5 - Situando o contexto da Agropecuária Canoa Mirim.....42

2.6 - Aprendendo com a pesquisa: O trabalho em campo.....51

CAPÍTULO III-REFLETINDO SOBRE O CONCEITO DE LETRAMENTOS.....59

3.1- Letramentos autônomos e ideológicos e a relação entre escrita e oralidade.....61

3.2–Eventos e práticas de letramentos.....63

CAPÍTULO IV-LETRAMENTOS E O PODER SIMBÓLICO NO GRUPO DE ESTUDOS BÍBLICOS.....66

4.1**-** Práticas de letramentos no grupo de estudos bíblicos.....66

4.2 - O culto e as práticas letradas.....69

4.3 - O trabalho pedagógico de evangelização das crianças.....71

4.4 - A contação de histórias como estratégia de conhecimento da Bíblia.....75

4.5 - O uso de plaquinhas como estratégia de conhecimento da Bíblia.....79

4.6 - A entoação de louvores como estratégia de conhecimento da Bíblia.....81

4.7 - Atividades livres, interações, brincadeiras e práticas letradas.....83

4.8 - Trabalho pedagógico no Grupo de Estudos Bíblicos Herdeiros do Céu.....87

4.9 - O poder simbólico.....89

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....93

Referências.....98

Introdução:

Começo esta escrita com o olhar de alguém que há 30 anos saiu da cidade para morar no campo e, mesmo com todo esse tempo, ainda se flagra pensando como um estrangeiro.

Como moradora na Agropecuária Canoa Mirim e como professora na Escola Municipal de Ensino Fundamental Brasilino Patella há 23 anos, tenho acompanhado o desenvolvimento da localidade, o movimento dos alunos e dos professores e reflito sobre as alterações na comunidade.

A inquietude que me acompanha desde sempre, moveu-me em direção ao conhecimento acadêmico. Inicialmente com o Curso de Pedagogia na modalidade Educação à distância - EaD da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, no município de Santa Vitória do Palmar, momento em que realizei uma pesquisa sobre Educação de Campo e a educação escolarizada do local. Essa escrita resultou no tema de meu Trabalho de Conclusão de Curso, defendido em 2015[1].

Dentre os resultados da pesquisa, ressalto a necessidade do meio rural produzir uma pedagogia adequada a sua especificidade, que desenvolva as potencialidades e valorize as características próprias, em uma perspectiva de práticas educativas vinculadas ao meio rural e relacionando a perspectiva da Educação do Campo.

Após o término do curso de Pedagogia, me envolvi em atividades de extensão, atuando junto ao Núcleo Educamemória[2] FURG, tendo a oportunidade de aprofundar a pesquisa sobre a Educação do Campo.

Seguindo meu desejo por continuar estudando, ingressei em julho de 2017 no Curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEDU da Universidade Federal de Rio Grande – FURG. Sendo a linha de pesquisa, formação de professores e práticas educativas.

O projeto de pesquisa apresentado por mim para o ingresso no curso foi relacionado às práticas de leitura no meio rural, buscando refletir sobre a minha prática docente e a realidade da escola em que trabalho.

---

[1]1 O trabalho de conclusão de curso foi orientado pelo Profº. Drº Carmo Thum, sob o título "Educação no Campo cultura, saberes e escolarização no contexto dos Campos Neutrais".

[2]O Núcleo Educamemória – IE/FURG, é um espaço de Pesquisa – Extensão - Formação, que atua com ação educativa em diferentes contextos com a temática da Memória e Educação, de povos tradicionais, Educação do/no Campo e seus correlatos nos processos educativos (formais e não-formais). Tem por objetivo aglutinar profissionais professores e acadêmicos e sujeitos das culturas locais em processos de ensino, extensão, investigação, análise e produção acadêmica sobre os processos da Educação e da Memória. Coordenado pelo Profº. Drº. Carmo Thum.

Dentro desta perspectiva, passei a encontrar certa dificuldade em desenvolver uma investigação, pois não consegui fazer um distanciamento necessário para realizar uma leitura adequada dos dados como pesquisadora, sem trazer minha concepção de professora da escola e membro da comunidade.

Desta forma, após conversar com minha orientadora, procurei na comunidade em que moro, por outros espaços em que a leitura e a escrita estivessem presentes no cotidiano e na vivência das crianças. Na escuta atenta aos diálogos de diversos alunos da escola, chamou-me atenção o fato da grande maioria relatar que frequentava um grupo de estudos bíblicos.

Esse dado incitou meu interesse em transformar as práticas de letramentos realizadas no contexto desse grupo em objeto de pesquisa. Passei então a investigar sobre o tema e percebi que o letramento associado com a religião é pouco explorado em pesquisas acadêmicas, sendo que as questões mais recorrentes nos trabalhos que pude localizar, têm seu foco principal nas práticas religiosas.

Tendo em vista o que foi colocado até então, penso que a pesquisa sobre letramentos no contexto de um grupo de estudos bíblicos pode vir a contribuir com o avanço dos estudos sobre práticas de letramentos em diferentes contextos, uma vez que será realizada fora do ambiente escolar.

Para isso, foi necessário caracterizar este grupo de acordo com sua própria cultura e investigar de que forma estes conhecimentos se articulam no cotidiano das crianças dentro da comunidade da Agropecuária Canoa Mirim.

Surgiu assim, minha questão de pesquisa: Quais práticas de letramentos são vivenciadas pelas crianças da Agropecuária Canoa Mirim no contexto do Grupo de Estudos Bíblicos da Igreja Pentecostal Casa de Oração?

O objetivo principal da investigação é conhecer e entender as práticas de letramentos vivenciadas pelas crianças da Agropecuária Canoa Mirim, que participam do grupo de estudos bíblicos da religião Pentecostal Casa de Oração, localizado no interior do município de Santa Vitória do Palmar-RS.

Os objetivos específicos são: i) identificar quais os suportes de leitura e escrita as crianças têm contato e fazem uso no grupo de estudo, ii) perceber de que maneira esses suportes influenciam no seu vocabulário e ainda iii) demonstrar como estas práticas de letramentos se relacionam com a cultura das crianças vivenciada em outros contextos.

Assim, esta dissertação está organizada em quatro capítulos. No primeiro apresento um o contexto histórico da religião pentecostal no Brasil e também caracterizo a Igreja

Pentecostal Casa de Oração com sua trajetória na Agropecuária Canoa Mirim e a organização de suas atividades.

No segundo capítulo, abordo os aspectos metodológicos da pesquisa, bem como um levantamento das produções científicas que discutem letramentos articulado com a religião apresentadas em eventos acadêmicos de abrangência nacional e regional. Apresento a perspectiva qualitativa de cunho etnográfico (AMEIGEIRAS, 2007; GIALDINO, 2007, GHASARIAN, 2008, OLIVEIRA, 2006), considerando que esta estratégia de investigação oportuniza o conhecimento da realidade e cultura de um grupo por meio de observação interacional e de um olhar e ouvir reflexivo, sensível e crítico, destacando como instrumentos de produção de dados, a entrevista não diretiva, observação participativa e o registro.

Nesta perspectiva, ponderando sobre a especificidade desta pesquisa em que as crianças são o sujeito da investigação, exponho particularidades da etnografia com crianças, enfatizando sua capacidade de produzir cultura através da interação com o outro.

Ainda neste capítulo, apresento os aspectos sociais e culturais da Agropecuária Canoa Mirim, destacando a relevância de conhecer a realidade da comunidade em que realizo a pesquisa como fonte indispensável de informações sobre os sujeitos e suas possibilidades de articular práticas letradas no seu cotidiano.

No terceiro capítulo, com o título "Refletindo sobre o conceito de letramentos", abordo sobre as discussões referentes ao letramento percebido como a competência do sujeito utilizar a leitura e escrita em seu contexto social (BRITTO, 2004; STREET, 2014), no mesmo capítulo, problematizo o conceito de letramentos autônomo e letramentos ideológico (STREET, 2014), entendendo letramentos como um processo que está imbricado com a especificidade de cada sujeito e articulado com a cultura, e sendo assim, não pode ser visto de maneira universal.

Também, trago os conceitos de eventos de letramentos e práticas de letramentos, considerando o primeiro como qualquer ocorrência onde esteja presente a escrita e a leitura interagindo com o sujeito, já o conceito de práticas de letramentos refere-se aos usos sociais de escrita e leitura com envolvimento e reflexão (STREET, 2014).

No quarto capítulo, exponho as reflexões realizadas no decorrer do trabalho de campo, apresentando as práticas de letramentos vivenciadas pelas crianças no contexto do Grupo de Estudos Bíblicos e as problematizações a partir da produção de dados, como a relação de poder em que as crianças pentecostais da Agropecuária Canoa Mirim são submetidas em seu contexto religioso, a partir do referencial teórico sobre letramentos e também ancorada nas ideias de Bourdieu e Passeron (1975).

CAPÍTULO I – OS PENTECOSTAIS

Este capítulo apresenta um breve contexto histórico do pentecostalismo no Brasil, especificando o surgimento de algumas práticas e doutrinas, articulando com as atividades da Igreja Pentecostal Casa de Oração na Agropecuária Canoa Mirim e o relato de minha inserção neste contexto. A escrita da história da religião é pautada nos escritos de Mariano (2008) e Macedo (2007).

1.1 - Pentecostalismo no Brasil – Breve contexto histórico

A religiosidade brasileira historicamente foi permeada pela heterogeneidade de culturas, raças e classes. Desta forma o catolicismo, que foi a religião trazida pelos colonizadores portugueses, aos poucos foi perdendo espaços para outras religiões que surgiram a partir da grande diversidade do povo brasileiro. De acordo com Macedo (2007, p.52)

> A diversidade de camadas sociais e de culturas mina ainda mais o Catolicismo tradicional, transformando o cenário religioso em um mosaico completo de cultos e sincretismos. A Igreja Católica terá de conviver, daí por diante, não só com religiões não-cristãs, mas com outras crenças cristãs em condições de igualdade diante de fiéis.

Dentro desta perspectiva, surgiu a reforma protestante que foi um movimento de oposição ao catolicismo, iniciado por Martinho Lutero no princípio do século XVI. Primeiramente, a principal meta desta reforma era realizar mudanças na igreja católica, porém resultou em significativas transformações no panorama religioso, incorporando novas crenças, destacando principalmente a valorização da leitura da Bíblia nos rituais religiosos e a rejeição do culto a santos, considerado por eles como idolatria (MACEDO, 2007).

Neste cenário, surgiram as igrejas evangélicas e na primeira década do século XX, a implantação do pentecostalismo[3], quando dois missionários suecos e um italiano chegaram no Brasil, esses missionários frequentavam denominações pentecostais norte-americanas e

[3]O pentecostalismo distingue-se teologicamente do protestantismo histórico por seu firme propósito de resgatar e reviver crenças e práticas do cristianismo primitivo relatadas na Bíblia. Para tanto, prega a contemporaneidade da manifestação dos dons do Espírito Santo, entre os quais destaca os dons de línguas, cura e discernimento de espíritos. Avessos à erudição e ao liberalismo teológico, os pentecostais creem que Deus continua curando enfermos, expulsando demônios, realizando milagres, concedendo bênçãos e dons espirituaisa seus leais servos. (Mariano, 2008. p. 112)

trouxeram novas culturas e costumes para o Brasil, fundando novas denominações: O presbiteriano italiano Luigi Francescon fundou, em São Paulo, a Igreja da Congregação Cristã do Brasil em 1910. Um ano depois, os suecos Daniel Berger e Gunnar Vingren fundaram em Belém do Pará a Assembléia de Deus (MACEDO, 2007).

Assim, o pentecostalismo surgiu interpretando as práticas que eram realizadas pelas religiões que lhe antecederam e pode ser caracterizado como um "encontro cultural entre o Catolicismo universal europeu, a Reforma Protestante e, no Brasil, um território cultural com heranças indígenas e religiosidades influenciadas pela cultura afro-brasileira" (NOVAES, 2002, p.74).

Desta forma, é possível perceber que o movimento pentecostal é a fusão de doutrinas religiosas distintas que foram assumindo novos sentidos. Sobre este paradoxo, (MACEDO, 2007, p.124) destaca que:

> A ironia nesse caso reside no fato de que o Pentecostalismo incorporou influências religiosas afro-brasileiras e católicas, tais como transe espiritual, curas divinas por meio de rezas e atos simbólicos como a "imposição das mãos" e transformam elementos delas em inimigos máximos, como materializações do mal.

Assim, é comum hoje em dia haver nos cultos, principalmente, uma forte condenação a umbandistas e católicos, porém as práticas religiosas realizadas pelos pentecostais são atravessadas por rituais que lembram estas religiões, como a explicação do mal e dos problemas enfrentados no cotidiano como decorrentes de espíritos malignos e a crença de que a fé poderá curar doenças graves (MACEDO, 2007).

Portanto, as práticas religiosas realizadas nos cultos pentecostais são repletas de emoção e atingem os fieis dentro de suas fragilidades, que encontram na religião consolo, acolhida e esperança.

À vista disso, são incontáveis os brasileiros que procuram as igrejas pentecostais em busca de proteção espiritual para superar obstáculos e encontrar soluções para problemas enfrentados no seu dia a dia.

Atualmente no Brasil há um número bastante expressivo de pessoas que afirmam pertencer a religião evangélica pentecostal, segundo dados do IBGE (2010), 60% das pessoas que se declaram evangélicas são de origem pentecostal. Também éobservado que a partir da década de 80 o pentecostalismo passou a ter expressiva participação na política e nos meios de comunicação contribuindo para sua ampliação, como é destacado por Mariano (2008. p.69):

> Desde os anos 50, o Pentecostalismo cresce muito no Brasil. Mas sua expansão acelera-se acentuadamente a partir da década de 1980, momento em que esse movimento religioso passa a conquistar igualmente crescente visibilidade pública, espaço na tevê e poder político partidário.

Assim, a representatividade de lideranças pentecostais no cenário político brasileiro, aliado com a participação progressiva nas mídias, traz maior visibilidade para a religião, contribuindo para seu crescimento.

Existem espalhadas pelo Brasil centenas de igrejas pentecostais com diferentes denominações e que se diferenciam em vários aspectos como "nos costumes, no uso de meios midiáticos, de instrumentos musicais e até na arquitetura de seus templos" (MACEDO, 2007, p. 92).

Entretanto, sobre essa ampliação pentecostal, é importante destacar que este crescimento não é consequência apenas da introdução midiática, mas principalmente do intenso trabalho de evangelização difundida em diversos meios.

Outro elemento importante para o entendimento do crescimento pentecostal no Brasil, é o fato de que este movimento ascendeu entre sujeitos que se encontravam em situações desfavorecidas na sociedade como moradores de subúrbios, pobres, negros e mulheres. Conforme Mariano (2008, p. 71):

> Seus fiéis concentram-se majoritariamente na base da pirâmide socioeconômica. Comparados à média da população brasileira, os pentecostais congregam mais mulheres do que homens, mais crianças e adolescentes do que adultos, mais negros, pardos e indígenas do que brancos, apresentam maior proporção de pessoas com cursos de alfabetização de adultos, antigo primário e primeiro grau, ocupam mais empregos domésticos e precários e, em sua maioria, recebem até três salários mínimos.

Apesar da constatação de que o pentecostalismo está bastante presente na base da pirâmide socioeconômica, ainda assim, cabe ressaltar que, também possui seguidores de classe média e mesmo média alta e que a pobreza e a vulnerabilidade social não explicam o crescimento pentecostal, para compreender os motivos que o pentecostalismo cresce nesse meio é necessário investigar as estratégias aplicadas para a conversão desses sujeitos. Desta forma, o movimento pentecostalnão pode ser interpretado como consequência de fenômenos socioculturais ou econômicos (Mariano, 2011).

Observando a heterogeneidade institucional e a multiplicidade interna desse movimento religioso, é adequado o termo pentecostalismos, no plural, caracterizando como um fenômeno religioso dinâmico e internamente muito diversificado (MARIANO, 2008).

Dentro da perspectiva de pluralidade, é possível identificar elementos culturais pertinentes a distintas igrejas pentecostais, caracterizando três ondas, quais sejam:

Denominações de 1ª onda – Pentecostalismo tradicional – Iniciou no século XX através das igrejas Congregação Cristã e Assembléia de Deus. Essas igrejas evidenciavam características "anticatólicas", um "radical sectarismo e ascetismo de rejeição ao mundo". Valorizavam o "dom de Línguas (glossolalia)", "dons do Espírito" como demonstração do batismo no Espírito Santo, pregavam o retorno de Cristo e a salvação por intermédio da rejeição ao mundo (Mariano 2004).

Denominações da 2ª onda - **Pentecostalismo recente** –A segunda onda do pentecostalismo começou no início da década de 1950, três igrejas surgiram como neste período a "Igreja do Evangelho Quadrangular", em 1951, a "Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo", e a "Igreja Pentecostal Deus é Amor. O destaque era a ênfase na cura divina (Macedo, 2007)

Denominações da 3ª onda – Neopentecostais – Este pentecostalismo surgiu no fim da década de 1960 e início da década 1970, tendo como representante principal a Igreja Universal do Reino de Deus fundada em 1977, atualmente é o pentecostalismo que mais cresce no Brasil.

A terceira onda se caracteriza, principalmente, pela pregação intensa campanha da Teologia da prosperidade, (valorização do lucro e de posses materiais como reconhecimento divino), cujo objetivo é disseminar a "crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos", e por flexibilizar o "uso de costumes de santidade pentecostais", (vestimentas, música, maquiagem, futebol, dança, etc.), os quais são tradicionais símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo, porém a proibição de drogas, tabaco e sexo antes do casamento permanecem, é permitido o uso moderado de álcool (Mariano, 2004).

Uma ruptura se observa aqui com relação às primeiras denominações pentecostais: o lucro, o empreendimento, a busca por mais fiéis, viram palavras de ordem, como uma empresa inserida num mercado competitivo atrás de "clientes" (MACEDO, 2007).

Contudo, mesmo com esta organização, ainda é muito difícil identificar e enquadrar as Igrejas Pentecostais como pertencente à determinada onda, visto que são observadas características em comum dentro destas três ondas.

1.2 – Os Pentecostais na Agropecuária Canoa Mirim – A igreja Casa de Oração.

Em meados dos anos 90, quando passei a ser moradora da localidade Agropecuária Canoa Mirim, a religião católica era dominante, tendo um número bem expressivo de pessoas atuando como lideranças e motivando a participação da comunidade em todas as atividades, como grupo de jovens, missas, procissões e grupo de orações.

Neste período a religião evangélica também tinha participação na comunidade, com cultos e grupo de estudos, porém era pouco divulgada e também havia muito preconceito com os rituais realizados pelos pastores e com o estereótipo relacionado ao "crente", problematizando sua maneira de vestir e o rigor referente à conduta e costumes.

Com o passar dos anos, esta situação foi se revertendo, a Igreja Católica aos poucos foi perdendo as lideranças, o espaço e a potência na localidade, assim avançou a representatividade dos Evangélicos, situação que também é observada no estado do Rio Grande do Sul.

> O número de pessoas que se declaram católicas diminuiu 6,9% no Rio Grande do Sul em uma década. Em contrapartida, os evangélicos tiveram um aumento de 3,9% no mesmo período. Segundo o Censo Demográfico 2010 do IBGE, 68, 5% dos gaúchos se dizem católicos - foram 76,4% no censo de 2000. Uma queda de 6,9% em 10 anos. O levantamento aponta, ainda, que os evangélicos tiveram um acréscimo de 3,9% no Rio Grande do Sul. Eles agora representam 18,2% da população - eram 14,3% em 2000 (g1. globo.com, 2012, s/p).[4]

Atualmente, um grupo de representantes da Igreja Pentecostal Casa de Oração, formado por aproximadamente 20 adultos, 24 jovens, 12 crianças é responsável pelas ações da comunidade evangélica na Agropecuária Canoa Mirim.

A Igreja Pentecostal Casa de Oração não possui sede própria, suas atividades são realizadas em um prédio alugado na cidade de Santa Vitória do Palmar e tem como lideranças o Pastor Alessandro Souza de Jesus e o Presbítero Juan Manoel Martinez, a história de sua fundação está registrada em atae relatada em entrevista concedida por Raquel de Jesus, secretária da Igreja e esposa do pastor.

> O pastor Alessandro recebeu uma revelação do Espírito Santo para criar uma igreja Pentecostal na cidade e juntamente com um casal de amigos em dezembro de 2013, resolveram fundar a igreja Pentecostal Herdeiros da Promessa, esse nome inicial não era vontade do Pastor, pois na revelação, foi orientado sobre um trecho bíblico que relata que a Igreja deve ser uma Casa de Oração e por isso sempre pensou que o nome da Igreja deveria ser Casa

[4]Fonte: http://glo.bo/LFTB7g.

> de Oração. No ano de 2014, o casal de amigos resolveu fundar uma nova instituição e desta forma o pastor colocou na Igreja a denominação que sempre esteve presente desde o início no seu coração: Casa de Oração. (Excerto da entrevista de Raquel de Jesus, esposa do Pastor e secretária da Igreja, 05/08/2018)

Durante a entrevista, Raquel por várias vezes enfatizou a importância da denominação atual da Igreja, Evangélica Pentecostal Casa de Oração, destacando com um caráter de legitimidade o fato do Pastor ter recebido essa designação por "revelação do Espírito Santo", evidenciando assim, imenso sentimento de respeito com a autoridade do Pastor e sua oratória.

A Igreja possui aproximadamente 60 membros com grupo de mulheres, grupo de jovens e grupo de crianças, tendo atividades de cultos e evangelização das crianças nos sábados, bem como, estudo bíblico e evangelização de jovens nas quintas-feiras.

Durante o período de inserção no campo, que realizei no grupo de estudos bíblicos da igreja pentecostal Casa de Oração, pude observar que as práticas religiosas se aproximam com a denominação da primeira onda e pentecostalismo tradicional (Mariano, 2007).

Esta articulação está muito presente, observando o discurso das lideranças quando é pregado que o cristão deve realizar um afastamento das "coisas do mundo", tais como, (televisão, redes sociais, festas, jogos, entre outros), criticam a igreja católica condenando a idolatria aos santos e na crença do breve retorno de Cristo.

O sincretismo religioso, também é observado principalmente quando para alcançar salvação ou obter cura para alguma enfermidade ou até mesmo livramento de maldições é incentivado a intensificação da fé com orações, estas práticas, também são comuns no catolicismo.

Também, durante os cultos acontece frequentemente sessões de "livramentos", este é um processo realizado pelos obreiros da igreja com o objetivo de expulsar demônios. Para ser considerado um obreiro pentecostal o fiel necessita passar por algumas etapas que são especificadas por Macedo (2007, p. 93), da seguinte forma:

> A primeira consiste na declaração individual de que Jesus é o Salvador, que ele aceita Jesus declarando em voz alta na denominação. As outras duas fases são práticas que não seguem necessariamente ordem cronológica. Uma é o "batismo na água", através de imersão, no qual consiste em um ritual simbolizando a passagem do adepto ao pentecostal, corresponde ao reconhecimento oficial da sua aderência à seita. A passagem pela água simboliza a "lavagem", "purificação" da vida passada do adepto. A outra fase principal consiste no "batismo no fogo", manifestação de glossolalia – uma espécie de transe verbal caracterizado pela emissão espontânea de uma sequência (sic.) prolongada de sons que não faz sentido além de sua esfera mística.

Estas práticas realizadas pelos obreiros, lembram muito os rituais das religiões afro descendentes, pois o poder que é atribuído a eles de expulsar espíritos faz com que aconteça um transe espiritual referenciando entidades que também são invocadas na umbanda, religião que é constantemente criticada por eles.

Observo frequentemente que os fiéis da igreja pentecostal Casa de Oração que são moradores da Agropecuária Canoa Mirim, tem um sentimento profundo de afinidade entre si, por morar em uma comunidade pequena, todos se conhecem e as dificuldades são compartilhadas durante os encontros e cultos, onde acontecem depoimentos e pedidos de ajuda para resolver situações conflituosas. Percebo que as pessoas se sentem acolhidas e seguras e encontram nos rituais religiosos alento para resolver problemas e doenças. Sobre essa situação, Macedo (2007, p. 93) explica que:

> A reputação prometida de ser um fiel pentecostal associa-se ao senso de pertencimento a uma comunidade. Nos cultos, o adepto encontra um espaço de expressão mais livre, oferecido pelos gritos de aleluia, cantos e bater palmas. Um espaço a extravasar e comunicar sua frustração, onde outros podem escutá-lo e oferecer promessas e soluções para seus problemas.

Assim, o número proeminente de fieis da localidade da Agropecuária Canoa Mirim, também está relacionado com a situação social e emocional dos indivíduos, inclusive os membros da igreja possuem um grupo de *WhatsApp* e nesta rede social há uma interação constante entre os fiéis e as lideranças da igreja, quando alguém está com problema de qualquer natureza solicita orações e orientações e é atendido com áudios, chamadas de vídeos e indicações de orações.

Sempre que há necessidade de obter algo novo ou realizar reformas são realizadas campanhas para arrecadação de contribuições entre seus membros, a igreja é modesta, fato que pode ser observado pela falta de móveis e utensílios domésticos em seu prédio e pelo meio de transporte dos fiéis que é realizado através de uma Kombi em estado bastante precário, conforme é possível visualizar na imagem a seguir.

Figura 1- Registro fotográfico do meio de transporte utilizado pelos fiéis da igreja pentecostal Casa de Oração.

Fonte: Própria autora.

Na comunidade Agropecuária Canoa Mirim, a maioria das atividades da igreja é realizada pela senhora Maria Pires de Aguiar, que é uma pequena proprietária rural moradora nas proximidades da localidade, porém seu trabalho é atuante como missionária na Agropecuária Canoa Mirim, sendo a responsável pela evangelização das crianças, encontros, organização dos cultos, estudos da Bíblia e do transporte das famílias para participar de eventos realizados na cidade de Santa Vitória do Palmar, onde se encontra a sede da Igreja.

A evangelizadora organiza as atividades do grupocom encontros semanais, nas quartas-feiras para ensaio de louvores e estudo da bíblia, nos sábados as crianças e seus responsáveis que moram na comunidade, são conduzidos para a Igreja sede na cidade de Santa Vitória do Palmar onde é feito o trabalho de evangelização das crianças e culto com "livramentos" (expulsão de demônios).

Aos domingos, as atividades são realizadas na localidade da Agropecuária Canoa Mirim, com culto conduzido pelo pastor ou presbítero da igreja no prédio da escola da localidade.

Minha inserção neste grupo como pesquisadora das práticas de letramentos vivenciadas pelas crianças pentecostais da Agropecuária Canoa Mirim, foi realizada por meio de um contato inicial com a Maria, solicitando permissão para realizar as atividades de pesquisa com as crianças. Inicialmente, esclareci o tema da pesquisa e expliquei como seria realizado o trabalho, sendo que recebi autorização e apoio sem nenhuma objeção, mas com restrição de que os nomes não poderiam ser modificados, pois a igreja proíbe qualquer tipo de adulteração. Sendo assim, optei em colocar as inicias dos nomes das crianças que são sujeitos da investigação.

Porém, pensando no aspecto da ética da pesquisa e da particularidade do trabalho etnográfico com crianças, procurei conquistar a aceitação e a confiança das crianças por meio

de conversas, brincadeiras e relato da minha posição para o grupo, salientando que pretendia ser uma parceira e aprender com elas.

Dentro dessa perspectiva de respeito a autonomia das crianças, construí em conjunto com elas o termo de assentimento, com a explicação em linguagem acessível sobre o tema da pesquisa e a anuência das crianças em participar e colaborar com a investigação.

Também solicitei aos seus responsáveis permissão para fotografias, filmagens e entrevistas, elucidando o tema da pesquisa e ainda explicando que iria apresentar retorno sobre o trabalho para o grupo pesquisado, estando eles a vontade para pedir informações sempre que julgarem necessário.

Nesse sentido, a pesquisa contou com a autorização formal da igreja Casa de Oração, assinada junto ao Pastor e com o uso dos termos de consentimento para os responsáveis legais das crianças e termo de assentimento para os menores de idade, colocando em prática durante as conversas informais, entrevistas e interações no grupo de estudos bíblicos.

Observei que inicialmente a minha presença na igreja era vista como uma visitante que poderia ser convertida a fiel, então considerei importante sempre salientar para as lideranças da igreja a intencionalidade do trabalho com a finalidade de pesquisa e, portanto com necessidade de distanciamento das experiências religiosas.

Estando todos cientes de minha posição dentro do grupo como pesquisadora, comecei as observações no dia 27 de novembro de 2017. No início, o sentimento de vivenciar práticas religiosas diferentes daquelas que estava acostumada na religião católica, causou-me certo estranhamento e desconforto, tanto que inicialmente fiquei na posição de mera expectadora.

Porém, refletindo e entendendo que em uma pesquisa etnográfica para compreender o contexto pesquisado é necessário ter a sensibilidade de olhar, ouvir e aprender a cultura do outro, procurei realizar uma aproximação, pesquisando, participando e interagindo com as atividades realizadas no grupo. De acordo com minhas escritas durante a observação:

> Resolvi tomar algumas atitudes para que não fosse considerada como alguém que estivesse estrangeira daquele espaço, pois entendi que ser aceita é principalmente ser vista como integrante daquele grupo. Assim, eu pesquisei hinos que eles costumavam cantar e comecei a cantar e orar junto, o resultado foi imediato, no momento que a evangelizadora lia a Palavra de Deus, como eu não possuía Bíblia na mão para acompanhar, uma senhora procurou o salmo que estava sendo lido e me entregou sua Bíblia aberta. Neste momento eu percebi que estava começando a ser inserida como uma integrante do grupo. (Diário de Campo, 06/04/ 2018)

Esta interação com o grupo pesquisado, foi aos poucos oportunizando um aprendizado sobre as pessoas, entendendo seus olhares, expressões faciais, repetição de palavras, posição corporal, entre outros que falam da cultura e dos letramentos realizados neste contexto.

No entanto, também considero necessário o constante exercício de aproximação, distanciamento e reflexão, para tanto é necessário seguir uma metodologia adequada com procedimentos que possibilitem apreender o máximo possível do que ocorre no dia a dia da comunidade, bem como compreender as subjetividades que estão envolvidas no entremeio das relações. Assunto que será abordado no próximo capítulo em que apresento os aspectos metodológicos da pesquisa.

CAPÍTULO II – ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta o levantamento das produções científicas realizado em eventos de âmbito nacional e regional que tratam sobre o processo de letramentos no contexto da religião, a fim de conhecer e compreender o que vem sendo publicado no meio acadêmico sobre esta temática.

Também, trato sobre os aspectos metodológicos da pesquisa, trazendo a perspectiva qualitativa de cunho etnográfico (AMEIGEIRAS, 2007; GIALDINO, 2007, GHASARIAN, 2008, OLIVEIRA, 2006). Esta estratégia de investigação oportuniza o conhecimento da realidade e cultura de um grupo por meio de observação interacional e de um olhar e ouvir reflexivo, sensível e crítico, destacando como instrumentos de produção de dados, a entrevista não diretiva, observação participativa e o registro e a especificidade da pesquisa com crianças

Ainda, apresento os aspectos sociais e culturais da localidade Agropecuária Canoa Mirim, considerando a relevância de conhecer a realidade da comunidade na qual realizo a pesquisa como fonte indispensável de informações sobre os sujeitos e suas possibilidades de articular práticas letradas no seu cotidiano.

Finalizo o capítulo com uma breve reflexão das aprendizagens realizadas durante o trabalho de campo no contexto pesquisado.

2.1 - Levantamento de produções discutindo letramentos associado a práticas religiosas

Tendo como intuito conhecer e compreender o que vem sendo publicado no meio acadêmico sobre a temática de letramentos articulado com a religião como objeto de pesquisa, realizei uma busca online de trabalhos disponíveis, sendo obtidos resultados da temática nas seguintes instituições: Banco de Dissertações e Teses (CAPES), e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Também fiz uma busca por trabalhos aprovados e/ou apresentados nas reuniões anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), porém não encontrei produções que contemplassem o tema de letramento associado à religião.

Na procura pelos trabalhos utilizei os descritores “letramento” e “letramento na religião” fazendo um recorte temporal dos anos de 2000 a 2017. Nessa busca, considerei o título, as palavras-chave e os resumos. Com o descritor “letramento” localizei um número de trabalhos bastante amplo, porém, optei por acrescentar o descritor “letramento na religião”, pois é este o foco central da pesquisa que estou realizando.

Cabe salientar que o foco da investigação são as práticas de letramento em um

contexto religioso, nesta perspectiva inicialmente não identifiquei nos trabalhos examinados, um número expressivo que apresentem os termos letramento e religião articulados. Assim, busquei realizar um refinamento a partir de termos que se aproximassem da perspectiva teórica e metodológica da pesquisa em questão, onde busco compreender sobre as práticas de letramento realizadas dentro de um grupo de estudos bíblicos da religião pentecostal. A seguir, apresento quadro organizado com as publicações encontradas nos eventos científicos:

Quadro1 – Teses, Dissertações e Monografias publicadas em eventos científicos

DESCRITORES - LETRAMENTO E LETRAMENTO NA RELIGIÃO			
RECORTE TEMPORAL - 2010- 2017			
LOCAL	**ANO**	**TITULO**	**PALAVRAS CHAVES**
BDTD	2006	Cultura religiosa protestante e rendimento escolar nas camadas populares: um estudo sobre práticas socializadoras. (Dissertação)	Estilo de vida; disposições e *habitus*; afinidades eletivas; rendimento escolar favorável.
BDTD	2013	Letramento e religião: Influências de práticas religiosas no letramento (monografia)	Escrita, letramento, letramento religioso.
CAPES	2008	Práticas de leitura em religião: A articulação entre o consumo da palavra e a produção de sujeitos leitores assembleianos (Dissertação)	Alfabetismo. Leitura. Religião. "Escola Bíblica Dominical". "Lições Bíblicas".
CAPES	2015	As práticas educativas Neopentecostais na periferia: Estudo de caso (Tese)	Trabalho; Educação; Religiões Neopentecostais; Periferia
CAPES	2015	Currículo em ação e a temática religiosa na Educação Infantil: A voz das crianças (Dissertação)	Educação Infantil.Currículo.Cultura. Religião/Religiosidade. Laicidade

Fonte: organização realizada pela autora a partir de busca online

Selecionados os textos, realizei uma leitura prévia do material coletado e apresento algumas reflexões que se aproximam da perspectiva teórica e metodológica da pesquisa em questão, em que busco compreender sobre as práticas de letramentos realizadas dentro de um grupo de estudos bíblicos da Igreja Pentecostal Casa de Oração.

Montezano (2006), utilizou a etnografia como metodologia de sua pesquisa, realizando observações, questionários, escrita no diário de campo, gravações de áudio e vídeos na escola, nas famílias e nas igrejas protestantes e apresenta como foco de sua pesquisa:

> [...] A relação de afinidade entre a religião, a família e a escola e suas influências no desempenho escolar de alunos provenientes das chamadas "classes populares". Seu objetivo mais específico, entretanto, consiste em

> determinar a articulação entre as práticas socializadoras da religião protestante, da escola e de algumas famílias das camadas populares, a fim de verificar em que medida facultavam ao aluno um rendimento escolar favorável, particularmente no que se refere à influência da religião protestante. (MONTEZANO, 2006, p. 9)

O trabalho de Montezano (2006) traz algumas contribuições para a minha pesquisa, pois realiza um estudo das "práticas socializadoras da religião protestante" e estas estão intimamente ligadas com as práticas de letramentos, considerando que, as práticas de letramentos são os episódios observáveis que se formam e se constituem pelas práticas sociais (STREET, 1995).

Juliana Ferreira Leite (2013) desenvolveu sua monografia em uma escola confessional protestante e teve como objetivo geral: "Identificar de que maneira a religião contribui para os processos de ensino-aprendizagem, principalmente para o letramento" (LEITE, 2013. p.8).

Para realizar sua pesquisa a autora utilizou uma abordagem qualitativa de cunho etnográfico, por meio da observação em campo, análise do material utilizado pelos alunos, bem como, escrita e análises no caderno de campo.

Pela temática bastante próxima de meu foco de pesquisa, o trabalho de Leite trouxe várias contribuições, especialmente nos aspectos metodológicos e modos de produção de dados, como relata em uma de suas observações feitas em sala de aula no episódio de comemoração da Páscoa:

> Podemos observar vários fenômenos de letramento. Todos os alunos, inclusive os bem pequenos cantam músicas evangélicas com letras complexas e fazem orações. A comemoração da Páscoa foi realizada dentro da igreja que possui um acesso que liga diretamente à escola. Os alunos participaram ativamente de todos os momentos da festa que teve várias manifestações letradas como, música, oração, leitura da bíblia e explicação do que seria a Páscoa religiosa. Um momento interessante foi a coordenadora explicar aos alunos que o professor S também era pastor e ele faz o ritual da santa ceia com as crianças explicando na bíblia o que significa (LEITE, 2013. p.54)

No evento na escola dominical referido no excerto anterior, fica evidenciado várias práticas de letramentos associadas com a religião que são reproduzidas pelos alunos, articuladas no seu vocabulário e na forma como se relacionam em seu cotidiano.

Daniela Medeiros Azevedo (2008), em sua dissertação intitulada "Práticas de leitura em religião: A articulação entre o consumo da palavra e a produção de sujeitos leitores assembleianos", analisa as práticas de leituras assembleiana. A autora esclarece que:

> [...] o foco da minha investigação consiste nos espaços de estudos bíblicos assembleianos [...] problematizando as práticas de leitura em religião e as produções discursivas que as atravessam, na formação de sujeitos leitores assembleianos. [...] Analiso como a religião assembleiana, ao atuar no sentido da constituição de sujeitos, através do incentivo e da promoção de diferentes espaços de estudos bíblicos, produz espaços de alfabetismos que possibilitam a inserção de sujeitos, independentemente de sua escolaridade ou de sua fluência na leitura, no convívio com a palavra escrita (AZEVEDO, 2008, p. 17-18)

Assim, ao realizar a análise dos espaços de estudos bíblicos, a proposta de Azevedo aproxima-se com a investigação que estou desenvolvendo, trazendo relevantes contribuições a partir de suas análises alicerçadas nos Estudos Culturais.

A autora explica que "A escolha dos Estudos Culturais no presente estudo visa, portanto, a disposição de diferentes ferramentas metodológicas e conceituais para analisar as práticas de leitura em religião, em uma perspectiva antidisciplinar" (AZEVEDO, 2008, p.26).

As análises realizadas por este viés subsidiaram minha reflexão sobre a temática, apesar de meu referencial teórico ser outro, ou seja, a perspectiva que trabalho é pautada em autores vinculados aos Novos Estudos sobre Letramentos, tendo em vista que o foco de minha pesquisa são as práticas de letramentos.

Ressalto também como uma contribuição significante a leitura da metodologia da pesquisa de Azevedo mais especificamente em relação à etnografia por meio de observação-participante, entrevistas semiestruturadas, análise de artefatos constituintes do contexto religioso, fotografias e anotações no diário de Campo.

A tese de Katiane Machado da Silva defendida no ano de 2015, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, teve como título: "As práticas Educativas Neopentecostais na periferia: Estudo de caso".

A autora pesquisou as práticas educativas que se produzem na Igreja do Evangelho Quadrangular, no Bairro Pestano, localizado na Periferia da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, e declarou seu interesse pela pesquisa principalmente por que: "Pesquisar as religiões neopentecostais se justifica, primeiramente, pela inexistência de pesquisa sobre a discussão de práticas educativas e religiões neopentecostais" (SILVA, 2015. p. 30).

A metodologia da pesquisa foi de natureza qualitativa, utilizando-se para análises dos dados entrevistas, registro em diário de campo e observação das diversas práticas que compõem a Igreja do Evangelho Quadrangular.

Apesar da referida pesquisa ter seu foco principal na doutrina praticada nas religiões neopentecostais, as análises realizadas das práticas educativas no contexto desta religião também trouxeram contribuições para minha pesquisa, considerando que tais práticas estão intimamente ligadas ao processo de letramentos, como fica evidenciado quando a autora explica que:

> As neopentecostais desenvolvem uma prática educativa, pois em sua ação introduzem novos fazeres, constroem ou fortalecem uma visão de mundo [...] este processo constitui novas relações de ser e estar no mundo, aquela pessoa que se sentia isolada e só, agora, passa a ter uma comunidade, uma família. O ato de pertencer a um lugar e de ter relações sociais mexe profundamente nessa pessoa que agora se vê ligada a um projeto de "deus", onde todos são irmãos, e que começa, portanto, a constituir relações solidárias. Isso produz uma prática educativa (SILVA, 2015, p.73)

Assim como Silva, entendo que as relações solidárias que geram práticas educativas destacadas pela autora, são produtos de práticas de letramentos no contexto da religião neopentescostal e que ficam ainda mais claras quando são caracterizadas as práticas realizadas pelo pastor no culto, ou seja:

> Durante o culto, as pessoas começam a ouvir o pastor o qual exerce a função de educador, vai trabalhando várias questões como formas de comportamento, como o cuidado consigo, com suas coisas, com seus pertences, a importância de estar limpo, tomado banho, de fazer os processos de higiene (SILVA, 2015, p. 117).

É possível perceber neste fragmento do texto, exemplos de práticas de letramentos utilizadas pelo pastor para doutrinar as pessoas, e estas práticas são articuladas na forma de comportamento no cotidiano.

A dissertação de Nilmara Helena Spressola traz como título: "Currículo em ação e a temática religiosa na Educação Infantil: A voz das crianças". Neste trabalho de pesquisa é feito uma análise de como as crianças se expressam sobre religião e religiosidade e destaca várias situações nas quais letramentos realizados na religião estão presentes na fala das crianças, problematizando que estes conhecimentos são necessários na elaboração do currículo escolar. Para a referida autora:

> Tal concepção curricular convida a escola a incorporar os saberes que as crianças possuem e a articulá-los aos saberes escolares, promovendo o intercâmbio como conhecimento sistematizado e ampliando o conceito de cultura [...] a temática religiosa está presente nas conversas infantis, nas brincadeiras, nas representações sociais e nas relações que estabelecem com os colegas (SPRESSOLA, 2015. p.28- 38).

No excerto anterior é possível perceber que na investigação, uma relação entre as práticas de letramentos articuladas com a religião e com a cultura das crianças, estas questões também serão exploradas durante minhas observações em campo e tratadas nos capítulos seguintes.

A pesquisa de Spressola (2015) foi realizada a partir dos pressupostos da etnografia e para produção dos dados realizou observações, diário de campo, registros fotográficos, gravações em áudio e questionários.

A leitura dos trabalhos levantados possibilitou entender como os grupos envolvidos em práticas de letramentos foram investigados, contribuindo também para compreender as metodologias utilizadas e perceber que o tema letramentos articulado com a religião, ainda é pouco explorado em pesquisas acadêmicas, considerando o montante de trabalhos disponibilizados nas plataformas utilizadas na busca que realizei, sendo que as questões mais recorrentes nos trabalhos estão relacionadas com práticas religiosas - escola - desempenho escolar.

Tendo em vista os aspectos apresentados nesta seção, reflito sobre a especificidade da pesquisa dos letramentos, tendo como sujeito principal as crianças, no contexto de um grupo de estudos bíblicos que ainda não foi objeto de investigação acadêmica.

Penso que o estudo está sendo de certa forma inovador e relevante, pois analisa as práticas de letramentos caracterizando este grupo de acordo com sua cultura própria e pesquisando de que forma estes conhecimentos se articulam no cotidiano das crianças.

2.2 – A estratégia de investigação qualitativa de cunho etnográfico

Sendo o objetivo principal desta pesquisa conhecer as práticas de letramentos vivenciadas pelas crianças da comunidade Agropecuária Canoa Mirim, no contexto de um grupo de estudos bíblicos, considerei importante escolher uma perspectiva metodológica adequada que privilegiasse um processo minucioso de observação deste grupo para conhecer sua realidade e sua cultura própria e assim produzir dados para pesquisa desenvolvendo um olhar reflexivo, sensível e crítico.

Nesta perspectiva, destaco o cuidado especial que realizei para ser aceita como pesquisadora no referido grupo, uma vez que sou integrante da comunidade e não frequentava as atividades propostas por essa religião, desta forma o contato inicial foi muito importante.

Pensando nestes aspectos optei por uma abordagem qualitativa de cunho etnográfico, visto que através deste método de investigação também é realizado um aprendizado, assemelhando-se a um processo de socialização no qual o pesquisador apreende padrões e

modos comportamentais, códigos de convivência e significados presentes na vida social, por conseguinte, é possível interpretar o meio pesquisado explicando, definindo, esclarecendo e resumindo (AMEIGEIRAS, 2007). Deste modo, a pesquisa qualitativa proporciona um entendimento meticuloso do universo a ser pesquisado. Segundo Gialdino, (2007, p. 26):

> La fuerza particular de la investigación cualitativa es su habilidad para centrase en la práctica real in situ, observando cómo las interacciones son realizadas rutinariamente. Sin embargo, el análisis de cómo las personas ven las cosas no puede ignorar la importancia de cómo hacen las cosas.

Portanto, na pesquisa qualitativa, é necessário estar atenta às pessoas envolvidas no meio pesquisado, escutando, observando e valorizando sua forma particular de participar e perceber o contexto.

A partir dessas concepções será possível entender processos e gerar informações importantes, considerando que "[…] la palabra, los silencios, los gestos, las acciones y las relaciones del sujeto conocido son los medios a través de los que, voluntaria o involuntariamente, su ministra datos" (GIALDINO, 2007, p.55).

Dentro desta perspectiva, a etnografia aparece como uma metodologia adequada para a investigação, visto que se refere ao estudo de uma cultura mais ou menos compartilhada por um determinado grupo de indivíduos (GHASARIAN, 2008). Sobre a escrita etnográfica, Oliveira (2006, p. 27) destaca que:

> O momento de escrever, marcado por uma interpretação de e no gabinete, faz que aqueles dados sofram uma nova "refração", uma vez que todo processo de escrever, ou de inscrever as observações no discurso da disciplina, está contaminado pelo contexto do *beinghere*– a saber- pelas conversas do corredor ou de restaurantes, pelos debates realizados em congressos, pela atividade docente, pela pesquisa bibliográfica [...], enfim pelo ambiente acadêmico.

Durante o processo da pesquisa acontece um envolvimento do pesquisador com o meio pesquisado, porém é de absoluta importância que o pesquisador problematize as informações com coerência e olhar reflexivo, sem se deixar levar por suas crenças, fazendo sempre um estudo com diferentes formas de produção dos dados e referenciais teóricos.

Assim, o trabalho de campo envolve muito mais do que o tempo gasto no próprio campo, pois o pesquisador continua seu trabalho em casa lendo suas anotações, ressignificando e reconstruindo as cenas vivenciadas dentro do contexto (GHASARIAN, 2008). De acordo com Oliveira (2006, p.66):

> O certo é que tanto o estar no campo como o estar no gabinete fazem parte de um mesmo processo de busca do conhecimento, [...] sempre "levamos o gabinete" conosco quando realizamos a pesquisa de Campo, bem como "trazemos o campo" conosco quando voltamos ao nosso lugar de trabalho.

Portanto, para desenvolver esta pesquisa que teve como objetivo principal conhecer e compreender as práticas de letramentos vivenciadas pelas crianças no contexto de um grupo de estudos bíblicos, foi imprescindível estar em constante interação com os sujeitos participantes deste contexto e principalmente ter a sensibilidade para buscar as informações e analisar os processos de forma imparcial.

A metodologia de investigação etnográfica é oriunda da antropologia, sendo que o trabalho do antropólogo é focalizado no olhar e no ouvir para posteriormente realizar a escrita (OLIVEIRA, 2006).

Sendo que, as ações de olhar e ouvir precisam ser realizadas com criticidade, reflexão e observação atenta aos detalhes de todas as linguagens que podem estar ocultas em gestos, rituais, silêncios, entre outros. Concordando com Azamor (2009, p. 179):

> A linguagem corporal é uma ferramenta de comunicação. Assim, se conseguirmos entender o que o corpo tem a dizer, conseguiremos entender melhor o que os outros estão dizendo e, também, transmitir melhor sua mensagem. Na verdade, devemos tomar muito cuidado, pois muitas vezes a boca diz uma coisa, mas o corpo fala outra completamente diferente.

Ao realizar esta aprendizagem do olhar e do ouvir, o pesquisador consegue também conhecer os sujeitos pesquisados, interagindo com eles mesmo que tenha entre si alguma barreira de linguagem ou confronto de culturas. "[...] compreender o outro significa um passo a mais do que simplesmente explicá-lo" (OLIVEIRA, 2006, p.115).

Neste aspecto, ainda é importante que durante as observações seja realizado a escrita dos fatos considerados relevantes, assim quando o pesquisador lê suas anotações tem a possibilidade de refletir sobre o que viu e ouviu. Segundo Oliveira (2006, p.18):

> [...] O olhar, o ouvir e o escrever podem ser questionados em si mesmos, embora, em um primeiro momento, possam nos parecer tão familiares e, por isso, tão triviais, a ponto de sentirmo-nos dispensados de problematizá-los; todavia, em um segundo momento [...] essas "faculdades" ou, melhor dizendo, esses atos cognitivos delas decorrentes assumem um sentido todo particular, de natureza epistêmica, uma vez que é com tais atos que logramos construir nosso saber.

Desta forma o olhar, o ouvir e o escrever encontram-se articulados no processo de conhecer o contexto pesquisado e também auxiliam para "decodificar" diálogos e ações que

estão nas entrelinhas do que é observado. Ameigeiras (2007, p. 110), ao tratar sobre a etnografia destaca que:

> La relevancia de la etnografía como metodología de investigación está estrechamente vinculada al surgimiento de la ciencia social en general y, muy especialmente, al de la antropología en particular, que es en donde surge, se consolida y desarrolla la etnografía en sí. Un surgimiento directamente relacionado con la necesidad de comprensión de los otros y de conocimiento de una diversidad cultural, que comienza a descubrirse en su multiplicidad y sus diversas formas de relación y contacto.

Entendo assim, que ao escolher essa metodologia o pesquisador realiza seu trabalho de forma interacional, buscando a compreensão do meio e das pessoas, e que para obter êxito neste processo é necessária atenção especial para as análises dos dados produzidos, com observações atentas, relatos, escritas, releituras e reflexão. De acordo com Gialdino (2007, p. 27):

> Las subjetividades del investigador y de los actores implicados son parte del proceso de investigación. Las reflexiones del investigador sobre sus acciones, observaciones, sentimientos, impresiones en el campo se transforman en datos, forman parte de la interpretación y son documentadas en diarios de investigación, o protocolo de contextos.

Logo, essa investigação também oportuniza que o pesquisador tenha uma postura de aprendiz, com humildade para reconstruir seus conceitos sempre que necessário "La reflexividad, el "regreso a sí mismo" y su actividad son los únicos remedios contra el intelectualismo y los medios para mejorar la calidad de una investigación" (GHASARIAN, 2008, p. 118).

Portanto, a etnografia é uma das metodologias adequadas para realizar pesquisas interacionista que utilizam o ouvir, olhar, refletir e escrever. Sendo que a observação participante aparece como principal suporte para interpretação compreensiva dos dados, pois "envolve – além da observação –, anotações de campo, entrevistas, análises de documentos, histórias de vidas, fotografias, gravações" (PIERRO, 2009, p.102).

Nesta perspectiva, há interação do pesquisador com o meio pesquisado, participando das ações e possibilitando um maior conhecimento da cultura e aproximação com as pessoas. Sobre este processo de observação participante, Oliveira (2006, p.24) destaca que:

> [...] O pesquisador assume um papel perfeitamente digerível pela sociedade observada, a ponto de viabilizar uma aceitação senão ótima pelos membros daquela sociedade, pelo menos afável, de modo que não impeça a necessária interação.

Desta maneira, é necessário alertar sobre a importância do cuidado para que esse envolvimento não interfira na leitura dos dados, "[...] estranhando suficientemente tudo aquilo que nos é próximo, de maneira que possa alcançar uma distância mínima que nos habilite ao questionamento típico do olhar etnográfico" (OLIVEIRA, 2006, p.124).

A etnografia também utiliza como instrumento de produção de dados a entrevista não diretiva que é caracterizada por Ameigeiras (2007, p.127) como:

> […] Una herramienta clave para avanzar en el conocimiento de la trama socio-cultural, pero muy especialmente para profundizar en la comprensión de los significados y puntos de vista de los actores sociales. La entrevista requiere establecer una relación con el otro que se constituye en el suporte fundamental sobre el que se generan preguntas y respuestas.

Portanto, através da entrevista não diretiva, o pesquisador estabelece um diálogo utilizando suas habilidades de ouvir e conduz a conversa com perguntas que não foram pré construídas para induzir respostas, tendo especial atenção ao ponto de vista do entrevistado, buscando a compreensão de todas as particularidades incluídas em suas palavras, olhares, gestos, silêncios, entre outros (AMEIGEIRAS, 2007).

Estas características dos entrevistados são importantes, pois oportunizam um conhecimento do sujeito, revelando também fatos de sua cultura.

Sobre os instrumentos de produção de dados utilizados na etnografia, além da entrevista não diretiva que é parte essencial da observação participativa, também é importante destacar o registro, que pode ser realizado por meio de fotografias, vídeos ou anotações, e o diário de campo que consiste nas escritas realizadas pelo pesquisador quando está em campo e possibilita que o mesmo possa reconsiderar o que viveu e observou, para posteriormente proceder suas análises (GHASARIAN, 2008).

O registro também pode ser utilizado como um instrumento de reflexão, permitindo "[...] plantear interrogantes, formular demandas de información, plantear hipótesis de trabajo que gravitarán en la conformación de la próxima presencia en el campo" (AMEIGEIRAS, 2007, p.122).

Portanto, a pesquisa qualitativa a partir da perspectiva etnográfica exige do pesquisador um envolvimento muito grande, desde a fase inicial quando se faz necessário um trabalho exploratório para entrar em campo, considerando que "[...] não há como encontrar respostas lineares para nossos questionamentos presentes. Essa premissa deve nortear todos os que se aventuram pela etnografia, sabendo de antemão que não encontrarão uma resposta única" (FONTOURA, 2009, p.33).

A comunidade pesquisada também precisa ser conquistada pelo pesquisador, para que seja aceito e para isso ele ainda necessita desenvolver habilidades para escutar e olhar de forma atenta, considerando a cultura do meio pesquisado.

Quanto a produção de dados, o pesquisador etnográfico desenvolve este trabalho de forma reflexiva, interacionista e sempre atento de que "[…] datos deben guardar relación con la pregunta de investigación; ser, pues, recolectados intencionalmente y, cuando corresponda, ser recogidos en situación es naturales" (GIALDINO, 2007, p.29).

Assim, a presença do pesquisador por longo tempo em campo é primordial para o sucesso da investigação etnográfica, considerando que:

> El trabajo de campo no solo implica la posibilidad de observar, interactuar e interpretar a los actores en el contexto en el los mismos se encuentran, y hacerlo durante un tiempo prolongado, sino también de participar en las múltiples actividades que dichos actores sociales despliegan en su vida cotidiana (AMEIGEIRAS, 2007, p.117).

Por conseguinte, o período de campo é um momento especial onde o pesquisador se envolve com o campo pesquisado, utilizando diferentes estratégias para a produção dos dados, aprendendo sobre as pessoas e eventualmente ainda modificando suas questões de acordo com a reflexão da leitura dos dados.

Ao sair de campo, o investigador etnográfico ainda estará carregado de sua vivência no meio pesquisado e terá o material necessário para desenvolver uma escrita fundamentada, considerando que, "[...] talvez o que torna o texto etnográfico mais singular, quando o comparamos com outros devotados à teoria social, seja a articulação que busca entre o trabalho de campo e a construção do texto" (OLIVEIRA, 2006, p.28).

Em vista disso, a experiência empírica articulada com o estudo teórico, reflexões e reconstruções representará grande possibilidade para alcançar respostas para a questão de pesquisa.

2.3 – Pesquisa etnográfica dos letramentos no contexto rural

Observar o cotidiano de um grupo com o objetivo de investigar as práticas de letramentos que são desenvolvidas neste contexto, envolve exercitar o olhar, estando atento a todos componentes de leitura, escrita e oralidade que estão presentes. "Street afirma que as práticas de letramento são um produto social e, portanto, não podem ser isoladas do contexto político e ideológico em que ocorrem". (MACEDO, 2005, p.17).

Nesta perspectiva, a etnografia aparece como uma metodologia adequada para analisar estas práticas, visto que possibilita "a compreensão dos significados de ações e eventos produzidos pelas pessoas em determinado grupo" (MACEDO, 2005, p.15).

Portanto, o conjunto de práticas de letramentos vivenciadas em um grupo são diversificadas e articuladas com o meio social, sendo que "[...] o fenômeno do letramento é múltiplo e complexo e, como toda questão social, não se molda a soluções unilaterais e simplistas" (RIBEIRO, 2004, p.12).

Assim, é importante acrescentar que letramentos não podem ser vistos como um processo universal e generalizado, definido através de padrões e avaliações, antes disso, é essencial que seja refletido que:

> Quando se fala em letramento de grupos/comunidades, não se imagina que isso seja a somatória de competências/habilidades singulares, mas sim formas de organização social, de intercâmbio e de produção de produtos, de circulação de cultura, de estabelecimento de valores e padrões de comportamento (BRITTO, 2004, p.53).

Desta forma, para realizar a pesquisa etnográfica das práticas de letramentos vivenciadas por crianças em um grupo de estudos bíblicos no contexto rural da comunidade Agropecuária Canoa Mirim, foi necessário um trabalho de conhecimento deste espaço, caracterizando a comunidade, analisando sua linguagem, sua forma de desenvolver cultura e o contato que as pessoas têm com materiais de leitura e escrita, observando que este meio tem características próprias e jamais poderá ser considerado como "uma extensão, um quintal da cidade" (ARROYO, 2007, p. 159).

O trabalho de pesquisa em um espaço rural inclui, como deve ser feito em todos os contextos, respeitar e valorizar a identidade desses sujeitos, considerando que o interior, "mais do que um perímetro não-urbano, é um universo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações da sociedade humana" (BRASIL, 2001, p.1). Sobre este aspecto Caldart & Cerioli & Fernandes (2004, p. 31-32), destacam que:

> O camponês brasileiro foi estereotipado pela ideologia dominante como fraco e atrasado, como *Jeca Tatu. [...]* precisamos romper com esta visão unilateral dicotômica (moderno-atrasado) que gera dominação, e afirmar o caráter mútuo da dependência: um (rural ou urbano; campo ou cidade) não sobrevive sem o outro.

Assim, idealizar a zona rural de acordo com o espaço urbano, corresponde a uma visão negativa deste espaço, considerando como lugar do atraso, do tradicionalismo cultural (ARROYO, 2007).

Com relação aos letramentos, também é necessário considerar a especificidade desse meio, sem estabelecer paralelos, Street (2014, p. 31) destaca que: "[...] Os povos locais têm seus próprios letramentos, suas próprias habilidades e convenções de linguagem e suas próprias maneiras de apreender os novos letramentos fornecidos pelas agências, pelos missionários e pelos governos".

Esta análise, inclui também considerar os múltiplos letramentos existentes no local, apesar do espaço rural ser caracterizado como pobre em materiais escritos, há uma diversidade de artefatos em diferentes contextos, que também se relacionam com práticas letradas. Para Street (2006, p. 466):

> Existem vários modos diferentes pelos quais representamos nossos usos e significados de ler e escrever em diferentes contextos sociais e o testemunho de sociedades e épocas diferentes demonstra que é enganoso pensar em uma coisa única e compacta chamada letramento.

Portanto, ponderando que "há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e do seu meio, do contexto social e cultural" (SOARES, 2012, p.44), ao fazer referência ao letramento desenvolvido na comunidade da Agropecuária Canoa Mirim, considero ser mais adequado realizar na forma plural, como letramentos.

2.4- Metodologia etnográfica de pesquisa com crianças

Considerando a particularidade desta investigação, em que as crianças são os sujeitos da pesquisa, é importante reconhecer sua capacidade de interpretar o mundo adulto, transformando e produzindo sua própria cultura a partir das interações com os outros. Anjos, Faria e Santos (2007, p. 167) apontam que:

> Conceber as crianças como sujeitos é estar em consonância com o princípio de que elas são capazes, competentes, que possuem um universo de conhecimentos e de formas de expressão a serem conhecidas pelos (as) adultos (as). Porém, para se conhecer as possibilidades infantis, é necessário ouvir e, por conseguinte, refinar formas de escuta das crianças, atividade que ainda é pouco explorada nas pesquisas.

Assim, a criança não é um mero expectador, que imita sem entendimento o mundo, ela apreende as informações e se apropria delas, reproduzindo a partir de padrões que estabeleceu

em suas interações. Logo, é concebível assegurar que como produtoras de cultura, possuem potencial para colaborarem efetivamente na sociedade.

Delgado & Muller (2005) apresentam reflexões sobre pesquisas etnográficas com as crianças e suas culturas, a partir do referencial da Sociologia da Infância, as autoras apontam que este campo teórico considera as crianças como atores sociais que acionam estratégias de luta por meio das suas culturas de pares.

Corsaro (2011, p. 128) define cultura de pares "como um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham em interação com as demais".

O mesmo autor também apresenta o conceito de 'reprodução interpretativa', considerando os artifícios realizados pelas crianças para participar de forma criativa na sociedade, "[...] as crianças criam e participam de suas próprias e exclusivas culturas de pares quando selecionam ou se apropriam criativamente de informações do mundo adulto para lidar com suas próprias e exclusivas preocupações" (CORSARO, 2011, p. 31).

Portanto, a criança quando é considerada como protagonista de uma investigação, tem voz e poder, sendo entendida não como submissa e dependente, mas como um sujeito que participa de forma ativa, intervindo no processo de pesquisa e possuindo possibilidades de posicionamentos e reflexões.

Em uma perspectiva etnográfica, com crianças, onde o pesquisador está em constante interação, é fundamental reconhecer que "a criança não sabe menos, sabe outra coisa" (COHN, 2005, p. 33).

Assim, mesmo antes de começar o trabalho de campo, o pesquisador realiza um trabalho exploratório, procurando conhecimento acerca do grupo de crianças que irá observar, tendo em vista que "ninguém parte para o trabalho de campo sem uma ideia do que são as crianças" (GRAUE e WALSH, 2003, p. 47).

Conhecer precisamente o ponto de vista das crianças é um grande desafio e o investigador amparado na metodologia que escolheu, procura estabelecer estratégias que possibilitem reconhecer e interpretar a concepção das crianças. Nesse sentido, Graue e Walsh (2003, p. 56) advertem que:

> Por mais aliciante que a frase "através dos olhos das crianças" possa ser, jamais veremos o mundo através dos olhos de outra pessoa, particularmente dos olhos de uma criança. Pelo contrário, veremos sempre o mundo através de uma multiplicidade de camadas de experiência, das crianças e nossas, e de uma multiplicidade de camadas de teorias.

Portanto, o aprofundamento do referencial teórico dos estudos da infância é importante para todos que se aventuram na pesquisa com crianças, entretanto, é necessário também estar atento que as crianças são imaginativas e espontâneas, sendo assim, o pesquisador muitas vezes terá que abandonar suas teorias e concepções para refletir sobre as interações das crianças. A partir desse entendimento, Souza e Castro (2008, p. 53) salientam:

> A primeira definição que se impõe diz respeito à compreensão do lugar social que a criança assume na interação com o adulto no contexto da pesquisa. Na medida em que a criança não é vista apenas como um objeto a ser conhecido, mas como sujeito com um saber que deve ser reconhecido e legitimado, a relação que se estabelece com ela, no contexto da pesquisa, começa a ser orientada e organizada a partir dessa visão.

Deste modo, em uma etnográfica com crianças, é imprescindível a compreensão de nossa condição de adultos e que elas nos reconhecem como diferente, assim a proximidade não é tarefa fácil, considerando ainda que "se as crianças vêem a pesquisadora como aquela que sabe de tudo, pode ser difícil estabelecer uma relação direta e franca, em que elas se sintam à vontade para expressar seus sentimentos e pensamentos. (PIRES, 2007, p. 244).

Pensando nestes aspectos, e considerando as especificidades deste contexto, Graue e Walsh (2003), comentam sobre a importância do respeito e dos acordos para obter aceitação no mundo das crianças, destacando que:

> Entrar na vida das outras pessoas é ser-se um intruso. É necessário obter permissão, permissão essa que vai além da que é dada sob formas de consentimento. É a permissão que permeia qualquer relação de respeito entre as pessoas. Na vida quotidiana as pessoas estão constantemente a negociar essa permissão com os outros, mas só raramente os adultos o fazem com as crianças. Nas relações entre adultos e crianças, os adultos são, a maior parte das vezes, aqueles que detêm o saber, dão a permissão e fixam as regras. Na investigação com crianças são as crianças que detêm o saber, dão a permissão e fixam as regras- para os adultos. (GRAUE E WALSH, 2003, p. 76 - 77)

Assim, é imperativo evidenciar atitudes de humildade frente às crianças, fazendo acordos para obter a permissão de participar nas suas atividades, valorizando suas falas, seus conhecimentos e indicando situações em que elas possam constatar o quanto são competentes e capazes de ensinar e ajudar.

Refletindo sobre a particularidade desta investigação que tem como contexto um grupo de estudos bíblicos, considero muito importante a postura de, desde o início colocar-me como aprendiz para não ser confundida como mais uma evangelizadora que tem o poder de comando.

Durante os momentos de interação com as crianças, entendo a necessidade do cuidado de destacar os conhecimentos que foram aprendidos com elas. Essa inclusão de participante no contexto do grupo pesquisado, é muito importante, pois oportuniza a observação atenta e ainda um diálogo potente com as crianças, tendo clareza que "temos muito a debater sobre as orientações teórico-metodológicas, quando se trata de pesquisa com crianças" (ROCHA, 2008, p.44).

Estar imerso no campo empírico como participante, também envolve momentos em que é imperioso um afastamento para reflexões, considerando que "[...] não basta estar dentro para que o entendimento seja alcançado. Ao sistematizar também é necessário um exercício de certo distanciamento" (BUSSAB E SANTOS, 2009, p. 110).

Ainda é importante destacar a constante reflexão sobre o papel de investigador e participante no contexto pesquisado, entendendo que estas funções são lados da mesma moeda e precisam conversar estabelecendo uma conexão durante o período de produção de dados em campo.

Sobre a produção de dados, as entrevistas e a observação participantes são instrumentos indicados em uma pesquisa etnográfica, porém quando a investigação envolve crianças são necessários alguns cuidados especiais. Graue e Walsh (2003) destacam a importância de considerar os contextos em que acontece a interação das crianças, ou seja:

> As crianças não podem permanecer incólumes aos contextos em que se movem. Tal como os contextos se moldam à sua presença, as crianças e os seus contextos influenciam-se mutuamente. Tentar pensar nas crianças sem tomar em consideração as situações da vida real é despir de significado tanto as crianças como as suas acções. (GRAUE E WALSH,2003, p. 24-25)

Entender os contextos é estender o olhar, procurando estabelecer relação entre as interações que as crianças pesquisadas realizam no seu cotidiano. Interpretar os contextos é adequado e necessário quando consideramos que as crianças recriam significados para os comportamentos através de suas relações. Nogueira (2011), corrobora com a importância da valorização dos contextos em que a investigação é realizada salientando que:

> Contextos entrecruzam-se e influenciam-se mutuamente, [...] buscar significados requer, entre outros quesitos, situar o tempo e o espaço em que está sendo realizada a pesquisa, tanto em instâncias macro, como meso e micro, a fim de identificar possíveis articulações ou desarticulações entre ambos os contextos. (NOGUEIRA, 2011, p.24).

Assim, o prolongado período em campo, que é uma característica da investigação etnográfica, permite a assimilação das relações desenvolvidas pelas crianças nas suas rotinas e contextos, oportunizando maior clareza na leitura dos dados produzidos para a pesquisa.

Segundo Corsaro (2011, p. 65), "para garantir que as interpretações etnográficas sejam culturalmente válidas, elas devem estar fundamentadas no acúmulo das especificidades da vida cotidiana". Graue e Walsh (2003) ao discorrerem sobre este trabalho de produção de dados, enfatizam que:

> Os dados não andam por aí à espera de serem recolhidos por investigadores objetivos. Pelo contrário, eles provêm das interacções do investigador num contexto local, através das relações com os participantes e de interpretações do que é importante para as questões de interesse (GRAUE E WALSH,2003, p. 94)

Também é oportuno destacar que o etnógrafo que escolhe pesquisar um grupo de crianças, desenvolve atenção especial para entender e valorizar as diferentes linguagens que as crianças utilizam para expressar e interpretar os fatos de seu cotidiano.

Nesta perspectiva, os instrumentos utilizados para a produção de dados são refletidos e complementados de acordo com a realidade observada no período de inserção em campo, assim, "Buscar formas de ouvir as crianças em pesquisas envolve, portanto, considerar suas múltiplas possibilidades de expressão e de comunicação, já que a criança se expressa não só por meio da sua voz, mas por meio de seu corpo, gestos" (ANJOS; FARIA; SANTOS, 2017, p. 168).

Por conseguinte, materiais coletados durante a interação das crianças como desenhos, escritos, áudios, vídeos são potencias ferramentas para a produção de dados. Cohn (2005, p. 45) indica como complemento das observações participantes "[...] a coleta de desenhos e histórias elaboradas pelas crianças e registros audiovisuais", salientando que esse último tem grande eficácia em uma abordagem etnográfica com crianças.

No que se refere a presente pesquisa, que tem como objetivo principal conhecer e entenderas práticas de letramentos vivenciadas pelas crianças da localidade rural Agropecuária Canoa Mirim que participam do grupo de estudos bíblicos da igreja Pentecostal Casa de Oração, é relevante a análise e interpretação dos materiais produzidos pelas crianças durante as atividades realizadas pela evangelizadora no grupo de estudos como desenhos, produções textuais, áudios, vídeos e relatos.

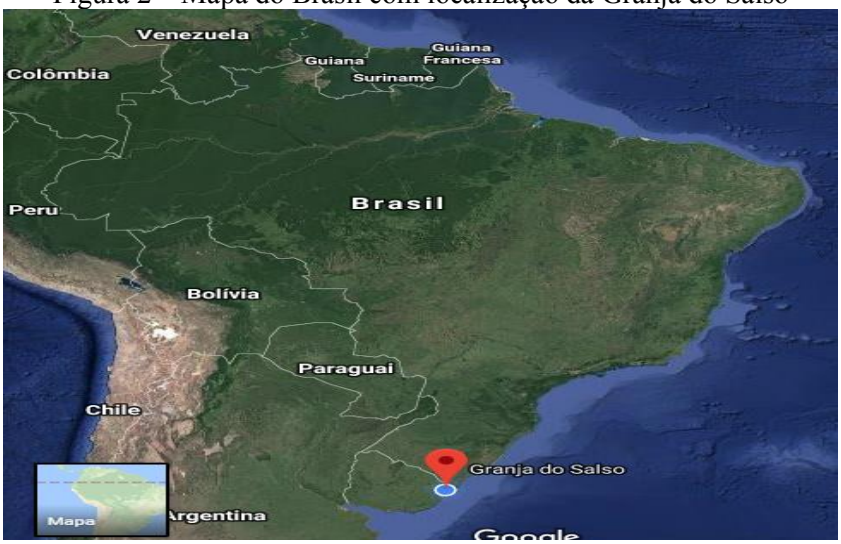
Também dados sobre a Agropecuária Canoa Mirim, que considero como o contexto alargado[5]da pesquisa, são importantes ao passo que são articulados com as observações realizadas no grupo de estudos bíblicos, que é o contexto local da investigação[6].

O cruzamento dessas informações acrescentadas com as escritas do caderno de campo, observações participativas, análises de fotos, vídeos, entrevistas e aprofundamento teórico, tem revelado inúmeras possibilidades de argumentações para responder a questão de pesquisa.

2.5- Situando o contexto da comunidade Agropecuária Canoa Mirim

A comunidade Agropecuária Canoa Mirim, também conhecida como Granja do Salso, está localizada na zona rural, quarto distrito do município de Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul. É uma propriedade privada que foi fundada no ano de 1967 e sua localidade está distante 60 km da zona urbana, sendo 18 km de estrada de chão, conforme é possível visualizar na figura a seguir.

Figura 2 – Mapa do Brasil com localização da Granja do Salso



Fonte: Google Maps

Na comunidade, há uma diversidade muito grande de culturas, pois os moradores são oriundos de lugares distintos, situação essa bastante comum nos espaços rurais. Conforme salienta Grazziotin & Souza (2014, p. 14):

[5]O contexto alargado de acordo com Graue e Walsh (2003, p.26) é "onde o contexto local está inserido e através do qual enquadramos a nossa investigação e, em última análise, a nossa interpretação".
[6]Graue e Walsh (2003) explicam o contexto local como o espaço onde a investigação é conduzida, o aqui e agora.

> O meio rural é entendido como espaço/lugar em que as práticas e as culturas se materializam e desenvolvem. Neste espaço, os limites físicos e as condições geográficas se diluem a partir dos significados que adquirem, no âmbito das diferentes ações humanas. Além disso, como espaço de "produção de novas relações sociais" caracteriza-se em um campo de possibilidades, de produções de história e cultura, dos sujeitos que ali vivem

Desse modo, entendo que as diferentes culturas que constituem o meio rural é um aspecto muito importante que precisa ser considerado pelo pesquisador, valorizando e escutando atentamente o relato dos membros da comunidade. Compreender que cada um tenha sua história pessoal favorece o conhecimento da cultura, e é essencial para conhecer a identidade da comunidade. Na figura 3 é possível ter uma visão panorâmica da Granja do Salso.

Figura 3- Registro fotográfico da vista aérea da Agropecuária Canoa Mirim

Fonte: Registro fotográfico realizado por Márcio Sanchez Silveira[7], 2018.

Segundo dados fornecidos pelo diretor do Departamento de Recursos Humanos da Granja do Salso, na localidade residem aproximadamente 450 habitantes, sendo 313 funcionários.

No período do plantio e colheita do arroz, acontece a contratação de aproximadamente 90 funcionários temporários. Sendo que a Granja tem como principal atividade o plantio de arroz irrigado, aspecto observado na figura 4.

[7] Gerente da Agropecuária Canoa Mirim

Figura 4- Registro fotográfico da lavoura de arroz Agropecuária Canoa Mirim

Fonte: Registro fotográfico realizado pela autora

O comércio local conta com um mercado e um hotel que também funciona como cantina. As figuras de 5 a 11 mostram os pontos principais da Granja que são usados como referência para localização. São eles: Mercado da Ramada, prédio sede da Agropecuária Canoa Mirim, Hotel, Hospedaria de funcionários temporários, Escola Municipal de Ensino Fundamental Brasilino Patella, Campo da Associação Atlética Salso, e Posto de saúde.

O **Mercado da Ramada** é um dos pontos tradicionais da Agropecuária Canoa Mirim, principalmente por muitas pessoas também conhecerem a localidade por nome de Ramada. Até a década de 90, funcionou como mercado, loja, restaurante e salão que promovia muitas festas, inclusive trazendo artistas e realizando sessão de filmes. Atualmente funciona apenas como mercado.

Figura 5 – Mercado da Ramada

Fonte: Registro fotográfico realizado pela autora

Na parte central da comunidade Agropecuária Canoa Mirim, localiza-se o prédio sede, onde funciona a recepção, o Departamento de Recursos Humanos, o escritório, a Associação Esportiva e o almoxarifado.

Figura 6– Prédio sede da Agropecuária Canoa Mirim

Fonte: Registro fotográfico realizado pela autora

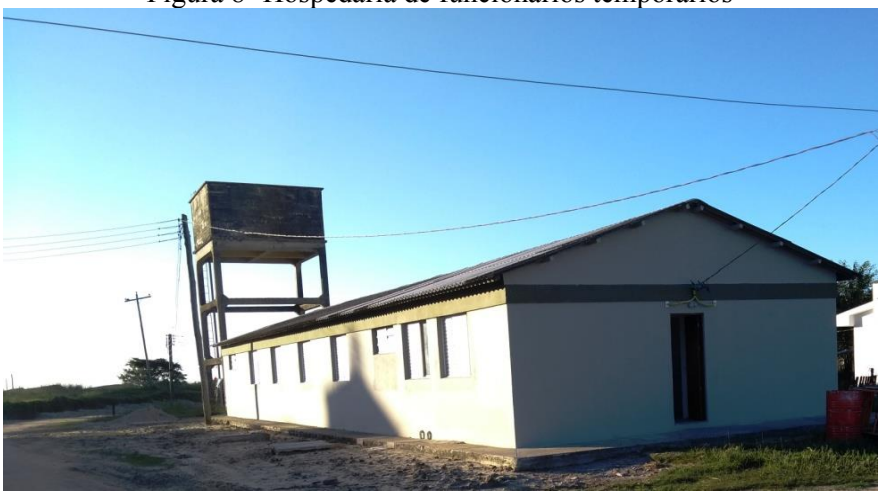
Na localidade também existe um hotel que é de propriedade da empresa Agropecuária Canoa Mirim, porém atualmente foi terceirizado e funciona também como mercado. Este hotel hospeda visitantes, funcionários e prestadores de serviços.

Figura 7 –Hotel

Fonte: Registro fotográfico realizado pela autora

A administração da Granja do Salso, também gerencia um prédio que é conhecido na comunidade como o "Alojamento para solteiros", sendo utilizado principalmente para hospedar trabalhadores que são contratados temporariamente para o serviço de plantio e colheita das lavouras de arroz.

Figura 8- Hospedaria de funcionários temporários



Fonte: Registro fotográfico realizado pela autora

A comunidade ainda possui uma escola, que é de competência, sendo uma referência na comunidade da Agropecuária Canoa Mirim. A escola municipal de Ensino Fundamental Brasilino Patella atende 175 alunos desde a Educação Infantil – pré-escola – até o Ensino Fundamental.

Atualmente está funcionando sobre o sistema de nucleação[8], sendo esta a escola sede a qual recebe alunos de várias localidades, muitos vem de locais bem distantes, e necessitam utilizar o transporte escolar.

Seu corpo docente está constituído no ano letivo de 2019, por 14 professores, sendo 9 contratos temporários que moram em casa cedida pela administração da empresa Agropecuária Canoa Mirim para hospedar os professores durante o ano letivo. Ainda, é no prédio da escola que acontece os encontros e cultos da Igreja Pentecostal Casa de Oração.

Figura 9 –Escola Municipal de Ensino Fundamental Brasilino Patella

Fonte: Registro fotográfico realizado pela autora

[8][...] A nucleação representa a principal política desenvolvida pelos poderes públicos referentes à Educação de Campo, na qual vem fechando pequenas escolas de campo, mais isoladas ou longe dos centros urbanos, e alocando os alunos em uma só escola (Santos 2008, p. 35)

A localidade ainda possui um campo de futebol que é de competência da Associação Atlética Salso, sendo utilizado como área de lazer e entretenimento da comunidade, também consiste na sede para o tradicional Campeonato de Futebol do Interior, que é disputado entre várias granjas situadas no interior do município de Santa Vitória do Palmar.

Figura 10– Campo da Assossiação Atlética Salso

Fonte: Registro fotográfico realizado pela autora

Finalizando a descrição dos pontos principais da Agropecuária Canoa Mirim, destaco o posto de saúde da localidade, que funciona em uma casa cedida pela administração da Granja, neste local trabalha um enfermeiro e também há atendimento médico e odontológico quinzenalmente, estes profissionais são vinculados a Secretaria Municipal da Saúde do município de Santa Vitória do Palmar.

Figura 11- Posto de saúde - Agropecuária Canoa Mirim

Fonte: Registro fotográfico realizado pela autora

Na localidade da Agropecuária Canoa Mirim não há igrejas, a representação da comunidade católica e evangélica realizam seus encontros no prédio da escola no turno da noite, ou finais de semana quando não ocorrem atividades escolares.

Por muitos anos a religião católica teve uma ampla expressividade dentro da comunidade, sendo que a maioria da população se declarava como católica e os encontros no prédio da escola eram eventos que agregavam muitas pessoas.

Neste período eu era representante da igreja e atuava como catequista, sendo um elo entre a Igreja Matriz situada na cidade de Santa Vitória do Palmar e a Paróquia da Granja do Salso.

Porém, em função da demanda excessiva de trabalho e estudos, aos poucos fui tornando-me pouco atuante como catequista, até que não foi possível mais exercer esta atividade e por consequência, nos anos 2000 as missas e eventos da religião católica também acabaram na Granja do Salso.

Atualmente somente a religião evangélica utiliza o espaço disponibilizado pela escola para realizar cultos, encontros e estudos bíblicos e tem uma expressividade acentuada de participantes. Desta forma houve uma mudança bastante considerável no perfil dos sujeitos da comunidade referente à religião, hoje em dia a grande maioria dos moradores da Granja do Salso afirmam ser evangélicos.

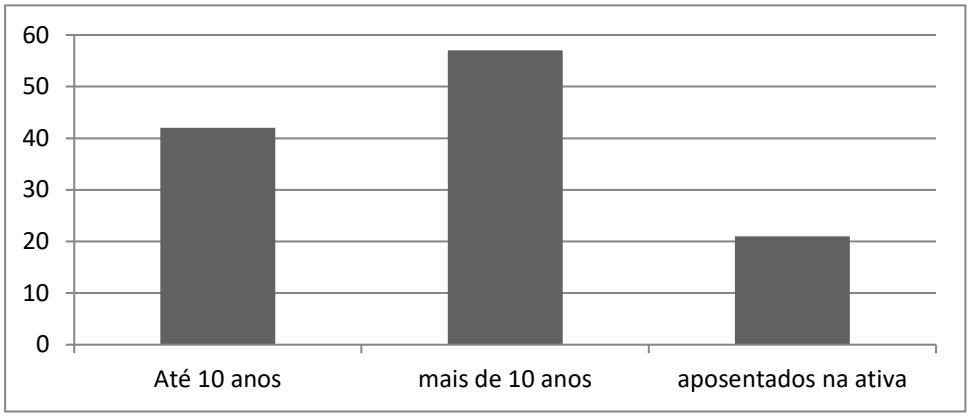
Para conhecer o contexto sócio, econômico e educacional da localidade, optei por aplicar um questionário, composto por questões fechadas para 40 famílias localizadas em pontos diferentes da comunidade, obtendo dados importantes para a pesquisa. Este questionário foi aplicado no período de novembro a dezembro de 2017[9].

Todos os moradores residem em casas que são cedidas pela administração da Granja do Salso, estas casas são de alvenaria e possuem 5 cômodos ou mais. A água chega até as residências através de poços artesianos, apesar de existir rede de esgoto o mesmo não é tratado. Todas as residências possuem energia elétrica e a grande maioria tem acesso à internet.

Nas famílias que foram entrevistadas, pelo menos uma pessoa é funcionária da empresa Agropecuária Canoa Mirim, pois o que possibilita morar nas casas é a ligação de emprego com a granja. Por meio do questionário fechado também foi possível constatar o tempo de trabalho de alguns funcionários na empresa, conforme é demonstrado o quadro 2:

[9]Esta forma de contextualização da Agropecuária Canoa Mirim foi realizada inicialmente em meu Trabalho de Conclusão de Curso no ano de 2011, os dados aqui apresentados estão atualizados de acordo com a realidade desta localidade no ano de 2018.

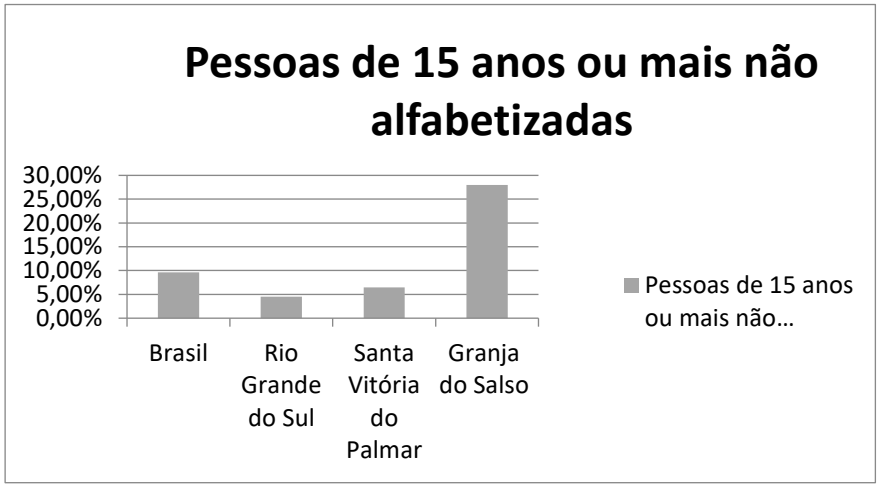
Quadro 2 – Tempo de serviço de alguns funcionários na Agropecuária Canoa Mirim



Fonte: organização da autora a partir de dados do questionário

Outro dado do questionário é sobre o grau de instrução dos moradores das residências entrevistadas, 11 pessoas das 40 pesquisadas com mais de quinze anos se declararam analfabetas, obtendo um percentual de analfabetismo na Granja de aproximadamente 28%, bem maior que os do País, Estado e Município, conforme mostra o quadro 3.

Quadro 3: Comparativo entre o número de analfabetismo do Brasil, Rio Grande do Sul, Santa Vitória do Palmar e Agropecuária Canoa Mirim



Fonte: IBGE, 2010 e adaptações da autora.

De acordo com o Censo Demográfico de 2010, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de analfabetismo no país vem diminuindo. A população com 15 anos ou mais teve uma queda de 13,63% em 2000, para 9,6% em 2010. No Estado do Rio Grande do Sul as taxas de analfabetismo entre os gaúchos com mais de 15 anos, no ano de 2000 era de 6,7%, dez anos depois este índice foi reduzido para 4,5%. A taxa de

analfabetismo no município de Santa Vitória do Palmar no ano de 2000 com pessoas de 15 anos ou mais era de 9,54% e em 2010 baixou para 6,46%.

O índice de analfabetos no Brasil ainda é bastante significativo, são inúmeros os brasileiros que se encontram nessa situação. Dentre os fatores que contribuem para que essas pessoas não concluam seus estudos na idade esperada, destaco a necessidade de trabalhar e manter o sustento da família.

Quanto aos dados da Agropecuária Canoa Mirim, penso que este alto percentual de analfabetismo se deve principalmente ao fato de que os moradores estão em uma localidade de difícil acesso à cidade e nos últimos 16 anos não foi proporcionada nenhuma ação de Educação de Jovens e Adultos dentro da comunidade

Em conversa informal com quinze trabalhadores que não completaram o Ensino Fundamental, constatei que a grande maioria já tentou alguma vez voltar para escola, justificando que gostariam de concluir seus estudos para qualificar sua mão de obra e ter melhores oportunidades dentro da granja, porém pela dificuldade em morar distante da cidade e também pelo período de plantio e colheita do arroz quando seu trabalho se intensifica, acabaram evadindo, sendo que é recorrente o discurso da maioria de que "sabem que não conseguirão frequentar e por isso nem perdem seu tempo tentando".

Sobre o mercado de trabalho, apurei que apesar do alto nível de analfabetismo, a maioria dos moradores de ambos os sexos estão empregados, como mostra os dados do quadro nº 4.

Quadro 4: Situação dos moradores da Agropecuária Canoa Mirim no mercado de trabalho

Homens pesquisados com mais de 18 anos	
EMPREGADOS	**DESEMPREGADOS**
60	12
Total pesquisado: 72	
Mulheres pesquisadas com mais de 18 anos	
EMPREGADAS	**DESEMPREGADAS**
23	35
Total pesquisado: 58	

Fonte: organização da autora a partir dos dados do questionário

Os dados do quadro nº 4, demonstram que o percentual de homens empregados é bem maior que o das mulheres, isto se deve ao fato de que apesar da empresa Canoa Mirim oferecer empregos diversos, como auxiliar de escritório, telefonista e operador de máquinas, a maioria do trabalho oferecido pela empresa é destinado para a população masculina, de serviços gerais na lavoura de arroz.

A partir dos dados obtidos, observo que a comunidade tem como principal carência o difícil acesso e o alto nível de analfabetismo. Conforme colocado anteriormente, o fato dos entrevistados estarem vinculados a uma empresa privada não houve dados sobre falta de moradia, desemprego e extrema pobreza.

As pessoas residem a bastante tempo na comunidade em média 10 anos ou mais e isso permite um maior entrosamento e uma comunicação bastante acessível, tornando-se mais fácil identificar as necessidades e prioridades da comunidade.

Ainda refletindo sobre a relação dos dados da Agropecuária Canoa Mirim com as crianças pentecostais que são moradoras da comunidade e sujeitos da atual pesquisa, observo que a escola é o único local que é frequentado regularmente por elas possibilitando socialização, principalmente por ser o lugar de encontros dos cultos e de círculo de orações da igreja.

2.6-Aprendendo com a pesquisa: o trabalho em campo

Conforme explicitado anteriormente, durante 20 anos trabalhei como catequista da igreja católica na localidade da Agropecuária Canoa Mirim, assim minha opção religiosa era conhecida por todos na localidade, portanto quando decidi realizar a pesquisa com as crianças pentecostais imaginei que poderia não ser bem recebida pelas lideranças deste grupo, porém para minha surpresa fui aceita sem nenhuma objeção.

Realizei o contato inicial em novembro de 2017, por meio de conversa com a Maria, a evangelizadora do grupo de crianças da Igreja Pentecostal Casa de Oração, expliquei os objetivos da pesquisa e solicitei permissão para realizar as observações participantes, obtendo aprovação imediata. O registro no Diário de Campo permitiu retomar esse momento importante para pesquisa:

> Hoje foi a primeira vez que participei de um culto, em função de minha nova pesquisa este momento se tornou necessário. Estava muito ansiosa e também temia por minha recepção já que todos conheciam meu trabalho como catequista da religião católica na comunidade, sendo que, por muitas vezes deixei claro minha posição de crítica aos evangélicos da comunidade.

> Porém, para minha surpresa fui muito bem recebida pela evangelizadora das crianças que explicou que neste dia teria culto e não evangelização, mas que eu poderia observar sem nenhum problema (DIÁRIO DE CAMPO, 27/11/2017).

Seguramente essa recepção foi decisiva para que eu, enquanto pesquisadora começasse o processo de aprendizagem sobre aquelas pessoas e aquele contexto que tinha desenvolvido imenso preconceito e, até mesmo, considerava como oponentes. Assim, dei continuidade a minha pesquisa, refletindo e reconstruindo conceitos.

O momento da entrada em campo e a aceitação do grupo social é o desafio inicial a ser encarado pelo pesquisador e teria reflexos no prosseguimento da pesquisa. Sobre esse aspecto, Ameigeiras (2007, p. 125), destaca que:

> El ingreso presenta la primera situación de interacción con los otros sujetos en una dimensión espacio temporal concreta, en un lugar y un momento en particular. Al respecto es importante tener en cuenta que la <<entrada>> se relaciona con la generación de un vínculo, con relación al cual se establece la ocupación de un <<lugar>>.

Neste momento estava começando a escrita do projeto de pesquisa e a acolhida carinhosa por parte de todas as lideranças do grupo foi determinante para o início do processo de produção de dados para pesquisa e do desenvolvimento da etnografia com as crianças, oportunizando um longo período em campo com observações participantes, e reconstruções que resultaram em momentos de reflexão onde conseguia relacionar os dados produzidos entre si articulando com o referencial teórico.

Passadas oito observações participantes associadas com estudos sobre etnografia e reflexões, percebi que estava desenvolvendo aprendizagens sobre o meio pesquisado e sobre as pessoas participantes, porém não estava mantendo meu foco direcionado para os sujeitos da pesquisa, que eram as crianças. Era preciso conquistar sua confiança e aceitação, sendo isso um novo desafio para que a investigação tivesse continuidade.

Sobre essa posição pesquisa com crianças, Grau e Wlash (2008, p. 133) destacam que: "Um observador participante está lá, não atrás de um ecrã ou de um vidro, mas ao lado das crianças, capaz de ouvir o que está a ser dito, interagindo com elas e partilhando até certo ponto das suas experiências".

Dentro desta perspectiva, as anotações no diário de campo também foram aliadas, pois possibilitaram uma reflexão crítica bem como a retomada dos registros e a reavaliação junto com minha orientadora dos rumos da pesquisa. Minhas ações e postura no contexto pesquisado foram reconsideradas, entendendo que existia a necessidade de aprofundar os

conhecimentos sobre etnografia com crianças.

Após estas novas leituras, redirecionei minhas observações e procurei manter um vínculo mais estreito com as crianças, aproximando-me cada vez mais e reiterando minha posição de alguém que necessita aprender com elas.

Fiquei atenta aos requisitos que pudessem condicionar minha aceitação nestas condições e que as crianças pudessem desenvolver confianças em mim. Este processo de reestruturação das observações participantes foi repleto de aprendizagens e imperativo para minha formação de pesquisadora.

Porém, mesmo estando debruçada nos referenciais teóricos sobre etnografia com crianças e sociologia da infância o contato com elas não aconteceu de forma imediata e tranquila, muitas vezes fui ignorada, conforme é possível perceber no relato do caderno de anotações[10] do dia 23/05/2018:

> Percebi que A.e L. conversavam sobre o culto ocorrido em um dia que eu não estava presente, me aproximei e perguntei se poderiam me contar sobre esse dia, as meninas se olharam e disseram que não aconteceu nada diferente, logo a L. começou a cantar um louvor bem baixinho e se afastou. Percebi então que não era bem vinda na conversa e respeitei esse momento.

Alguns episódios de rejeição também foram essenciais para que eu aprendesse sobre pesquisa com crianças, desenvolvendo novas estratégias para conseguir ser aceita nas suas interações. Campos (2008, p. 38) ressalta que, "uma das formas de tentar superar essa distância, [...], é colocar-se como parceiro, falando sobre si próprio, procurando mostrar-se como pessoa".

Assim, alguns critérios foram essenciais para que eu adquirisse aceitação no grupo de crianças, como por exemplo, minha participação nas atividades que elas eram envolvidas e o direcionamento de perguntas sempre para elas, procurando valorizar suas respostas.

Um fato interessante de ser relatado é que percebi que as crianças ficavam muito tempo sem alimentação e desse modo decidi sempre levar lanches para distribuir entre elas durante as atividades.

Lentamente, fui observando sinais que evidenciavam que eu estava conquistando a confiança das crianças e que elas entendiam minha posição, conforme é possível notar na descrição no Diário de campo no dia 30/06/2018:

---

[10]O caderno de anotações é utilizado para registrar os dados produzidos durante as observações no contexto pesquisado. No diário de Campo, é feito uma reflexão destes dados.

> Hoje em minhas observações no grupo de estudos bíblicos percebi indícios de que estou sendo aceita pelas crianças e que elas não estão me vendo como um adulto disciplinador. Perguntei para a A.H (6 anos) se ela rezava em casa e a sua resposta foi: "Eu não rezo, eu oro, já te ensinei isso umas quantas vezes e tu não aprende nunca". Em outro episódio L. (9 anos) falava que queria contar seu sonho, mas estava com dificuldade para lembrar, então pedi que ele fizesse um esforço e tentasse recordar. A resposta dele foi. "Eu não tento, porque não tenho um tentador, precisas aprender a não falar mais esta palavra".

Refletindo sobre o excerto acima, percebo que os significados que as crianças atribuem às palavras estão bem dentro do contexto de sua religião, fazendo parte de seu processo de letramentos. Além disso, demonstram de certa forma uma postura de evangelizadores reproduzindo aquilo que vivenciam no grupo de estudos bíblicos.

A evangelizadora, no início de minhas observações conversava comigo como se eu estivesse no local como sua auxiliar, me chamando o tempo todo de *prô* lembrando minha atividade na escola, este fato começou a me causar certa angústia, porque impedia minha aproximação com as crianças na posição de aprendiz.

Assim, conversei com ela sobre minha posição de pesquisadora e que precisava aprender com as crianças, portanto, elas necessitavam entender que iriam me ensinar, por isso, não poderia ser caracterizada e nem nomeada como professora, e sim como aluna.

Portanto, ao vivenciar essas situações relatadas no diário de campo, percebi que minhas estratégias estavam refletindo resultados positivos.

O período inserção no campo da pesquisa, oportunizou que eu passasse por várias etapas que proporcionaram entendimento do comportamento das pessoas e desenvolvesse táticas para a produção de dados.

Observei que existia uma separação de gêneros muito forte atuando dentro da Igreja e mesmo que todos tivessem conhecimento de minha presença no grupo como pesquisadora, o fato de eu ser mulher causava certo constrangimento ao estabelecer um diálogo com o pastor e o presbítero que são os responsáveis pela igreja.

Sempre que eu procurava essas lideranças para solicitar algumas informações as respostas eram vagas e muito rápidas.

Observando isso, decidi convidar meu marido para me acompanhar nas observações principalmente dos cultos, com a intenção de que fosse mais bem aceita neste local.

O resultado foi muito positivo, com a presença de uma figura masculina ao meu lado, os diálogos com essas lideranças após os cultos foram repletos de descontração e assim aprendi sobre detalhes do funcionamento da igreja, bem como as ideias e concepções que são

pregadas e constatei que muitos desses pontos de vistas estão presentes no diálogo das crianças. Como relato em meu diário de Campo no dia 03/08/2018:

> Hoje M.(11 anos) perguntou para mim o motivo que eu tinha faltado diversos encontros do grupo e alguns cultos, expliquei para ela que eu estava trabalhando muito e meu marido também. A resposta dela foi. "Mas vocês precisam entender que em primeiro lugar está a Igreja, o trabalho vem depois". Lembrei do pastor falando que para um cristão a obra de Deus está em primeiro lugar e entendi a argumentação da M., era mais uma forma dela me ensinar.

Mais tarde a mesma menina trouxe para me mostrar uma publicação que tinha sido postada no grupo de *Whatsapp* pelo Presbítero da Igreja e falou "Olha sobre o que eu te falei"

Figura 12 - Registro fotográfico de publicação do *Whatsapp* da Igreja Casa de Oração

Fonte: Igreja Pentecostal Casa de Oração

Neste episódio fica evidente que a oratória do Pastor e do Presbítero– a qual caracterizo como uma prática de letramento – fazem parte do cotidiano desta menina e estas práticas são reforçadas através do grupo de *Whatsapp* da Igreja.

Durante o trabalho de campo realizei 28 observações participativas junto ao grupo de crianças da comunidade Agropecuária Canoa Mirim que frequentam a Igreja Pentecostal Casa de oração, sendo 10 no grupo de estudos bíblicos e 18 nos cultos realizados na localidade, durante estas observações foram produzidas aproximadamente 300 minutos de gravações de voz e vídeos e 140 fotos.

Os sujeitos da pesquisa foram 6 crianças que frequentavam efetivamente a evangelização e os cultos e ainda era moradores da comunidade da Granja do Salso.

Um aspecto que destaco no período de observações participativa é o que se refere à comunicação com as crianças, pois nem sempre era feita de forma verbal, muitas vezes um

olhar ou um gesto era muito significativo, dois episódios que relato em meu caderno de anotações demonstram que poderia entender as crianças sem precisar de palavras:

> No culto do dia 01/09/2018, o pastor estava bem exaltado, seus gritos no microfone ecoavam pela Igreja exigindo que os fiéis respondessem, cobrando que a Igreja estava quieta e triste. Neste momento observei a A.H (que é a filha do Pastor) tapava os ouvidos com as mãos, estranhei este gesto porque os gritos são normais na igreja. Quando cheguei em casa, refleti se esta situação não seria causada pelo fato do pregador ser seu pai e a menina relacionava o sermão como uma cobrança autoritária paterna. Resolvi observar o comportamento da menina com outros pregadores e hoje 12/09/2018 confirmei essa relação, pois o presbítero realizou um sermão longo e bastante eloquente, porém a A.H estava muito tranquila e até passeava pela Igreja. (12/09/2018)

Este dado me faz refletir como a observação atenta e as interações com as crianças do contexto pesquisado, estavam contribuindo para o conhecimento de suas reações.

A.H, geralmente é uma menina bem agitada e falante, leva brinquedos para igreja e nos momentos de pregações, sempre é necessário que a evangelizadora chame sua atenção. Porém, entendo que quando o Pastor é o pregador, as cobranças e o discurso inflamado são associadas com a figura autoritária de seu pai e tapa os ouvidos para fingir que não entende.

Este aprendizado foi essencial para que tivesse cuidado na forma de entrevistar e conversar com as crianças.

Outra situação se refere a M.R (4 anos). A menina é moradora recente da localidade da Agropecuária Canoa Mirim e foi criada na cidade do Chuí/Uruguai, sendo assim a comunicação com ela é bem difícil porque só fala e entende o Espanhol. Mesmo assim, após o trabalho de evangelização realizado aos sábados, sempre que tenho oportunidade, a incluo nas conversas e brincadeiras.

No dia 19/09/2018, perguntei para as crianças sobre o que a evangelizadora queria dizer quanto a nossa relação com Deus e muitos falavam do amor de Deus por nós, notei que M.R pegou material para desenhar e o resultado mostrou que ela conseguia se comunicar mesmo sem entender o português e estava entendendo tudo e perfeitamente.

Figura 13: Registro fotográfico do desenho da M.R

Fonte: Própria autora

Analisando a escrita do desenho acima, percebo que a menina apesar de não ser falante da língua portuguesa, consegue identificar o tema do que está sendo comentado no grupo (Deus) e também manifesta afeto escrevendo[11] TE AMO e o meu nome.

Também realizei entrevistas não diretivas com a evangelizadora, a secretária, o pastor e presbítero da Igreja e fiz visitas as residências das seis crianças que foram sujeitos da pesquisa.

O trabalho de entrevista com as crianças foi realizado de forma diferenciada. Convidei-as para fazer vídeo das entrevistas na minha casa, vieram em grupos e organizei o espaço de forma lúdica oportunizando brincadeiras e descontração, considerando que: "As crianças criam atividades baseadas no ato de brincar, na imaginação e na interpretação da realidade de uma forma própria dos grupos infantis". (DELGADO & MULLER, 2005, p.163).

Assim, elas tiveram a oportunidade de se expressar de forma livre, muitas vezes um contestava a opinião do outro e escolhiam o que deveria ser gravado. O resultado foi um material muito rico[12], com contribuições muito relevantes para a investigação.

Estar em interação com o outro, é um movimento que por mais que façamos esforços para focar nos objetivos da pesquisa, sempre inclui sentimentos e emoções. Sendo assim, por muitas vezes esses sentimentos estiveram presentes quando conversava com as crianças e elas relatavam episódios familiares tristes, quando visitava uma família e presenciava extrema pobreza, muitas vezes até com falta de alimentação e principalmente quando sentia que as crianças e as pessoas do contexto pesquisado desenvolviam uma relação muito carinhosa comigo.

A característica da pesquisa etnográfica, principalmente com crianças, faz com que o pesquisador não esteja no contexto apenas como observador e esta participação ativa em todas as atividades do grupo forma vínculos permeados de afetos.

No final do mês de outubro de 2018, em conversa com minha orientadora, resolvemos que para o bom andamento da pesquisa seria necessário organizar minha saída de campo, uma vez que tinha dados suficientes para a pesquisa.

Além disso, teria que considerar ainda o distanciamento necessário para refletir e fazer uma leitura adequada destes dados. Confesso que foi um processo bastante doloroso, o qual descrevi da seguinte forma em meu diário de campo no dia 30/10/2018:

---

[11]Deus te abençoe

[12]As entrevistas, vídeos, fotografias e visitas serão descritas no capítulo IV, no qual faço análise da produção de dados da pesquisa.

> Hoje encerrei minhas observações com o grupo da Igreja Pentecostal Casa de Oração. Minha entrada em campo foi cheia de receios e ansiedades e nunca imaginei que a saída seria difícil e repleta de emoção. Aprendi muito com o grupo, desde os momentos em que era ignorada até o processo em que fui conquistando o carinho e a confiança deles. Vou sentir saudades das interações, dos sorrisos, das repreensões das crianças empoderadas pela possibilidade de me ensinar, dos abraços e daquele sincero "eu te amo". A pesquisa etnográfica me proporcionou muito encantamento e eu sei que nunca mais serei a mesma pessoa.

Apesar de entender minha posição como pesquisadora com aquele grupo de crianças e sempre procurar focar nos objetivos da pesquisa, as interações foram oportunizando junto com o conhecimento do grupo a construção de relações carinhosas. "Gerar dados é um desafio, mas o trabalho de campo, estar lá, depressa se torna agradável, emocionante e, até, viciante. Lá é muitas vezes um local hospitaleiro" (GRAUE, WALSH, 2003, p. 157).

Assim, ao refletir criticamente sobre meu ingresso e saída de campo, também destaco a relevância desse processo de apreciação das diferentes situações vivenciadas, que serão retomadas nas próximas etapas da pesquisa onde trarei a organização e análise dos dados produzidos.

No próximo capítulo apresento uma discussão sobre o conceito do letramento, entendido como a capacidade do sujeito de empregar a leitura e escrita em seu contexto social, a partir da perspectiva de Street (2003, 2014), Ribeiro (2014), Britto (2004), Soares (2004, 2006, 2012), Macedo (2005), Tfouni (2010), Kleiman (1995), Marinho (2010), Castanheira, Green e Dixon (2007, 2010).

CAPÍTULO III – REFLETINDO SOBRE O CONCEITO DE LETRAMENTOS

Este capítulo está organizado em duas seções, na primeira é discutido questões relativas ao letramento entendido como a capacidade do sujeito empregar a leitura e escrita em seu contexto social (BRITTO, 2004; STREET, 2014), ainda problematizo o conceito de letramentos autônomo e letramentos ideológico (STREET, 2014) e a relação da escrita e a oralidade.

Na segunda seção, apresento os conceitos de eventos de letramentos e práticas de letramentos, considerando o primeiro como qualquer acontecimento no qual esteja presente a escrita e a leitura interagindo com o sujeito, já o conceito de práticas de letramentos fazer referência aos usos sociais de escrita e leitura com envolvimento e reflexão (STREET, 2014

O termo letramentos e a caracterização de sujeitos letrados sempre é um tema que provoca dúvidas quando colocado para discussões. Porém, o letramento está presente em muitos momentos de nosso cotidiano, a língua escrita encontra-se nas mais variadas atividades que realizamos, basta realizar um passeio observando atentamente anúncios, placas de sinalização, propagandas, estabelecimentos comerciais, entre outros. A sociedade está encharcada de informações que utilizam a língua escrita, condicionando automaticamente letramentos.

Assim, o letramento é basicamente social e está relacionado com as interações realizadas entre as pessoas articulado com escrita, no entanto, o conceito do letramento ainda é relativamente novo, conforme Soares (2006) os estudos sobre este tema começaram a serem aprofundados a partir da década de 80, sendo que diversos autores no Brasil e no exterior vem investigando sobre o que é letramento. Brito (2004), por exemplo, descreve o letramento:

> Não simplesmente como a condição definida pelo que uma pessoa seria capaz de fazer usando a escrita, mas, globalmente, como os modos pelos quais os sujeitos e os grupos sociais se inserem nas esferas públicas se localizam nos espaços culturais e participam (ou não) dos benefícios do avanço tecnológico e econômico (BRITO, 2004, p.62).

Assim, os letramentos se referem a competência de utilizar os conhecimentos de leitura e escrita nas diversas situações que surgem no cotidiano. Em um mundo letrado o sujeito desenvolve naturalmente a curiosidade pela escrita e leitura e poderá participar ativamente de episódios do dia-a-dia onde seja necessário expressar seu entendimento, mesmo sem estar alfabetizado.

Nesta perspectiva letramentos estão intimamente ligado com a cultura local e pode ainda ser considerado como uma prática social, portanto, "o que o letramento é para qualquer grupo é o que ele é nos contextos em que é vivenciado" (STREET, 2014, p. 97).

Também é possível observar que o conceito de letramentos e sua utilização, ainda está bastante agregado com o de alfabetização e de contexto escolar. No entanto, vários autores como, Street (2003, 2014), Ribeiro (2014), Britto (2004), Soares (2004, 2012), Macedo (2005), Tfouni (2010), Kleiman (1995), Marinho (2010), Castanheira, Green e Dixon (2007, 2010), dentre outros, desenvolvem pesquisas problematizando esta associação e destacando a necessidade de considerar a especificidade do processo de letramentos. Nesta perspectiva Street (2014, p. 144) destaca que:

> Se quisermos entender a natureza e os significados do letramento em nossa vida, precisamos então de mais pesquisas focadas no letramento na comunidade – nesse sentido mais amplo – e nas implicações ideológicas e não tanto educacionais das práticas comunicativas em que ele se insere.

Refletindo sobre a citação acima, percebo a importância de pesquisar as práticas de letramentos vivenciadas pelas crianças em um contexto não escolar, valorizando o sentido da escrita e da leitura sem associar a escolarização e alfabetização, pois é possível perceber que as crianças desenvolvem estratégias e realizam representações mentais para decifrar e compreender algo novo e são capazes de interpretar criticamente, buscando aprender partindo de seus conhecimentos anteriores, formulando assim suas próprias hipóteses e ideias, Britto (2004, p. 55) salienta que:

> Diferentemente de alfabetização, cujo sentido mais frequente está associado ao ensino-aprendizagem, [...] letramento [...] se relaciona com a percepção da ordem da escrita, de seus usos e objetos, bem como de ações que uma pessoa ou um grupo de pessoas faz com base em conhecimentos e artefatos da cultura escrita.

Portanto, letramentos poderão anteceder a alfabetização, uma vez que uma pessoa mesmo não conseguindo dominar o código escrito poderá ter conhecimentos e convivência com as letras e os números e desta forma terá capacidade de contar e interpretar uma história ou fazer cálculos mentais. Conforme afirma Soares (2009, p. 72): "em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social".

Neste aspecto, é imprescindível a valorização do conhecimento de mundo, destacando que um sujeito não alfabetizado poderá desenvolver entendimento amplo de determinado assunto e assim possuir competência para ensinar outros que já estão alfabetizados.

Assim, desenvolver a pesquisa das práticas de letramentos em um grupo de estudos bíblicos, com foco nas crianças, envolve lançar um olhar diferenciado, minucioso, investigativo e reflexivo sobre os componentes de leitura escrita e oralidade que estão presentes na realidade do grupo e ainda observar a forma peculiar que os sujeitos da pesquisa, no caso as crianças, demonstram em outros contextos que estas práticas de letramentos fazem parte de seu cotidiano.

É necessário, além de buscar conhecer e entender as práticas de letramento vivenciadas pelas crianças, procurar identificar quais os suportes de leitura e escrita elas têm contato e fazem uso no grupo de estudos e ainda demonstrar como estas práticas de letramento se relacionam com a cultura das crianças vivenciada em outros contextos.

Deste modo, a observação atenta da forma como as crianças interagem com a escrita e a leitura no grupo de estudos bíblicos, é essencial para conhecer as práticas de letramentos que são desenvolvidas neste contexto.

Nesta perspectiva, a metodologia da etnografia possibilitou elucidar o que está subentendido, compreendendo a forma particular das crianças se apropriarem dos letramentos, conforme foi apresentado no capítulo 2.

3.1 Letramentos autônomos e ideológicos e a relação entre escrita e oralidade

Ponderando que todas as pessoas possuem distintas identidades, habilidades, interesses e envolvimentos sociais, também se pode afirmar que existem diferentes tipos de letramentos.

Street (2014), cria os conceitos de modelo autônomo e modelo ideológico, sendo que no modelo autônomo as ações de letramentos são vistas com neutralidade e de forma universal, sem considerar a especificidade do contexto em que são realizadas, assim "a característica de "autonomia" refere-se ao fato de que a escrita seria, nesse modelo, um produto completo em si mesmo, que não estaria preso ao contexto de sua produção para ser interpretado" (KLEIMAN, 1995, p. 21).

Em contrapartida ao modelo autônomo de letramentos, Street (2003, p.4), apresenta o modelo de letramentos ideológicos, explicando que este modelo:

> [...] oferece uma visão com maior sensibilidade cultural das práticas de letramento, na medida que elas variam de um contexto para outro. Esse modelo parte de premissas diferentes das adotadas pelo modelo autônomo –

> propondo por outro lado que o letramento é uma prática de cunho social, e não meramente uma habilidade técnica e neutra, e que aparece sempre envolto em princípios epistemológicos socialmente construídos. Tudo tem a ver com o conhecimento: as maneiras utilizadas pelas pessoas quando consideram a leitura e a escrita vêm em si mesmas enraizadas em conceitos de conhecimento, de identidade e de ser.

Pensando letramentos sobre a perspectiva ideológica, as práticas de leitura e escrita passam a ser observadas considerando a especificidade das pessoas e seu meio social, assim há uma articulação valorizando seus diferentes contextos, histórias e conhecimentos anteriores.

Até meados da década de 80, estudos consideravam a escrita e a oralidade como opostas "predominado a noção da supremacia cognitiva da escrita" (MARCUSCHI, 2010), porém é importante acrescentar que a oralidade está articulada com leitura e escrita no processo de letramento. Marcuschi (2010, p. 17) explica que "oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia".

Atualmente vivemos em um mundo tecnológico onde os telefones e computadores estão acessíveis a grande parte da população, assim a linguagem oral cada vez mais ganha evidência, sendo possível observar que a população em geral, independentemente do nível de escolarização, utiliza-se da tecnologia e de práticas letradas para resolver situações do cotidiano. De acordo com Street (2014, p. 205):

> Os estudos sugerem que até mesmo as pessoas rotuladas de "iletradas" se engajam de fato em atividades letradas, de modo que a fronteira entre letrado/não letrado é menos óbvia do que sugerem os "cálculos" individuais de letramento.

Pensando neste aspecto a escrita, a leitura e a oralidade se completam de maneira a colaborar nas práticas de letramento dentro do modelo ideológico, considerando que "tanto pode haver características orais no discurso escrito, quanto traços de escrita no discurso oral". (TFOUNI, 2010, p. 42).

Desta forma, acontece uma articulação necessária entre linguagem oral e escrita no processo de letramentos, assegurando "a posição de que se pode conceber oralidade e letramentos como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais" (MARCUSCHI, 2010, p. 16).

Refletindo sobre estes aspetos e considerando letramentos como um processo social articulado com a cultura, é possível afirmar que práticas letradas são norteadas por todos os

processos que utilizam a oralidade, a escrita e a leitura, por consequência o conceito de letramento ideológico passa a ser o mais apropriado, pois "não tenta negar a habilidade técnica ou os aspectos cognitivos da leitura e da escrita, mas sim entendê-los em todos os aspectos culturais e em estruturas de poder" (STREET, 2014, p. 172), sendo que, as pessoas utilizam-se de diferentes práticas de letramentos de acordo com suas necessidades e também associam com sua identidade.

3.2 – Eventos e práticas de letramentos

O ser humano é um sujeito social que interage com seu meio, portanto é compreensível que tenha concepções distintas relativas a situações em que a escrita e a leitura estão presente na sociedade e em seu cotidiano.

Heath define estes episódios como "evento de letramento", em que "qualquer ocasião em que um fragmento de escrita integra a natureza das interações dos participantes e seus processos interpretativos" (STREET, 2014, p. 173). Soares (2004) corrobora com esta explicação observando que os eventos de letramentos são:

> Situações em que a língua escrita é parte integrante da natureza da interação entre os participantes e de seus processos de interpretação (Heath, 1982:93), seja uma interação face a face, em que pessoas interagem oralmente com a mediação da leitura ou da escrita [...], seja uma interação a distância, autor-leitor ou leitor-ator (SOARES, 2004, p. 105).

Assim, quando um grupo pratica ou reproduz ações como ouvir uma música, escutar uma história, acessar as redes sociais, conversar sobre um texto, entre outras que envolvam a escrita e a leitura, está desenvolvendo eventos de letramentos.

No entanto, quando estas ações são realizadas com envolvimento e reflexões passam a ser caracterizadas como práticas de letramentos. Os Novos Estudos do Letramento - NLS consideram eventos e práticas de letramento como complementares, porém as práticas de letramento vão além dos eventos, elas incluem os comportamentos dos componentes do grupo ainda suas compreensões.

Street (2010, p. 38) usa a noção de práticas para se "referir a aspectos que nos possibilitam começar a ver padrões nesses eventos e situar conjuntos de eventos de forma a dar a eles um padrão. Essa padronização, supomos, carrega significados para os participantes". Sobre estas situações, Soares (2004), explica a diferença que Street atribui aos conceitos de eventos e práticas de letramento salientando que:

> A distinção entre *eventos* e *práticas* de letramento é exclusivamente metodológica, já que são duas faces de uma mesma realidade. O conceito de *eventos de letramento*, dissociado do conceito de *práticas de letramento*, não ultrapassa, segundo Street (2001:11), o nível de descrição [...], não revela produtos não só da situação e de suas características específicas, mas também das convenções e concepções que as ultrapassam, de natureza cultural e social. É o uso do conceito de *práticas de letramento* como instrumento de análise que permite a interpretação do evento, para além de sua descrição. (SOARES, 2003, p. 105)

Assim, os eventos de letramentos são situações realizadas com interação dentro de um contexto, já "o conceito de práticas de letramentos se coloca num nível mais alto de abstração e se refere igualmente ao comportamento e às conceitualizações sociais e culturais que conferem sentido aos usos da leitura e/ou da escrita". (STREET, 2014, p. 18).

Observo assim, que os eventos de letramentos podem ser caracterizados nas atividades diárias, como exemplo, realizar compras, ler anúncios, assinar contratos, entre outros.

Em relação às práticas de letramentos, são realizadas com reflexão sobre estas atividades, analisando diferentes possibilidades que podem ser efetuadas durante estas ações.

Portanto, os eventos de letramentos são episódios facilmente observados dentro de um grupo, contudo, para caracterizar as práticas de letramento é necessário análise das atitudes, costumes, sentimento, relação social, gestual, entre outros aspectos.

Desta forma, ao observar letramentos no grupo de estudos bíblicos é necessário estar atenta aos padrões do uso da escrita, leitura e oralidade que podem ser caracterizados como práticas de letramento.

No que se refere a atual investigação, para caracterizar as práticas de letramentos vivenciadas pelas crianças no grupo de estudos bíblicos, foi fundamental a metodologia da etnografia , pois a observação participativa detalhada e reflexiva possibilitou maiores chances para definir as práticas de letramentos deste espaço, realizando um exercício constante de buscar compreender o uso que é feito por parte das crianças da escrita, leitura e oralidade disponibilizados neste contexto.

Diante do que foi discutido até o momento sobre letramentos, entendo que é necessária uma concepção de sujeito como um todo, considerando seu contexto social e buscando se despir de estereótipos ou preconceitos, visto que "o letramento tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, nesse sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social" (TFOUNI, 2010, p. 12).

Para tanto, é necessário compreender as subjetividades que estão envolvidas no entremeio das relações. Assunto que será abordado no próximo capítulo em que passo a

apresentar os letramentos no grupo de estudos bíblicos, a relação de poder que está envolvida nos eventos e as análises dos dados produzidos para a pesquisa.

CAPÍTULO IV – LETRAMENTOS E PODER SIMBÓLICO NO GRUPO DE ESTUDOS BÍBLICOS

Como especificado nos capítulos anteriores, para realização dessa investigação utilizei os princípios da etnografia. A escolha dessa metodologia deve-se principalmente pela necessidade da aprendizagem de uma nova cultura por parte da investigadora.

Neste capítulo, apresento análise sobre o trabalho de evangelização das crianças no contexto do grupo de estudos bíblicos da religião Pentecostal Casa de Oração, compreendendo as práticas de letramentos e o poder simbólico vivenciados por elas.

No início da investigação destaquei duas práticas de letramentos vivenciadas pelas crianças deste grupo de estudos bíblicos, a oratória e a entoação de louvores. No processo de produção de dados, foi necessário a utilização de diferentes instrumentos, os quais, foram cruzados no decorrer das reflexões e análises.

Os materiais provenientes dos áudios e vídeos, bem como das anotações no diário de campo foram analisados a luz dos referencias teóricos. A partir disso, percebi que a leitura da Bíblia se constituía como prática de letramentos, uma vez que estava presente nas ações do grupo de estudos bíblicos.

Assim a problematização dos dados foi realizada destacando a leitura da Bíblia, a oratória e a entoação de louvores como as principais práticas de letramentos, uma vez que se encontram profundamente associadas em todas as atividades realizadas pelas crianças no contexto desse grupo de estudos bíblicos

4.1 – Práticas de letramentos no grupo de estudos bíblicos:

Considerando que: "letramento significa uma prática discursiva de um determinado grupo social, que está relacionada ao papel da escrita para tornar significativa essa interação oral, mas que não envolve, necessariamente, as atividades específicas de ler ou escrever" (KLEIMAN, 1995, p. 18), entendo que alguns episódios vivenciados pelas crianças no contexto do grupo de estudos bíblicos podem ser caracterizados como práticas de letramentos. Estas práticas materializam-se na repetição de palavras dos louvores, nas orações e na leitura da Bíblia e no discurso eloquente das lideranças da igreja. Em minhas reflexões, descrevo que:

> O pastor começou a pregação com orações e todos oravam juntos e em voz alta, sua oratória foi intensa, falando alto, caminhando entre as pessoas e

> olhando fixo nos olhos em um discurso inflamado da leitura da Bíblia, não houve interrupção por parte dos integrantes da igreja, apenas confirmando com as tradicionais palavras "Glória a Deus"! Aleluia! A leitura de vários trechos da Bíblia era acompanhada pelos adultos e também pelas crianças que repetiam palavras e gestos. Percebi que mesmo aquelas crianças que não eram alfabetizadas, repetiam o ato de abrir a Bíblia e procuravam as leituras como se estivessem entendendo o que estava escrito nela (Diário de Campo, 02/03/2018).

Além do que relatei no excerto anterior, também observei que os materiais escritos disponibilizados para estas crianças no espaço do grupo de estudos bíblicos, como folhas com louvores e a Bíblia, por exemplo, são articulados com o discurso do pastor, da evangelizadora e do presbítero, pessoas que são as lideranças autorizadas para pregar, abençoar e interpretar a palavra e a vontade de Deus.

Esta relação da escrita, leitura, gestos e oralidade possibilitam o desenvolvimento de práticas de letramentos, as quais são observadas nas brincadeiras, na relação social e no vocabulário cotidiano das crianças. Sobre este aspecto Macedo (2005, p. 36) coloca que:

> O Santa Barbara Classroom Discourse Group (op..cit.) afirma que, torna-se importante incluir as práticas de ouvir e falar como partes dos processos de letramento. Além disso, o grupo ressalta a importância de considerar as discussões orais que envolvem as interações com a leitura e a escrita, mesmo quando não estão fisicamente presentes.

Assim, identifiquei inicialmente duas práticas principais de letramentos vivenciadas pelas crianças deste grupo de estudos bíblicos: a primeira, é a entoação de louvores, pois há um processo de ensaio com repetição dos cantos a serem utilizados nos cultos e as crianças não só decoram palavras e frases dos hinos, como são capazes de comentar com propriedade. Conforme descrição realizada no Diário de Campo:

> Pela primeira vez eu consegui filmar as crianças cantando, apesar de perceber que muitas ainda não estão alfabetizadas, este fator não foi impedimento para que soubessem entoar o louvor que era repleto de palavras difíceis [...] Percebo também que há um padrão, pois quando é anunciada a presença de uma determinada criança, já consigo saber qual o louvor que será entoado, pois observei que cada uma é responsável por seu canto específico, repetindo sempre o mesmo. Por vezes, acontece de uma criança trazer um louvor novo, mas o seu sempre é repetido. Ainda neste dia, aconteceu a apresentação de um grupo de mulheres e de jovens. Enquanto as mães e os jovens louvavam, as crianças acompanhavam cantando junto demonstrando seu conhecimento do louvor (Diário de Campo, 13/04/2018).

Refletindo sobre o evento descrito no excerto acima, observo que as crianças seguem um roteiro que oportuniza o aprendizado coletivo e o desenvolvimento de habilidades como a

memorização, incorporando e reproduzindo as palavras dos louvores, caracterizando assim uma prática de letramentos.

Outro fato a ser destacado é que quando observo as crianças interagindo entre pares, noto que mesmo em contextos diferentes do grupo de estudos bíblicos, algumas palavras pronunciadas no culto e nos cantos, também estão presentes em seu vocabulário cotidiano.

Do mesmo modo são utilizadas em diálogos que estabelecem durante brincadeiras e nas relações com os colegas, como por exemplo, quando agradecem ou estão felizes utilizam constantemente a frase "Glória a Deus" ou "Dou graças a Deus por tua vida". Ainda quando o objetivo é repreender outro colega a frase mais utilizada é "vai vigiar". Neste sentido Castanheira (2010, p.28) ressalta que:

> Por meio da vivência em uma comunidade particular, um indivíduo desenvolve conhecimento das práticas características do grupo – como e quando as coisas devem ser feitas, faladas, escritas – e desenvolve, também, capacidades para utilizar esse conhecimento e agir de maneira apropriada segundo as demandas e expectativas do contexto interacional. Dessa forma, as ações individuais implicam um processo contínuo (nem sempre consciente) de interpretação de escolhas de como, quando e com que propósito agir como membro de um determinado grupo.

A segunda prática de letramentos observada está relacionada com a oratória, pois é algo inerente do grupo de estudos bíblicos. Durante o culto e os encontros do grupo de estudos bíblicos, as crianças ouvem atentamente o pastor, o presbítero e a evangelizadora, os quais exercem poder e função de educador.

Estas lideranças além de realizar o sermão religioso, também tratam sobre várias questões relacionadas à conduta e aos comportamentos, os quais pregam serem adequados para a vida social de uma criança e um jovem que tem Jesus no coração.

Observei que estas questões também são encontradas em algumas ações e no diálogo das crianças em seu cotidiano, como por exemplo, no gosto musical em que gênero *funk* é condenado; na forma de vestir que é marcada pelo uso de vestidos, saias e calça social e no gestual que é caracterizado pelas mãos estendidas ao céu quando alcançam alguma vitória.

É possível afirmar, portanto, que estas práticas norteadas pela oralidade, podem ser entendidas como letradas na medida em que "[...] podem repetir, reforçar, ampliar, ajustar ou contradizer o que está escrito" (MARINHO, 2010, p. 81)

Considerando as primeiras observações, percebo a importância de minha entrada no campo empírico ter sido concomitante com os estudos do referencial teórico sobre etnografia e letramentos, pois desta forma realizo a todo o momento uma articulação com os dados que

são produzidos, considerando que "[...] el proceso de análisis no debe considerar se una etapa diferente de la investigación sino una actividad reflexiva que influyan toda la recolección de los dados, la redacción, la recolección adicional, etc." (COFFEY E ATKINSON, 2003, p.7).

Dentro desta perspectiva, as anotações no diário de campo também foram aliadas, uma vez que possibilitaram retomar os registros, refletir e reavaliar junto com minha orientadora os rumos da pesquisa e minhas atitudes no contexto pesquisado, permitindo ainda, que no decorrer da pesquisa a leitura da Bíblia fosse identificada como prática de letramentos, assunto que será debatido nas próximas seções.

4.2 – O culto e as práticas letradas

O culto da Igreja Pentecostal Casa de Oração é realizado aos domingos na cidade de Santa Vitória do Palmar/RS, às 18h e 30min, logo após o trabalho de evangelização das crianças.

Observando as crianças neste evento, percebo que as práticas de letramentos vivenciadas por elas são colocadas em prática em vários momentos. O quadro abaixo apresenta a organização do culto:

Quadro 5- Estruturação dos momentos do culto

ORGANIZAÇÃO DO CULTO DA IGREJA PENTECOSTAL CASA DE ORAÇÃO	
18h30min	**As orações**- O culto começa com um obreiro, realizando orações, que é chamada "palavra introdutória". Destaco que as crianças não participam desse momento. O obreiro após as orações, convida alguns membros da Igreja que são batizados para entoar louvores é neste momento que as crianças são encaminhadas até a Igreja e apresentam o louvor que foi ensaiado no grupo de estudos bíblicos.
20h	**Pregação da palavra** – Leitura da Bíblia com explanação feita pelo Presbítero, ou Pastor da Igreja, que é o sujeito pivô.
22h	**Sessão de livramentos**–Expulsão de demônios através da oração dos obreiros da Igreja

Fonte: Organizado pela autora a partir da observação do culto da Igreja Pentecostal Casa de Oração

Observando o quadro acima, é possível perceber as três práticas de letramentos vivenciadas pelas crianças pentecostais da comunidade da Agropecuária Canoa Mirim presente em todos os momentos do culto (leitura da bíblia, entoação de louvores e oratória na explanação da palavra).

A pregação da palavra é um momento bem expressivo do culto. O pregador faz a leitura de uma parte da bíblia e para explicar esse texto ele utiliza alguns recursos como

dramatizar, chamar os membros da igreja para terminar frases e repetir e cantar um louvor relacionado com a leitura.

Ainda articula esta leitura com fatos do cotidiano, cobrando através de sua oratória intensa, hábitos e atitudes que considera ser necessários para alcançar a salvação e entrar no céu. Nestes momentos sempre acontece uma comoção generalizada na igreja com muitos gritos de Aleluia e Glória a Deus, tendo a participação das crianças que acompanham naturalmente e com disciplina.

Observei que o pregador realiza seu discurso por meio de tópicos. Ele utiliza o celular para a leitura, sendo que também versículos são trazidos para reforçar seu discurso, demonstrando a inclusão do uso das novas tecnologias para interações (como no grupo de *Whatsapp*, por exemplo) e suporte de leituras nos cultos.

Durante o período de observação em campo, percebi que os pregadores seguem rigidamente a sequência dos diferentes momentos do culto e por vezes, repetem fragmentos de sua oratória em cultos diferentes, permitindo que as crianças decorem palavras e textos, se constituindo assim, em práticas de letramentos.

Street (2010, p. 38) utiliza a ideia de práticas para se "referir a aspectos que nos possibilitam começar a ver padrões nesses eventos e situar conjuntos de eventos de forma a dar a eles um padrão. Essa padronização, supomos, carrega significados para os participantes".

Percebo estas práticas de letramentos no cotidiano das crianças na Agropecuária Canoa Mirim, quando ressignificam o discurso do pregador para sua realidade e reproduzem como, por exemplo, na forma de cumprimentar desejando "*a paz do Senhor*" e na constante referência que irão "*morar no céu*", que seria a grande recompensa por seguirem os pressupostos de Deus.

Na parte final do culto é realizado as sessões de "libertações" que consistem em orações feitas pelos obreiros para expulsar espíritos ou demônios. Todos os membros da igreja passam por esse momento, inclusive as crianças, é uma etapa do culto permeada por intensas orações e comoções.

No período de trabalho de campo esse era o momento que me causava intenso desconforto, pois quando as crianças recebiam essas orações geralmente caiam como desmaiadas e eu sempre ficava preocupada com o que isso poderia causar a parte emocional delas.

Porém, no decorrer da pesquisa entendi que "A verdade é que o que constitui um comportamento perigoso depende muito de quem está a julgar e de quando o faz" (GRAUE, WALSH, 2003, p. 78).

Assim, fui fazendo um exercício pessoal para evitar o julgamento, se esse processo seria ou não adequado para as crianças, pois não era o objetivo do trabalho de campo, a tarefa neste contexto consistia em produzir dados aprendendo com as pessoas, entendendo o que fazem, o que pensam, como significam e como tudo isso se transforma em práticas de letramentos vivenciadas pelas crianças, ou seja, "a compreensão deriva das formas de ver, conhecer e relacionar. O que podemos saber está inerentemente ligado, não só a como observamos e porque o fazemos, mas também a como interagimos com os que nos rodeiam". (GRAUE, WALSH, 2003, p. 93)

Porém, as interações que caracterizam a investigação etnográfica, também resultaram em profundo envolvimento com o meio pesquisado, trazendo reflexões e aprendizado, com cuidado para o foco da pesquisa.

Assim, na próxima seção será problematizado o trabalho de evangelização das crianças no grupo de estudos bíblicos, associado com a relação de poder, buscando entender o fenômeno social que acompanhei amparada principalmente nas ideias de Bourdieu e Passeron (1975) sobre reprodução, poder simbólico e violência simbólica.

Cabe destacar, entretanto, que essa parte do trabalho foi sendo potencializada pelos dados da pesquisa, ou seja, as relações de poder se tornaram mais evidentes e impossíveis de serem ignoradas, uma vez que é latente nas interações e práticas de letramentos vivenciadas entre os participantes.

Assim, retomo o conceito de infância articulando com o trabalho pedagógico realizado pela evangelizadora com as crianças do grupo de estudos bíblicos da igreja pentecostal Casa de Oração.

Ao longo dos encontros foi possível perceber que as interações das crianças entre si e delas com os adultos estão constituídas por uma relação de poder, aspecto que passo a tratar.

4.3 - O trabalho de evangelização das crianças

O grupo de estudos bíblicos da Igreja Pentecostal Casa de Oração na Agropecuária Canoa Mirim é denominado "Herdeiros do céu" e é formado por 12 crianças na faixa etária entre 5 e 12 anos, sendo 7 meninas e 5 meninos.

Na observação do trabalho de evangelização das crianças foi possível perceber várias estratégias utilizadas para que elas tenham conhecimento da Bíblia, as quais se constituem em práticas de letramentos.

A análise das atividades desenvolvidas permitiu perceber que a leitura da Bíblia estava presente em quase todas as ações envolvendo as crianças, sendo assim, a principal prática de letramentos vivenciadas pelas crianças pentecostais da localidade da Agropecuária Canoa Mirim.

A seguir apresento um quadro da rotina de trabalho da evangelizadora.

Quadro 6: Rotina das crianças em um dia no Grupo de Estudos Bíblico

ROTINA DAS CRIANÇAS NO GRUPO DE ESTUDOS BÍBLICOS	
15h	**Oração Inicial** - é feita uma acolhida com oração pela evangelizadora.
15h15min	**Início do trabalho** – A evangelizadora conversa com as crianças sobre o culto da semana anterior, nesta conversa é chamada atenção sobre comportamentos considerados inadequados como correr na igreja, ficar sentado na hora da pregação, falta de acompanhamento nas orações, entre outros. Sempre associando com leituras de versículos da Bíblia que confirmam suas palavras.
15h45min	**Atividades com a bíblia** - A evangelizadora realiza a leitura de uma história bíblica, durante a história faz perguntas e dinâmica de estudos
16h30min	**Ensaio de louvores –** Neste momento a evangelizadora combina com as crianças o louvor que será apresentado no culto, associado com o estudo realizado da leitura da Bíblia.
17h15min	**Atividades livres –** Este é o momento em que as crianças conversam entre si, contam histórias, desenham, escrevem e pintam livremente
17h45min	As crianças são conduzidas à igreja para participar do culto que começa às 18h

Fonte: Organizado pela autora a partir da observação do trabalho de evangelização das crianças no grupo de estudos bíblico pentecostal Casa de Oração

Observando minuciosamente os dados apresentados no quadro acima, é possível perceber a presença constante da leitura da bíblia sendo um artefato que promove letramentos, como no caso das repreensões no início do trabalho, da contação de história e da escolha dos louvores.

A seguir faço uma análise detalhada do trabalho de evangelização das crianças, destacando as estratégias utilizadas pela evangelizadora para que as crianças tenham conhecimento da bíblia, as práticas de letramentos e o poder simbólico vivenciados por elas.

O começo das atividades no grupo de estudos bíblicos é marcado pela constante cobrança de disciplina das crianças. A evangelizadora exige obediência, silêncio e que elas permaneçam sentadas.

Ensina repetidamente procedimentos que devem ser considerados durante o culto que se constituem em práticas de letramentos, tais como: levantar na hora da leitura da palavra de Deus e fechar os olhos, ficar em silêncio, não correr na igreja, ter postura adequada do corpo na hora das orações (retos, com os braços baixos e as mãos abertas na hora de receber a benção do pregador). A foto a seguir demonstra como as crianças praticam no culto essas aprendizagens:

Figura 14- Momento das orações individuais dos pregadores

Fonte: Registro fotográfico realizado pela autora

A imagem anterior é um exemplo das práticas de letramentos vivenciadas pelas crianças do grupo de estudos bíblicos, a postura reta do corpo da menina, os olhos fechados e as mãos abertas são evidências de suas aprendizagens e interações.

A evangelizadora, por meio da oratória, também confirma proibições estabelecidas pela igreja. Um excerto retirado do diário de campo ilustra a situação:

> Neste dia a evangelizadora ao conversar com as crianças destacou que a presença delas na Igreja é um chamado de Deus e que as proibições que parecem ruim aos olhos dos amigos, como referente às vestes, proibições de jogar bola e festas, é para evitar a perseguição de Satanás que leva a prostituição, gravidez precoce, dor e desespero. Segundo ela, o diabo quer enganar as crianças, mas ela estava ali para ensinar o bem e que se as meninas seguirem os ensinamentos de Deus e souberem obedecer, Jesus vai preparar um "varão[13]" para cuidar delas. Reforçou ainda suas palavras usando versículos da Bíblia, citando:1Timóteo 2,9-10: *"Quanto às mulheres, que elas tenham roupas decentes, se enfeitem com pudor e modéstia; nem tranças, nem objetos de ouro, pérolas ou vestuário suntuoso; mas que se*

[13]O termo varão é utilizado para caracterizar um sujeito do sexo masculino.

> *ornem, ao contrário, com boas obras, como convém a mulheres que se professam piedosas."* E Deuteronômio*22 -5*: *Não haverá traje de homem na mulher, e nem vestirá o homem roupa de mulher; porque, qualquer que faz isto, abominação é ao Senhor teu Deus*. (Diário de campo, 04/08/2018)

No excerto anterior, é possível perceber que a evangelizadora busca sujeitar o comportamento das crianças, relacionando atividades que poderiam ser prazerosas (como jogos e festas) com o diabo, também reforça para as meninas a necessidade de determinado tipo de vestimentas e da obediência atribuindo este fator ao cuidado de Deus. As orientações dadas são reforçadas com a leitura da bíblia.

Estas proibições e apologia à submissão feminina são normas pregadas insistentemente durante os cultos e também se transformam em práticas de letramentos traduzidas no discurso das crianças, conforme é possível observar no trecho transcrito da entrevista de A. (6 anos):

> *Vou te contar uma coisa sobre usar calça, maquiagem e jogar tá. Olha só, eu tava sentada no banco da igreja e o pastor tava pregando, aí eu ouvi assim: Ariadne sai da igreja que eu vou te dar um lugar melhor, que tu vai poder jogar, brincar, ficar bonita cheia de joias e maquiagem. Só que eu não fiz isso, daí eu falei com Deus, porque* ***só Deus que consola a gente****. E sobre usar calça é assim ó, tu usa uma calça bem apertadinha e coladinha e começa a te assanhar, vou te dizer: É Satanás que fez essas calças, tu vai ficar sozinha, o demônio mora dentro de ti e* ***nenhum homem vai casar contigo****. E mais, se tu joga, é só pra dar briga porque ficam discutindo quem é melhor e daí dá confusão e satanás fica feliz. E sobre usar joias eu vou te falar* ***que todos aqueles que mataram Jesus estavam cheios de coisas com correntes no pescoço, depois Deus quebrou essas correntes e elas ficaram malditas****, por isso eu não uso nenhuma joia (*Entrevista concedida em 17/07/2018)

A transcrição da entrevista da A. permite a reflexão sobre diversos aspectos. Primeiro, a incorporação do discurso da evangelizadora e dos pregadores no culto pela criança. Isso é evidente por meio da repetição de expressões e vocabulário específico, tais como "só Deus consola a gente", "Satanás fez essas calças", "Deus quebrou essas correntes e elas ficaram malditas", que demonstram as práticas de letramentos ali realizadas segundo, a inculcação de ideias e valores, como, por exemplo, uma mulher usar maquiagem e calça é algo inadequado, bem como ser solteira, conforme é possível perceber na expressão: "tu vai ficar sozinha, o demônio mora dentro de ti e nenhum homem vai casar contigo". Isso é dito e concebido pelas crianças como algo a ser evitado.

Esses aspectos expressados pela criança demonstram que as práticas de letramentos vão organizando e instituindo os modos de ser, falar, agir aceitáveis na cultura dentro de um determinado grupo.

Assim, é possível perceber que a menina utilizou conhecimentos aprendidos nos diferentes encontros religiosos que participa, e desenvolveu um discurso com autoridade, censuras, repleto de argumentação, imaginação e criatividade a partir de suas vivências e interações no culto e no grupo de estudos bíblicos.

Outro aspecto a ser destacado é que quando observo o diálogo das crianças no cotidiano da comunidade Agropecuária Canoa Mirim, percebo que muitas vezes reproduzem o que é vivenciado na religião, assumindo uma postura de evangelizadores, criticando atitudes e palavras das outras crianças e de adultos com argumentos que são utilizados no contexto do grupo de estudos bíblicos e no culto.

Dentre os diversos exemplos, destaco a recriminação de algumas músicas ou programação de televisão, justificando que são contrárias a vontade de Deus, pois o conteúdo incentiva o vício e os crimes, levando as pessoas ao erro e ao pecado. Além disso, consideram as infelicidades e tragédias que ocorrem no cotidiano como interferência do "demônio" ou obra de "macumbaria".

Na seção a seguir apresento o evento de contação de histórias e os métodos utilizados pela evangelizadora para que as crianças adquiram conhecimentos da Bíblia

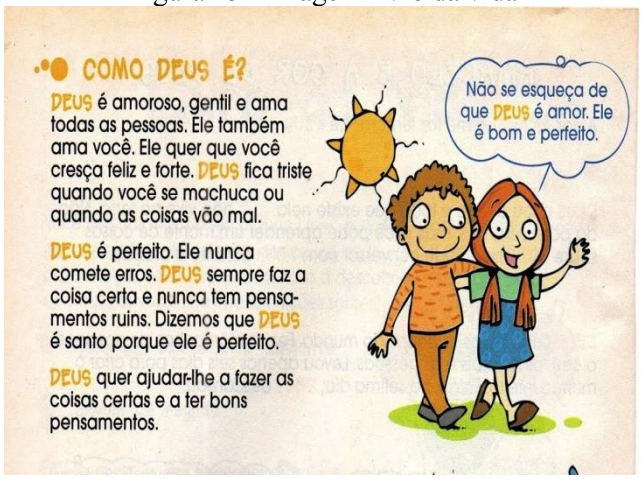
4.4. – A Contação de histórias como estratégia de conhecimento da Bíblia

Um dos momentos bastante significativo no grupo de estudos bíblicos é o momento de contação de histórias. A evangelizadora traz uma história bíblica e relaciona com práticas do cotidiano das crianças, doutrinando sobre como deve o comportamento de uma criança pentecostal (amar e respeitar a Deus, evitar drogas, álcool e jogos que incluam competição, uso de vestimentas, entre outros).

Durante a contação da história, adverte para que seja observado a concentração e participação de todos, em uma observação realizada em agosto de 2018 a história escolhida foi "como Deus é" do livro da vida[14]:

[14]Edição básica para iniciantes, ISBN 978-1-59480-008-5. Edição publicada pelo livro da vida, caixa postal 222. Santo André- SP- CEP 09015-970

Figura 15 - Imagem livro da vida



Fonte: Registro fotográfico realizado pela autora

Observando a forma de expressão da evangelizadora ao contar a história, foi possível perceber o cuidado com seu tom de voz, tornando-se mais alto e pausado e ainda relacionando com fatos do cotidiano das crianças como é observado no excerto abaixo:

> *Deus é amoroso, ele traz vocês para a igreja, livra de todos os males do mundo, hoje mesmo, Ele mandou muita chuva e nossa estrada estava com barro e cheia de buracos, mas Ele sabia que seria importante você estarem aqui, então cuidou para que nosso carro chegasse em segurança sem nenhum problema ou acidente. Assim, não podemos deixar Deus triste, fazendo coisas que sabemos que desagrada Ele, como ouvir músicas do mundo, se vestir de forma extravagante e ficar no computador jogando. Temos que vigiar para Deus continuar nos ajudando e vocês irão crescer felizes (Transcrição12/08/2018)*

Ainda refletindo sobre este evento de contação de história, observo que a evangelizadora utiliza a linguagem corporal e dramatização de cenas. Para Stein e Rosemberg (2010), nas ocasiões de leitura de histórias, a entonação, os gestos, a referência às ilustrações e a orientação corporal instigam as crianças a construir significados de modo compartilhado.

Desse modo, a contação de história oportunizou uma apropriação coletiva do conteúdo, que pode ser observado na interação das crianças com a Evangelizadora durante este evento:

> ***Evangelizadora**: Então como podemos ver que Deus é amoroso?*
> ***L.**: Porque a gente chegou bem na igreja e nem atolamos na estrada, na nossa frente vinha um carro e ficou "empenhado", mas Deus é amoroso, sabia que a gente viria pra igreja e cuidou de nós*
> ***Evangelizadora**: Como podemos fazer as coisas certas e agradar a Deus?*
> ***M.**: Falando Dele para as pessoas do mundo que não conhecem Deus, não ficar vendo "coisas feias" na internet, ouvir os louvores e prestar atenção quando Deus fala com a gente nos cultos através da sua palavra trazida pelos pregadores (Transcrição12/08/2018)*

Também percebo que as crianças recontam as histórias que ouviram com criatividade, imaginação, riqueza de detalhes e gestos, como observado no excerto abaixo de meu diário de campo:

> *Em conversa com as crianças, após o trabalho da evangelizadora, perguntei se alguém teria uma história para me contar. Rapidamente D.se levantou e começou a relatar: Davi era um menino bem pequeno e fraquinho, um dia ele precisou lutar contra um monstro forte e grandão chamado Elias. Todo mundo sabia que Davi ia ser morto, mas aconteceu uma surpresa, Davi tinha o Espírito Santo com ele e Deus como é amoroso e cuida de seus filhos, deu bons pensamentos para Davi que disse:* ***Está repreendido e amarrado em nome do Senhor Jesus*** *(Neste instante, o menino levanta a mão e sua voz se torna mais alta e forte) e então ele pegou uma pedra e jogou em Elias. A pedra ficou muito pesada e acertou na cabeça do monstro que morreu na hora. E todo mundo veio abraçar Davi e viu que Deus estava com ele. Então passaram a ouvir e respeitar tudo que ele dizia. Amém! Glórias a Deus!(Diário de Campo 13/08/2018)*

D. faz seu relato demonstrando um imenso orgulho e se colocando como o herói da história, por várias vezes quando se referia a este personagem apontava para seu próprio peito. Percebo que sua exposição, é repleta de frases utilizadas no grupo de estudos bíblicos e cultos como - **Davi tinha o Espírito Santo com ele e Deus como é amoroso e cuida de seus filhos mandou bons pensamentos para ele que disse: Está repreendido e amarrado em nome do Senhor Jesus! -**Também foi possível observar a reação das demais crianças que ao final da história responderam repetindo a tradicional expressão "Glória a Deus"! Demonstrando assim a incorporação das práticas de letramentos que vivenciam nestes contextos religiosos.

Após a contação de história, a evangelizadora retoma alguns aspectos da leitura e articula com versículos bíblicos como pode ser percebido no excerto abaixo:

> *Então sabemos e temos certeza que Deus é bom e nos protege, vocês já deram vários exemplos, na nossa viagem, nos nossos pensamentos, ele sempre cuida de nós. Como podemos ver abrindo nossas bíblias no livro de Salmos 32:8 (Neste instante ela espera que todas as crianças encontrem o versículo sugerido, os que possuem maior conhecimento da bíblia, geralmente ajudam os que demoram a encontrar) Deus nos fala: "Eu o instruirei e o ensinarei no caminho que você deve seguir, eu o aconselharei e cuidarei de você" Amém! E todos respondem repetindo Amém! (transcrição 12/08/2018)*

Assim, a evangelizadora ao refletir sobre a história e articular com versículos bíblicos, potencializa sua oratória e dá um tom de veracidade fundamentando com a leitura da bíblia, que insistentemente é pregado que é o livro que contém a verdade da palavra de Deus, ainda

exercita nas crianças o conhecimento da bíblia indicando versículo para ser pesquisados, como demonstra a figura 16:

Figura 16: Pesquisa de versículos da Bíblia

Fonte: Registro fotográfico realizado pela autora

Continuando o trabalho, a evangelizadora faz vários questionamentos para as crianças maiores, (idade de 10 a 12 anos), sugerindo que encontrem as respostas em versículos de suas bíblias, como por exemplo, *"Encontre o versículo que trata sobre o amor de Deus, dica: se encontra no livro de Coríntios*" (EVANGELIZADORA, 13/08/2018)

Refletindo sobre essa atividade é possível perceber como as práticas de letramentos ocorrem neste contexto observado. É evidente que crianças que não participam desse ambiente religioso, teriam dificuldades em saber o significado de *versículos* e indagariam sobre o livro de *Coríntios*. No entanto, para as crianças pertencentes ao grupo de estudos bíblicos, essa informação é recebida como se fosse algo naturalizado, mesmo sem maiores detalhes elas entendem e compartilham com a evangelizadora o significado da fala, demonstrando que letramento "envolve também os contextos comunicativos compartilhados, nos quais o significado do que se entende por ações letradas é localmente definido" (CASTANHEIRA e DIKSON, 2007, p.10).

Portanto, as práticas e os eventos letrados são sociais e possuem peculiaridades, caracterizadas pela cultura religiosa e abrangendo as interações realizadas no grupo e nos cultos.

Figura 17 - Fotografia das atividades com a Bíblia

Fonte: Registro fotográfico realizado pela autora

A imagem 17, demonstra momentos das crianças envolvidas nas atividades propostas, a evangelizadora realiza perguntas relacionadas com a história contada e orienta que a resposta está em determinado versículo da bíblia, porém é possível observar pelos seus comentários que estas perguntas já foram feitas em outras ocasiões, pois muitas têm decoradas as respostas no início da pergunta e abrem suas Bíblias no versículo certo com a resposta.

Assim, este trabalho de contação de história e associação com versículos bíblicos são práticas de letramentos utilizadas pela evangelizadora para doutrinação e conhecimento da Bíblia.

4.5 - O uso de plaquinhas como estratégia de conhecimento da Bíblia

Com as crianças menores a evangelizadora realiza perguntas da história lida que devem ser respondidas através de plaquinhas com imagens de rostos tristes e alegres, esta representação é utilizada para que as crianças associem as atitudes que agradam ou entristecem a Deus. Este trabalho também é feito com placas que constam as letras V eF, indicando verdadeiro ou falso. A letra deve ser associada ao significado da atitude correta de acordo com as suas orientações, como pode ser observado na imagem a seguir:

Figura 18- Dinâmica com plaquinhas

Fonte: Registro fotográfico realizado pela autora

Em relação a esses tipos de atividades propostas durante o grupo de estudos, a evangelizadora relatou o seguinte: "*O trabalho é orientado pelo Pastor da igreja e as atividades propostas para as crianças são adaptadas de sites da internet e também do Livro da Vida que sempre utilizo com todas as turmas que evangelizo*" (EVANGELIZADORA, entrevista concedida em 05/08/2018).

Tendo em vista que a evangelizadora disponibilizou o livro para que eu pudesse conhecer e analisar as atividades, observei que há forte relação entre o conteúdo do livro e as perguntas realizadas no trabalho de dinâmica. Na imagem a seguir, apresento uma página do livro:

Figura 19- Livro da Vida

Fonte: Registro fotográfico realizado pela autora

Na atividade apresentada na imagem 19, percebo certa similaridade da mesma com o trabalho da dinâmica dos rostinhos alegres e triste. Desse modo, compreendi que o evento de contação de história e a estratégia do uso das plaquinhas, constituem-se em práticas de

letramentos, pois as crianças vão incorporando comportamentos, valores, vivências e pontos de vistas que fazem parte do meio social que estão inseridas.

Para Castanheira, Green e Dixon (2007, p. 9) o letramento é "[...] um processo dinâmico em que o significado de ação letrada é continuamente construído e reconstruído por participantes, quando se tornam membros de um grupo social".

Outro momento do grupo de estudos é o ensaio de louvores, o qual passo a analisar na próxima seção.

4.6- A entoação de louvores como estratégia de aprendizagem da Bíblia

Ao longo das semanas que estive inserida no campo da pesquisa, percebi que os louvores estão presentes diariamente no cotidiano das crianças. Nas visitas que realizei em suas residências, observei que todas tinham uma potente caixa de som e a maioria estava funcionando e reproduzindo um louvor em volume relativamente alto, assim as crianças não só decoram palavras e frases dos hinos, como são capazes de comentar sobre os mesmos com propriedade.

Conversando com as crianças sobre esta preferência musical, foi destacado por elas que geralmente os louvores são disponibilizados e escolhidos por seus responsáveis, porém todos cantam juntos.

Conforme salienta Sarmento (2003, p.65), “[...] as crianças, nas suas interacções com os pares e com os adultos, estabelecem processos comunicativos configuradores dos seus mundos de vida”.

Dessa forma, a experiência familiar de contato sistemático com os louvores, proporciona que as crianças se apropriem de conhecimento de vários hinos e compartilham com colegas no espaço do grupo de estudos bíblicos, tendo propriedade para interpretar e atribuir significado na sua utilização, caracterizando assim uma prática letrada.

No grupo de estudos bíblicos os louvores são trazidos em folha digitalizada pela evangelizadora, distribuídos para todas as crianças e ensaiados exaustivamente.

Figura 20 – Ensaio dos louvores

Fonte: Registro fotográfico realizado pela autora

Sobre a prática da entoação de louvores, por vezes, a evangelizadora proporciona que as crianças escolham o louvor, conforme trecho descrito em minhas anotações:

> Após a contação de histórias, a evangelizadora apresentou a possibilidade das crianças escolherem entre dois louvores, eles ouviram e houve muita discussão porque os maiores não queriam apresentar um louvor que consideravam muito infantil, escolheram um louvor que tinha letra mais difícil de ser decorada, porém a evangelizadora argumentou que os pequenos não acompanhavam e assim prevaleceu sua vontade e apresentaram o "louvor infantil" (Diário de Campo, 04/08/2018)

Apesar de ser oportunizada a possibilidade de escolha por parte das crianças, ainda assim, este episódio reflete a forte presença de autoridade e hierarquia no contexto deste grupo.

Outro aspecto que considero importante destacar é que a letra desses hinos está relacionada com o versículo lido e debatido durante os estudos realizados no dia e também com a pregação que é realizada posteriormente no culto.

Além disso, quando observo as brincadeiras das crianças participantes do grupo de estudos bíblicos e suas interações em diferentes contextos, percebo que a linguagem dos louvores também está presente e incorporada em seu vocabulário, como o uso constante da palavra "Glória", caracterizando agradecimento ou vitória.

Nas palavras de Jung (2007, p. 1189) "[...] é preciso considerar os eventos de letramento – que são ocasiões em que o texto escrito subjaz ou está presente na interação face a face de um grupo de pessoas e que quando esse evento tem repetidos padrões de interação, torna-se uma prática de letramento". A partir do que foi apresentado entendo que o evento da

entoação de louvores caracteriza-se como uma prática de letramentos, vivenciada pelas crianças no contexto deste grupo.

O último momento do grupo de estudos que analiso é o de atividades livres, o qual será apresentado próxima seção.

4.7 – Atividades livres, interações, brincadeiras e práticas letradas

Após o ensaio de louvores, a evangelizadora distribui folhas em branco, lápis, borrachas e lápis de cores e orienta as crianças para utilizarem esse material com cuidado, este é um momento de descontração, onde as crianças conversam, brincam, desenham e pintam livremente.

É possível perceber que nestes momentos de descontração seus comportamentos ainda são articulados com as práticas de letramentos experimentadas nos momentos anteriores no grupo, como por exemplo, quando pintam e desenham cantando os louvores ensaiados.

Nos diálogos entre si e em conversas comigo isso fica bastante evidente, conforme é possível perceber no trecho retirado de minhas anotações:

> M. (8 anos) pinta um desenho e conversa com D. (4 anos) sobre seu sonho, diz que: *Eu ouvi na minha cabeça, faz uma arca e depois eu fui orar e tava falando com Deus e Ele me falou assim: Faz a arca, e eu confio em Deus né, então olhei pro lado e vi um pedaço de arca no chão, não sei quem botou ali, mas de certo foi Deus quem botou e aí eu construí a arca. Depois eu fui pro colégio e veio um tsunami e toda a igreja entrou pra arca e eu vi até uma pessoa se jogando de carro pra dentro do canal e ela morreu e foi lá para o inferno* (Caderno de anotações 11/08/2018)

Observo em alguns fragmentos do relato do sonho da menina a articulação das práticas de letramentos que vivencia no grupo de estudos bíblicos e no culto, como o "*falar com Deus*", *"confio em Deus,*"*foi Deus quem botou"* e o fato de "*somente a igreja entrar na arca"*, estas expressões estão presentes na oratória dos pregadores, na leitura de trechos bíblicos e em vários louvores, como pode ser observado na letra do louvor trazido pela M. na maioria dos cultos:

> *E as alturas alcançar*
> *Correm e não se cansam*
> *Esperam em Deus, confiam em Deus o senhor*
> *Um novo tempo uma nova história*
> *Deus tem pra mim, Deus tem pra nós*
>
> *Os que confiam no senhor*
> *Recebem forças pra voar*

> *E as alturas alcançar*
> *Correm e não se cansam*
> *Esperam em Deus, confiam em Deus o senhor*
> *Eu não temerei como águia voarei nas alturas estarei com meu rei (Aviva-me – Arca da Aliança)*

.

Em outra ocasião A.S (5 anos), conversa comigo:

> ***A.S****: Porque tu tem esse desenho no braço, Deus não se agrada disso*
> ***Eu****: Vou te explicar, quando eu me formei professora eu fiquei muito feliz e queria que todos pudessem saber que eu era uma professora, então resolvi fazer essa tatuagem que é o símbolo do meu curso e demonstra o amor que eu tenho em dar aula.*
> ***A.S****: Satanás mora nesse desenho, tu pode ser castigada e não ir para o céu, mas como tu não conhecia Deus quando fez este desenho e como eu gosto de ti e tu gosta de mim eu não vou contar pra ninguém que tu tem esse desenho no braço. Tá combinado?*(TRANSCRIÇÃO DIA 18/08/2018)

Analisando a fala do menino no diálogo acima apresentado, relaciono-a com as proibições, restrições e punições que são insistentemente pregadas no culto e no grupo de estudos bíblicos. Elas estão incorporadas em seu vocabulário e servem para argumentação e cobrança na interação com as pessoas no cotidiano.

Cabe destacar no dialogo relatado, o conflito que certas contradições causam na criança e as estratégias que ela encontra para tentar resolver a situação. A.S descobre que tenho uma tatuagem, ou seja, que possuo algo inaceitável e até mesmo condenável na perspectiva da igreja e por isso eu deveria ser *castigada não indo para o céu*.

Contudo, ele gosta de mim e não quer que isso aconteça comigo, logo ele encontra uma estratégia para resolver esse problema, justificando que na ocasião que eu fiz a tatuagem *não conhecia a Deus*. Ele entendeu que esse fato eximiria minha culpa e decidiu não contar para ninguém, o que na sua perspectiva, resolveria o problema.

Ainda nesta situação, percebo a cuidado que deve-se ter ao pesquisar com crianças, pois, "na investigação com crianças são as crianças que detêm o saber, dão a permissão e fixam as regras- para os adultos. (GRAUE, WALSH, 2003, P. 77).

Outro momento que considero importante ser destacado, está relacionado com algumas discussões que acontecem entre as crianças. Neste mesmo dia, A.H e D. brigaram pelos lápis de cor e a evangelizadora resolve interferir e chamar atenção:

> ***Evangelizadora****: A.H és uma guria grande, não judia com teu irmão, empresta o lápis para ele e pede perdão*
> ***A.H****: Ele é que tem que pedir perdão*
> ***Evangelizadora****: Porque, se tu és quem está brigando com ele?*
> ***A.H****: Porque na rua está tocando uma música do mundo e ele está balançando a cabeça*

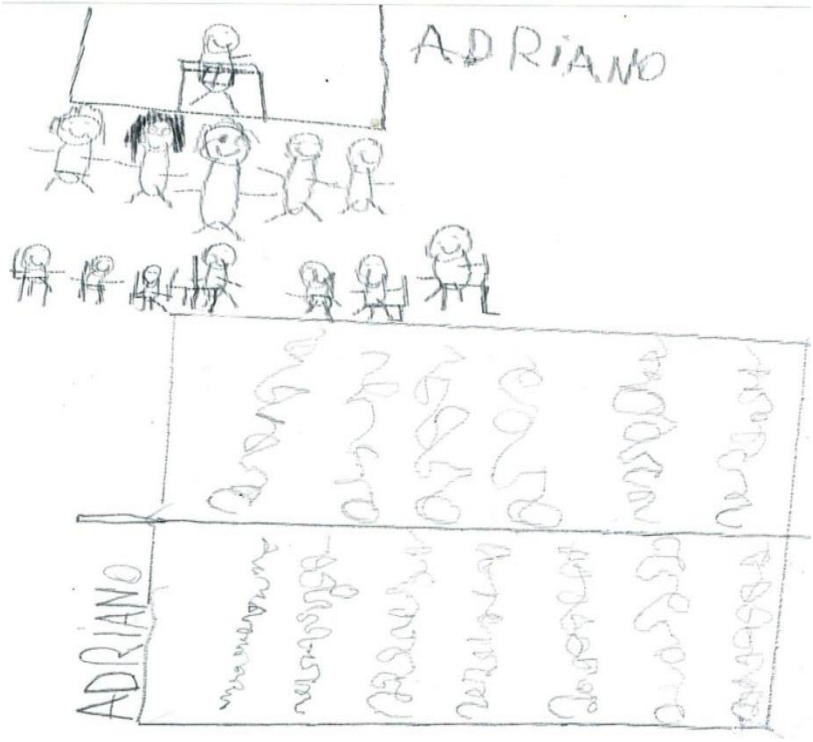
***D**: Perdão Jesus!*(TRANSCRIÇÃO DIA 28/07/2018)

No excerto acima, há claramente uma disputa de poder entre as crianças que neste caso específico são irmãos. Inicialmente a disputa é pelo lápis, mas na sequência passa a ser sobre aquele quem deveria pedir perdão.

Nesse caso, um novo aspecto passa a ser o motivo de disputa e A.H, para não perder para o irmão, encontrou um motivo forte e inquestionável o que deu certo, pois imediatamente ele pediu desculpa sem contestar. Observo que neste excerto, está presente no discurso das crianças a presença das proibições que elas vivenciam na religião, as quais são consideradas como pecados e ofensas a Deus.

Também ao observar alguns desenhos das crianças, compreendo que elas demonstram práticas que vivenciam nestes contextos religiosos, como pode ser constatado na figura abaixo:

Figura 21 – Registro do desenho do A.S (5 anos)



Fonte: Registro fotográfico realizado pela autora

De acordo com a descrição feita pelo menino de seu desenho, trata-sedo pastor no altar. Abaixo são eles (as crianças) cantando os louvores e após sentados para ouvir o pastor pregar. Em tamanho maior o menino desenhou a Bíblia.

Explorando o desenho e a descrição feita pelo menino é visível a ênfase que é dada a figura do Pastor, em lugar de destaque e também da Bíblia que foi desenhada em tamanho

grande em relação aos demais desenhos. Entendo que essas manifestações por meio do desenho, são decorrências das práticas de letramentos vivenciadas pelo menino, que ressaltam o respeito ao Pastor, autoridade máxima da igreja e a Bíblia como o livro que possui a verdade e a Palavra de Deus.

Nos momentos das atividades livres, as crianças têm oportunidade de brincar e explorar alguns espaços da igreja demonstrando alegria e espontaneidade, como é observado na imagem a seguir:

Figura 22 – Momento de brincadeiras e descontração

Fonte: Registro fotográfico realizado pela autora

A figura 22, demonstra que apesar das constantes repreensões, proibições e cobranças as crianças ao explorar o ambiente que são evangelizadas, brincam e tem atitudes consideradas da cultura infantil.

Nesse sentido, ao analisar o comportamento das crianças durante suas brincadeiras considero relevante lembrar os princípios defendidos por Corsaro (2009), quando comenta que a criança não apenas se adapta e reproduz o que lhe é proposto, mas também interpreta através da interação entre seus pares, atribuindo sentido próprio às diferentes situações.

Segundo o autor, a interação entre pares pode ser entendida como uma "reprodução interpretativa", visto que as crianças não reproduzem de forma indiferente as informações, elas se apropriam das mesmas de acordo com seus interesses, internalizando, interpretando e reproduzindo.

4.8 - Trabalho pedagógico no Grupo de Estudos Bíblicos Herdeiros do Céu

O tempo e o espaço específico para as infâncias encontram-se em constantes modificações. A criança vive em processo de transição, sendo que o seu lugar é construído e renovado pela sua própria cultura associada à cultura que é induzida pelos adultos. Desse modo, é possível considerar que as crianças estão em um entre-lugar e um entre-tempo, que compreende o ponto de encontro e confronto entre passado e futuro. Contudo, o modo de pensar e as informações que são transmitidas pelos adultos são transformados e reinventados pelas crianças, a partir de suas interações, vivências e visões próprias do mundo (SARMENTO, 2004).

Geralmente os adultos desenvolvem trabalhos com crianças a partir de suas lembranças de infância e quando convivem com as mesmas, ensinam brincadeiras, contam histórias, procuram preservar aquilo que consideram como positivo em sua infância e transformar o que causou sofrimento.

Neste sentido qualquer trabalho que envolva as relações entre adultos e crianças é atravessado pela compreensão que este adulto imagina saber das crianças, a partir dessas ideias são estabelecidas regras, limites, direitos e deveres. Sarmento (2006, p. 19), ressalta que:

> Quando nasce, a criança vai entrar num mundo em que lhe é permitido fazer certas coisas e outras lhe são interditadas, onde é conduzida a comportar-se e a pensar de determinados modos e onde outros modos de pensar ou de se comportar são reprimidos.

Porém, a criança vive sua infância em outro contexto social e histórico, nesta fase pratica suas experimentações, realiza descobertas, é curiosa, pergunta e argumenta, interagindo com seu meio social construindo assim sua identidade e sua cultura. Para Gonçalves e Nogueira (2013, p. 25):

> A concepção de infância, a qual conhecemos hoje, é fruto de uma construção social que ao longo dos anos foi se constituindo a partir de determinantes políticos, econômicos, históricos e sociais. Não existe uma única maneira de entendermos a infância, esta pode ser entendida como a concepção ou representação que os adultos fazem dessa etapa inicial da vida ou, ainda, como período vivido pelas crianças nessa fase.

Nesse contexto, ao realizar um trabalho com crianças é necessário refletir sobre a especificidade desses sujeitos que estão intimamente ligados com as interações realizadas no seu meio social e, portanto, muitas vezes está bem distante daquela ideia que o adulto imagina

saber sobre a criança, sendo que viveram em tempos e espaços diferentes e suas experiências também são distintas.

Ao observar o trabalho de evangelização das crianças pentecostais da localidade da Agropecuária Canoa Mirim, percebo que todos são tratados sem considerar suas especificidades, como se tivessem as mesmas preferências, a mesma vivência familiar e as mesmas necessidades.

Assim, as práticas de letramentos que são apreendidas por elas são vivenciadas a partir da condição de obediência por meio de ameaças e, não raras vezes, relacionando com tragédias. Isso vai se caracterizando uma forma de relação entre um adulto (no caso a evangelizadora) que possui poder de comando e autoridade sobre as crianças.

Desta forma, mesmo que a realidade das crianças fora da igreja seja completamente diferente do que experimentam no grupo de estudos bíblicos e no culto, é esperado que elas sejam convencidas da verdade sobre o que é pregado nestes locais e reproduzam essas práticas em seu cotidiano, fato que geralmente acontece conforme foi relatado nas seções anteriores, caracterizando um modelo autônimo de letramento que de acordo com Street: "funciona com base na suposição de que em si mesmo o letramento – de forma autônoma – terá efeitos sobre outras práticas sociais e cognitivas" (2003, p.4).

Por conseguinte, o contexto cultural e as características próprias das pessoas e do meio social são desconsiderados neste modelo de letramentos, também acontece uma universalização das práticas de letramentos sem considerar as diversas habilidades dos sujeitos, a multiplicidade de elementos existentes na sociedade grafocêntrica e o contexto social, porém é importante acrescentar que "[...] as pessoas absorvem práticas letradas em suas próprias convenções orais, ao invés de simplesmente imitar aquilo que foi trazido" (STREET, 2014, p. 37) e que as práticas sociais de leitura, escrita e oralidade, trazem importantes consequências para o próprio sujeito e para o meio social em que está inserido.

Nestas situações é observado que os artefatos de leitura e escrita disponibilizados, bem como o discurso que está presente em determinado grupo, são oportunizados de forma universal e sem reflexão, condicionando a obediência e aceitação. Para Street (2006, p. 472)

> [...] o fato de uma forma cultural ser dominante é, no mais das vezes, disfarçado por trás de discursos públicos de neutralidade e tecnologia nos quais o letramento dominante é apresentado como o único letramento. Quando outros letramentos são reconhecidos, como, por exemplo, nas práticas de letramento associadas a crianças pequenas ou a diferentes classes ou grupos étnicos, eles são apresentados como inadequados ou tentativas falhas de alcançar o letramento próprio da cultura dominante: exige-se então,

> a atenção remediadora, e os que praticam esses letramentos alternativos são concebidos como culturalmente desprovidos.

Assim sendo, observar o trabalho pedagógico realizado pela evangelizadora com as crianças pentecostais da Agropecuária Canoa Mirim e as práticas de letramentos vivenciadas por elas no contexto de um grupo de estudos bíblicos, envolve lançar um olhar diferenciado, minucioso, investigativo e reflexivo sobre os componentes de leitura, escrita e oralidade que são apresentados para as crianças, tendo em vista que da importância de estar alerta e refletir sobre a possibilidade do poder atuar articulado com os letramentos desenvolvidos no grupo, com o objetivo de modelar o comportamento das crianças.

4.9 - O poder simbólico:

O trabalho em campo realizado junto com as crianças pentecostais da Agropecuária Canoa Mirim, possibilitou várias reflexões. Entendo que as interações realizadas no grupo de estudos bíblicos e no culto visam promover certos comportamentos padronizados nas crianças e até mesmo certa uniformidade que é visibilizada na linguagem, na forma de vestir, no vocabulário, entres outros aspectos.

Existe uma hierarquia determinada pelas lideranças da igreja e a evangelizadora é quem possui a autoridade de pregar para as crianças, e assim, tem relevante contribuição neste processo de homogeneidade. Bourdieu e Passeron (1975, p. 34) afirmam que “os emissores pedagógicos são logo de imediato designados como dignos de transmitir o que transmitem, e, por conseguinte autorizados a impor a recepção e a controlar a inculcação por sanções socialmente aprovadas e garantidas”.

Assim, a regularidade nos encontros de evangelização tem o propósito de aprendizagem do conteúdo da bíblia, das regras e dos costumes, caracterizando-se como um trabalho pedagógico que promove a inculcação de ideias que são incorporadas pelas crianças e reproduzidas no seu cotidiano (BOURDIEU; PASSERON, 1975).

A evangelizadora possui autoridade instituída pela posição que ocupa no grupo e relaciona seu trabalho de acordo com as ideias pregadas na igreja, instruindo as crianças para que seu comportamento não fuja do padrão evangélico pentecostal. Essa forma de trabalho pedagógico, com disciplina, ameaças e repressões leva a obediência e subordinação, estabelecendo uma dominação sobre as crianças (Para Bourdieu e Eagleton, 2007, p, 270), “[...] em termos de dominação simbólica, a resistência é muito mais difícil, pois é algo que se absorve como o ar, algo pelo qual o sujeito não se sente pressionado; está em toda parte e em lugar nenhum, e é muito difícil escapar dela”.

Por meio do discurso das lideranças da igreja, das famílias das crianças e da evangelizadora, vai se constituindo uma rede de ideias sintonizadas de que o trabalho de evangelização leva a proteção das crianças, livrando-as do que consideram errado no mundo.

Assim, por meio de proibições, como por exemplo, participação em festas, jogos e uso de certas vestimentas, as crianças são privadas de escolhas e de expressão e reproduzem o discurso que é desenvolvido no trabalho pedagógico de evangelização.

Situações como essas, Bourdieu, (2007) caracteriza como "poder simbólico", ou seja:

> O poder simbólico não reside nos «sistemas simbólicos» em forma de uma «illocutionary force», mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras (BOURDIEU, 2007, p. 15).

Entendo assim, que o poder simbólico é deveras perspicaz e vai criando amarras sutis, sendo condicionado pelas interações de um determinado grupo, em que a subordinação é mantida principalmente por uma oratória convincente, com poder de transmitir credibilidade e reconhecimento sem questionamentos ou discórdia. "O poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce" (BOURDIEU, 1998. P, 188).

Street (2014) destaca que, os letramentos estão conectados ao contexto social, as práticas culturais e as relações de poder, diferenciando no tempo e no espaço e discutíveis nessas relações de poder. Seus significados se aprofundam em modos de ser e de viver de cada ser no mundo. Assim, as práticas de letramento são diferentes de um contexto para o outro, de uma cultura para outra e em distintas condições e os sujeitos dominados são moldados, acolhendo os padrões dominantes, reproduzindo e considerando como legítimo e incontestável.

Como consequência desse poder simbólico, manifesta-se a violência simbólica, explicada por Bourdieu (2003, p. 7-8) como:

> [...] uma manifestação decorrente do poder simbólico. Ele delineia a violência simbólica como uma "violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento.

Observando as crianças pentecostais na Agropecuária Canoa Mirim, percebo o poder simbólico e a consequente violência simbólica que estão sendo sujeitas no contexto do grupo de estudos bíblicos, principalmente no que se refere à homogeneização de seu modo de vestir e linguagem, reproduzindo e legitimando as regras pregadas na igreja.

A criança é compreendida considerando seu potencial de refletir, atuar e tomar posição dentro do seu meio social. Sarmento (2004) afirma que antes de tudo, as crianças aprendem com as outras crianças, nos espaços de partilha comuns, essa partilha de tempos, ações, representações e emoções são necessárias para um entendimento do mundo e faz parte do processo de crescimento.

Assim, o poder e violência simbólica que as crianças Pentecostais da Agropecuária Canoa Mirim estão sendo submetidas, condiciona dificuldades nas brincadeiras, no acesso aos meios de comunicação e nas interações dentro da comunidade, como por exemplo, as festas nas casas das crianças pentecostais são convidadas somente os "*irmãos da igreja*" e quando acontece comemorações na comunidade nenhuma criança pentecostal comparece, mesmo sendo convidadas. Também há muita restrição quanto aos programas de televisão e uso de internet, portanto, é quase impossível que tenham possibilidades para entender e exercer a criticidade das práticas desenvolvidas na igreja com liberdade de expressão e escolhas.

Ainda que a investigação não tenha a pretensão de julgar ou estabelecer o que é bom ou ruim, considero ser possível, por meio da pesquisa etnográfica realizada junto as crianças Pentecostais da localidade da Agropecuária Canoa Mirim, realizar uma análise de que o poder e violência simbólica presentes neste contexto religioso possam ser revertidos na medida em que as crianças tiverem um contato significativo com outros meios sociais, ouvindo diferentes perspectivas, conhecendo visões diferentes daquelas que são pregadas no âmbito da igreja e tomando consciência de sujeitamento que experienciam nas diversas situações vividas. Em relação a linguagem, Soares (1987, p. 60), destaca a abordagem dada por Bourdieu:

> Bourdieu, [...], dirige o seu foco de análise para as relações de força materiais e simbólicas que determinam e condicionam o uso da língua, com o objetivo de mostrar que a estrutura das relações de produção lingüística depende da posição dos interlocutores na estrutura das relações de força simbólicas, que, por sua vez, espelham as relações de força materiais que estruturam a sociedade.

Assim, as contribuições teóricas de Bourdieu, permitem que se perceba uma relação intrínseca entre a linguagem e a relação de poder na estrutura de determinado grupo social. O desmoronamento dessas imposições que as crianças vivenciam "supõe a tomada de

consciência do arbitrário", a descoberta da realidade objetiva e a desconstrução da crença inculcada entre os dominados. (BOURDIEU, 1975).

Desta forma, as crianças experimentando e interagindo com discursos contrários àqueles em que estão familiarizados terão oportunidade de entender a relação de poder em que estão subordinadas, problematizando o senso comum deste contexto evangélico pentecostal em que convivem e que doutrina, moldando sua mente e corpo.

Considerando as perspectivas apresentadas, neste momento de conclusão,a seguir apresento as considerações finais da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida nesta dissertação teve como objetivo conhecer e entender as práticas de letramentos vivenciadas pelas crianças da localidade da Agropecuária Canoa Mirim, que participam de um grupo de estudos bíblicos da Igreja Evangélica Pentecostal Casa de Oração, localizada na cidade de Santa Vitória do Palmar - RS.

Considerando a leitura e a escrita numa perspectiva social, as práticas de letramentos - ocorrências que abrangem ações que utilizam ou implicam o uso da língua escrita – são semelhantes a diversas situações da vida social e ocorrem tanto dentro quanto fora da escola.

Neste trabalho de pesquisa tratei sobre aspectos dos letramentos realizado em uma Igreja Evangélica Pentecostal, refletindo sobre as práticas de letramentos que estão intrínsecas nas práticas religiosas promovidas em seu grupo de estudos bíblicos.

Pensando sobre a particularidade desta investigação e seu contexto, considero que foi essencial, desde o início da pesquisa colocar-me como um pesquisadora/aprendiz para não ser confundida como evangelizadora, ou seja, quem tem legitimidade para comandar.

Durante os momentos de interação com as crianças, entendi a necessidade do cuidado de destacar os conhecimentos que foram aprendidos com elas, essa inclusão de participante no contexto do grupo pesquisado, foi muito importante, pois oportunizou a observação atenta e ainda um diálogo vigoroso com as crianças.

Entendendo a relevância de conhecer o cenário em que a pesquisa foi desenvolvida, realizei uma descrição sobre contexto histórico do pentecostalismo no Brasil, articulando com as práticas religiosas da Igreja Pentecostal Casa de Oração. Destaquei, entre outros aspectos, o perfil sócio econômico dos fiéis, o sincretismo religioso e as ações da igreja na comunidade.

Também, considerando que a investigação foi realizada no meio rural, fiz uma descrição dos aspectos sociais e culturais da Agropecuária Canoa Mirim, obtendo dados importantes para o conhecimento dos sujeitos da pesquisa e suas possibilidades de relacionar práticas letradas no seu cotidiano.

O cruzamento dos dados, permitiu constatar que as atividades realizadas pelas crianças participantes do grupo de estudos bíblicos estimulavam seus saberes, auxiliando a desenvolver o letramento das mesmas.

Neste processo, para entender as práticas de letramentos desse grupo, com foco nas crianças, foi necessário lançar um olhar diferenciado, minucioso, investigativo e reflexivo sobre os componentes de leitura, escrita e oralidade que estão presentes na sua realidade. Além disso, observar a forma peculiar que os sujeitos da pesquisa, no caso as crianças,

demonstravam em outros contextos que estas práticas de letramento faziam parte de seu cotidiano.

Nesta perspectiva, a metodologia da etnografia– que é uma estratégia de investigação na qual o pesquisador consegue identificar padrões, modos comportamentais, códigos de convivência e significados –possibilitou compreender o que estava subentendido, conhecendo a forma particular das crianças irem se apropriando das práticas sociais, ou seja dos letramentos, observando gestos, aparências, olhares e não se limitando apenas ao que era falado e escrito.

A partir da produção de dados, identifiquei três principais práticas letradas no grupo investigado: i) a oralidade ii) a entoação de louvores e iii) a leitura da bíblia.

Foi possível perceber que o uso do material escrito, oferecido para as crianças, tinha como principal mediador a oralidade, sendo assim, essa prática constituiu-se como potencializadora do letramento.

No decorrer dos cultos e encontros do grupo de estudos bíblicos, pregadores e evangelizadora são ouvidos pelas crianças com muita atenção, estas lideranças fazem sua pregação chamando atenção daquilo que consideram errado e colocando o nome de Deus ou de ensinamentos da bíblia para justificar suas palavras, associando o sermão religioso com o cotidiano das crianças.

A oratória, como prática de letramento tornou-se visível na observação de algumas ações das crianças no contexto da Agropecuária Canoa Mirim, presente na forma de cumprimentar desejando *a "paz do senhor"* e em seus diálogos, quando justificam determinado comportamento como sendo o de um "*servo de Deus"*.

No que se refere a entoação de louvores, o cruzamento dos dados mostrou que essa prática proporciona para as crianças, a construção de conhecimentos letrados de forma interacional, uma vez que está presente no convívio familiar, no grupo de estudos bíblicos e nos cultos.

A repetição desses louvores, oportuniza que as crianças memorizem palavras e frases muitas vezes mais complexas do que habitual para sua idade e desenvolvam capacidade para comentar sobre os mesmos com propriedade. A linguagem dos louvores também está presente e incorporada em seu vocabulário, como o uso constante da palavra "Glória", caracterizando agradecimento ou vitória e "pelejar" para designar uma grande luta.

A leitura da Bíblia foi destacada nesta investigação, como principal prática de letramento vivenciada pelas crianças pentecostais da Agropecuária Canoa Mirim, a análise

dos dados permitiu perceber que esta prática estava presente em quase todas as ações envolvendo as crianças.

Os eventos de leitura da bíblia, presentes no grupo de estudos bíblicos e nos cultos, envolviam atividades coletivas e ouso da leitura e escrita, sendo uma prática que contribui para o desenvolvimento do letramento das crianças participantes deste contexto, tendo também uma função social, pois as crianças compartilham estas vivências em seu cotidiano, ressignificando o discurso dos pregadores e reproduzindo, como por exemplo, na constante referência que irão "*morar no céu"*.

Ao realizar a análise dos dados, as relações de poder tornaram-se mais evidentes e impossíveis de serem ignoradas, uma vez que estavam latentes nas interações e práticas de letramentos vivenciadas entre os participantes.

Considerei importante realizar uma discussão sobre o poder e violência simbólica, considerando como deveras perspicaz e condicionado pelas interações do grupo, em que a subordinação é mantida principalmente por uma oratória convincente, com autoridade de transmitir credibilidade e reconhecimento sem questionamentos ou discórdia. Para tanto, busquei respaldo teórico alguns autores do campo da sociologia, entre eles, Street (2014) e Bourdieu (1998).

O trabalho em campo possibilitou algumas reflexões, entendo que as interações realizadas no grupo de estudos bíblicos e nos cultos visam promover certos comportamentos padronizados nas crianças e até mesmo certa uniformidade que é visibilizada na linguagem, na forma de vestir, no vocabulário, entres outros aspectos.

Nas observações realizadas, em vários momentos destaco que as crianças desenvolvem linguagem e comportamento diferenciado das crianças que não comungam da doutrina pentecostal, devido aos ensinamentos religiosos que foram incorporando no seu cotidiano, valores, vivências e pontos de vistas. Assim as práticas de letramentos vivenciadas por estas crianças, estão articuladas com um poder e violência simbólica que tem como objetivo a inculcação de ideias e padronização de comportamentos.

Fundamentada nos estudos e discussões produzidas até o momento, encerro essa dissertação considerando que as observações dos dados obtidos a partir da pesquisa com as crianças pentecostais da comunidade da Agropecuária Canoa Mirim, permitiram responder à pergunta que orientou esta pesquisa: Quais práticas de letramentos são vivenciadas pelas crianças da Agropecuária Canoa Mirim no contexto do Grupo de Estudos Bíblicos da Igreja Pentecostal?

Entendo que as práticas de letramento desenvolvidas nesse grupo de estudos bíblica-oralidade, entoação de louvores e leitura da bíblia – mostraram aspectos muito particulares da cultura religiosa desse contexto, visto que o letramento é sempre local e socialmente situado.

Considerando que os letramentos estão atrelados ao contexto social, às práticas culturais e às relações de poder, entendo que as práticas de letramento são diferentes de um contexto para o outro, de uma cultura para outra.

Nesta investigação, em que as crianças são vistas como protagonistas tendo voz e poder, portanto, entendidas não como submissas e dependentes, mas como sujeitos que participam de forma ativa, intervindo no processo de pesquisa e possuindo possibilidades de posicionamentos, pude refletir sobre a relação de poder deste contexto religioso e considerei que o processo foi bastante instigante.

Essas discussões, levaram-me a refletir sobre a violência simbólica que vai se estabelecendo sutilmente nos grupos sociais e, muitas vezes, são até mesmo despercebidas, transformando os sujeitos submissos aos modelos dominantes, reproduzindo-os e considerando-os como autênticos e legítimos.

Desta forma, ressalto o quanto ainda necessitamos avançar nestas problematizações relacionando-as com a Educação. Também reflito sobre as possibilidades que as crianças pentecostais da Agropecuária Canoa Mirim terão futuramente para entender essa relação de poder em que estão subordinadas, questionando o senso comum deste contexto religioso em que convivem e que as doutrinam, moldando sua mente e corpo.

Ainda saliento que a investigação por meio da etnografia com crianças, oportunizou inúmeras reflexões e reconstruções de conceitos, contribuindo para minha formação de pesquisadora. Aprendi a ouvir e observar, falar menos, interpretar o significado de gestos e olhares e desenvolver atitudes de humildade, no papel de aprendiz.

A pesquisa também proporcionou uma reflexão sobre minha prática pedagógica como professora de Educação Básica, desenvolvendo um novo olhar para as crianças, valorizando suas falas e ponderando sobreo poder simbólico que muitas vezes está subentendido na relação entre aluno e professor.

Considerando o que foi apresentado e discutido no decorrer desta dissertação, percebo a relevância em pesquisar as práticas de letramento em um contexto não escolar uma vez que conforme apresentado no início deste trabalho, a maioria das pesquisas sobre letramento são realizadas em sala de aula. Nesta pesquisa foi ressaltado o sentido da escrita e da leitura no cotidiano das crianças, as representações que elas realizam para compreender algo novo e as

vivências das práticas de letramento vinculadas com a relação de poder, as quais foram identificadas nas brincadeiras, na relação social e no vocabulário das crianças.

Por fim, cabe ainda colocar que ter vivido por um período prolongado de tempo o cotidiano do grupo de estudos bíblicos, buscando entender o que ali acontece, o papel que cada sujeito tem neste grupo possibilitou, como pesquisadora, despir-me de ideias pré-concebidas, colocar-me no lugar de aprendiz e repensar minha atuação como professora na comunidade investigada.

Referências:

AMEIGEIRAS, Aldo Rubén. **El abordaje etnográfico en la investigación social**. In: GIALDINO, Irene Vasilachis (Org.). Estratégias de investigação cualitativa. Buenos Aires: Gedisa, 2007.

ANJOS, Cleriston Izidro dos, **FARIA,** Ana Lúcia Goulart de, **SANTOS**, Solange Estanislau dos. A criança das pesquisas, a crianças nas pesquisas.A criança faz pesquisa? Revista Praxis Educacional. Dossiê temático. Pesquisa em Educação: abordagens metodológicas DOI: 10.22481/praxis.v13i25.958

ARROYO, Miguel G. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. In. ARROYO, Miguel. CALDART, Roseli. MOLINA, Mônica. (Orgs.). Por uma educação do campo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 65 – 86.

_____**Políticas de formação de educadores (as) do campo.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n. 72, p.157-176, maio/ago. 2007. Disponível em http://www.cedes.unicamp.br, acesso em fevereiro de 2018.

ATKINSON, Paul, **COFFEY,** Amanda. **Encontrar el sentido a los datos cualitativos.** Colômbia**.** Editora Sage, 2003.

AZAMOR, Rafael Croitoru. **Etnografia de uma atividade de educação não formal junto a rodoviários no exercício da cidadania das pessoas com deficiência.** In. **MATTOS,** Carmem Lucia Guimarães de, Fontora, Helena Amaral de. **Etnografia e educação/ organização**, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009

AZEVEDO, Daniela Medeiros de. **Praticas de leitura em religião: A articulação entre o consumo da "Palavra" e a produção de sujeitos leitores Assembleianos** (Dissertação em Educação) Faculdade em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Programa de Pós Graduação em Educação- Porto Alegre- p, 17-26, 2008.

BOURDIEU, Pierre.**A dominação masculina.** 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003**.**

_____. **Conferência do Prêmio Goffman: a dominação masculina revisitada. In: LINS, D. (Org.).** A dominação masculina revisitada. Campinas: Papirus, 1998, pp. 1-27.

_____.**O poder simbólico**. 10 ed. Rios de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007b

_____.**EAGLETON, T. A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista.** In: **ŽIŽEK**, S. (Org.). Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007, pp. 265-278.

_____.**PASSERON,** Jean Claude**. A reprodução: elementos para uma teoria do ensino.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1975**.**

BRASIL. Decreto nº 7.352 de 4 de novembro de 2010. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária– PRONERA. Disponível em <http:// http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm>, acesso em fevereiro de 2015. Ministério da Educação.

Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo/ Parecer 36/2001. – Brasília: MEC, SEB,2001.

BUSSAB, Vera Silvia R.; **SANTOS,** Ana Karina. *Reflexões* **sobre a observação etnográfica: a cultura de pares em ação**. In: **MULLER**, Fernanda; **CARVALHO**, Ana Maria Almeida (Orgs.). **Teoria e Prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro.** – São Paulo: Cortez, 2009.

CASTANHEIRA, Maria Lucia**. Aprendizagem contextualizada: discurso e inclusão na sala de aula.** 2. Ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2010**.**

_____.GREEN, Judith L.; **DIXON**, Carol N.**Práticas de letramento em sala de aula: uma análise de ações letradas como construção social**. Revista Portuguesa de Educação, vol. 20, n. 2, PP. 7-38, 2007. Disponível em http://www.redalyc.org/articulo. oa?id=37420202, último acesso em junho de 2019.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

CAMPOS, M. M. **Por que é importante ouvir a criança?A participação das crianças pequenas na pesquisa científica**. In: **CRUZ**, S. H. V. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

CORSARO, William. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DELGADO, Ana Cristina Coll**& MULLER**, Fernanda**. Infâncias, tempos e espaços: um diálogo com Manuel Jacinto Sarmento. Currículo sem Fronteiras, v.6, n.1, pp.15-24, Jan/Jun 2006**.

FERNANDES, Bernardo. CERIOLI, Paulo. CALDART, Roseli. **Primeira Conferência Nacional "Por Uma Educação Básica do Campo" (texto preparatório)**. In. ARROYO, Miguel. CALDART, Roseli. MOLINA, Mônica. (Orgs.). Por uma educação do campo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 19 – 64.

FONTOURA, Helena Amaral de, **Revisando dados e refletindo sobre o uso de vídeo em etnografia.** In. **MATTOS,** Carmem Lucia Guimarães de, Fontora, Helena Amaral de. **Etnografia e educação/ organização**, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009

GHASARIAN, Chistian. **De la etnografía a la antropología reflexiva: nuevos campos, nuevas prácticas, nuevas apuestas**... [et.al.]; dirigido por Adolfo Colombres.-1ª.ed.- Buenos Aires: Del Sol, 2008.

GIALDINO, Irene Vasilachis de, (coord.), **AMEIGEIRAS**, Aldo R., **CHERNOBILSKY**, Lilia B., **BÉLIVEA**U, Verónica Giménez,**MALLIMACI**, Fortunato, **MENDIZÁBAL**, Nora, **NEIMAN**, Guillermo, **QUARANTA**, Germán, **SONEIRA**, Abelardo J. **Estrategias de investigación cualitativa.** Editora Gedisa, S.A. 2007. p.26-55

GONÇALVES, Suzane da Rocha Vieira Gonçalves; **NOGUEIRA**, Gabriela Medeiros. **A concepção de infância em uma perspectiva de construção social**. In: **LOCKMANN**, Kamila. (Org.) Infância(s), Educação e Governamento. Rio Grande. FURG, 2013. p. 25-37.

GRAUE, Elizabeh e **WALSH,** Daniel. *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética***.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos, SOUZA**,** José Edimar de- **Para ler, escrever e contar: Modos de ser professora no cotidiano escolar de Lomba Grande/ RS -** Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.22, n.2, p.347-370, jul./dez.2014 http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index

JUNG, Neiva Maria. **Letramento: uma concepção de leitura e escrita como prática social**. In: **BAGNO**, Marcos et al. Orgs. **CORREA**, Djane Antonucci; **SALEH**, Pascoalina Bailon de Oliveira. Práticas de letramento no ensino: leitura, escrita e discurso. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa, PR.: UEPG, 2007.

KLEIMAN, Ângela B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: KLEIMAN, Ângela B. (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15 - 64.

LEITE, Juliana Ferreira. **Letramento e religião: Influências de práticas religiosas no letramento.** (Monografia em educação) Faculdade de Educação, Universidade de Brasília- p. 8-54, 2013

LEME BRITTO, Luiz Percival. Sociedade de cultura escrita, alfabetismo e participação. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). Letramento no Brasil. São Paulo: Global, 2003. p. 47-63.

MACEDO, Emiliano Unzer. **Pentecostalismo e religiosidade brasileira.** 2007. 261f. Tese (Doutorado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes**. Interações nas práticas de letramento: o uso do livro didático e da metodologia de projetos.** São Paulo: Martins Fontes, 2005. p.37-281

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 17

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Revista Estudos Avançados**: Dossiê Religiões no Brasil. São Paulo, v. 18, n. 52, set./dez. 2004.

_____.**Sociologia do crescimento pentecostal no Brasil: Um balanço** - Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, Ano 43, Número 119, p. 11-36, Jan/Abr 2011

MARINHO, Marildes. **Letramento: a criação de um neologismo e a construção de um conceito**. In: MARINHO, M e CARVALHO, GT. (Orgs.). Cultura escrita e letramento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. P. 33 – 53.

MATTOS, Carmem Lucia Guimarães de, Fontora, Helena Amaral de. **Etnografia e educação/ organização**, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009

MONTEZZANO, Maria de Lourdes da Cunha. **Cultura religiosa protestante e rendimento escolar nas camadas populares: um estudo sobre práticas socializadoras. (**Dissertação em educação) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo- p.9- 2006.

NOGUEIRA, Gabriela Medeiros. **A passagem da educação infantil para o 1º Ano no contexto do Ensino Fundamental de nove anos: um estudo sobre alfabetização, letramento e cultura lúdica** – Pelotas, 2011. 294f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós- Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas. CDD 370

NOVAES, Regina Reyes. **Crenças religiosas e convicções políticas: fronteiras e passagens**. In: FRIDMAN, Luis Carlos (Ed.). Política e cultura. Rio de Janeiro: ALERJ/Relume Darumá, 2002.

OLIVEIRA, Ricardo Cardoso de, **O trabalho do antropólogo,** 3.ed./Brasília: Paralelo15; São Paulo: Editora Unesp, 2006

PIERRO, Gianine Maria de Souza, **Arquitetura docente: visões e construções na perspectiva da etnografia dos espaços educativos.** In. **MATTOS,** Carmem Lucia Guimarães de, Fontora, Helena Amaral de. **Etnografia e educação/ organização**, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009

PIRES, Flavia. **Ser adulta e pesquisar crianças**. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, 2007, V. 50 nº 1

RIBEIRO, Vera Masagão**, Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001.** 2. Ed. – São Paulo: Global, 2004.

ROCHA, Eloisa Acires Candall Rocha. **Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar.** P.43-50, agosto/2005

SANTOS, Felipe Alonso dos **– Relação de saberes e relações intersubjetivas: Contribuições da Educação Ambiental na construção de conhecimentos significativos na sala de aula da Educação de Campo** – Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós- Graduação em Educação Ambiental, da Fundação Universidade Federal de Rio Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental, Rio Grande, 2008.

SARMENTO, Manoel Jacinto**. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade** In**: SARMENTO,** M. J**. CERISARA,** A. B**.** Crianças e Miúdos: perspectivas sócio pedagógicas da infância e educação. Porto, Portugal: Asa Editores, 2004.

_____.**Infâncias, Tempos e Espaços: um diálogo com Manuel Jacinto Sarmento**. Entrevista concebida a Ana Cristina Coll Delgado e Fernanda Muller. Currículo sem Fronteiras, v. 6, n. 1, jan./jun. 2006. Disponível em: Acesso em: 07 jun. 2019.

SILVA, Katiane Machado da, **As práticas educativas neopentecostais na periferia: Estudo de caso-** (Tese Doutorado em educação) Faculdade em Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre- p. 30-117.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3ª ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

_____**Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001/** In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). Letramento no Brasil. São Paulo: Global, 2004. p. 105

_____. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 15 ed. São Paulo, Ática, 1997.

SOUZA, Solange Jobim, **CASTRO**, Lucia Rabello de. **Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo.** In: **CRUZ,** Silvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 52-78

SPRESSOLA, Nilmara Helena**. Currículo em ação e a temática religiosa na educação infantil: a voz das crianças.** (Dissertação em educação) Faculdade em Educação, Programa de Pós Graduação em Educação e Ciências. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos- p. 28-38

STEIN, Alejandra. **ROSEMBERG,**Célia. **La de lectura de cuentos enrehojar: matriz de oportunidades de aprendizaje para los niños**. Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [37]: 39 - 68, setembro/dezembro 2010. Acervo pessoal.

STREET, Brian. Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. 1ª Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. Tradução Marcos Bagno.

_____.**Abordagens Alternativas ao Letramento e Desenvolvimento.** Palestra apresentada durante a Teleconferência Unesco Brasil sobre 'Letramento e Diversidade. King'sCollege, Londres, 2003. Dísponível em http://pt.scribd.com/mobile/doc/101654340?width=793, último acesso em fevereiro de 2018.

_____.Perspectivas interculturais sobre letramento. Filologia, linguística portuguesa, n. 8,p. 465 – 488, 2006. Artigo disponível em www.revistas.usp.br/flp/article/download/59767/62876,último acesso em junho de 2014, último acesso em fevereiro de 2018.

_____.**Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas**. In: MARINHO, M eCARVALHO, GT. (Orgs.). Cultura escrita e letramento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.P. 33 – 53.

TFOUNI, Leda Verdiani **– Letramento e alfabetização-9.** Ed. – São Paulo: Cortez, 2010. P. 12-39